



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

FILIPPE DIÊGO CINTRA MACHADO

**ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO:
JAZIGOS E SIGNOS DA ELITE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XIX**

Recife

2017

Filipe Diêgo Cintra Machado

**ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO:
JAZIGOS E SIGNOS DA ELITE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia Histórica

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane Maria Cavalcanti de Castro

Recife

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

M149a Machado, Filipe Diêgo Cintra.
Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro : jazigos e signos da elite recifense na segunda metade do século XIX / Filipe Diêgo Cintra Machado. – 2017.

166 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Viviane Maria Cavalcanti de Castro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2017.
Inclui referências e apêndice.

1. Arqueologia. 2. Arqueologia e história. 3. Sítios arqueológicos. 4. Cemitério de Santo Amaro (Recife, PE). I. Castro, Viviane Maria Cavalcanti de (Orientadora). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-162)

FILIPPE DIÊGO CINTRA MACHADO

**ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO:
JAZIGOS E SIGNOS DA ELITE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO
SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovada em 31/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Viviane Maria Cavalcante de Castro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Cisneiros Silva Matzenberg (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^º. Dr^º. Ricardo Pinto de Medeiros (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE pelo suporte acadêmico e pelo constante engajamento do corpo docente em atender aos anseios e questionamentos surgidos no percurso do curso e ao CNPQ pelo auxílio financeiro.

Agradeço a Prof^a. Dra. Viviane Castro, que me orientou neste trabalho de forma única. Obrigado por toda a dedicação, apoio e paciência, desde as aulas de Tópicos Especiais – Prática Funerária, até as orientações minuciosas e precisas. Sua importância está destacada nas linhas desta dissertação.

Agradeço ao Prof. Dr. Scott Allen, agradeço pelas várias ideias, discussões e debates das aulas de Seminário de Dissertação e Técnica de Pesquisa Arqueológica 2 – com a escavação no Monjope. Sua contribuição foi fundamental e me fez refletir sobre meu objeto de estudo e melhorá-lo diante de perspectivas modernas da arqueologia.

À Prof^a. Dra. Daniela Cisneiros, que na disciplina de Teoria e Métodos em Arqueologia, indagou e questionou vários pontos da minha pesquisa, o que me fez refletir, ainda mais, sobre meu projeto de estudo e como expressar as ideias de forma mais organizada.

À Prof^a. Dra. Gisele Felice, agradeço por toda a paciência e disposição em apresentar os primeiros passos práticos do processo de escavação arqueológica e a importância do quanto o trabalho do arqueólogo está além da atividade de escavação, e se completa com o a compreensão do ambiente do próprio sítio.

À Prof^a. Cláudia Oliveira, por destacar aspectos do passado brasileiro através do fragmento cerâmico e da interação social do arqueólogo. A visita à comunidade de Carrapicho, em Sergipe, possibilitou a ampliação das perspectivas sociais do trabalho arqueológico.

Agradeço ainda aos demais professores desta instituição, bem como ao pessoal da coordenação, em especial a Luciane Borba que esteve sempre solícita em todos os momentos em que se necessitava de sua ajuda.

Aos meus colegas de curso: Álvaro, Bruno, Fábio, Jouldes, Leonardo, Maria Aparecida, Marta, Nicodemos, Vanessa e os demais que participaram de disciplinas isoladas, mas que fazem parte destas lembranças. Graças a todos foi possível rir nos momentos de maior aflição, dividir minhas dúvidas e aprender com todos.

De forma especial, a minha família, minha esposa Erica e minhas filhas Laura e Sofia que me apoiaram e estiveram ao meu lado durante esse percurso. Superamos em conjunto os momentos de afastamentos e ausências. Só tenho a agradecer-lhes por tudo.

A meus pais Gilson e Marley e a irmãos Nicole e Túlio que sempre me deram força e apoio para continuar nesta jornada. Aos meus sogros Eduardo e Zuleide – como pais – me apoiaram e me ajudaram de forma incondicional em todas as decisões tomadas. Não saberia como agradecer-lhes.

Meu respeito e gratidão a todos.

RESUMO

O presente trabalho se enquadra no universo das representações sobre a morte na sociedade recifense no interior do cemitério de Santo Amaro na segunda metade do Século XIX. Encontrou seu arcabouço teórico, em especial nos estudos cemiteriais, dentro da arqueologia histórica, onde os cemitérios, como sítios arqueológicos, podem ser estudados enquanto uma representação do passado. Para tanto, o questionamento formulado diz respeito a que grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos do Cemitério de Santo Amaro na segunda metade do século XIX. E, diante desta pergunta, formulou-se a hipótese de que os jazigos representam, na sua maioria, grupos da elite recifense do século XIX. Objetivou-se compreender que grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos do cemitério de Santo Amaro entre 1851-1900. Diante disso, buscou-se abordar os aspectos cemiteriais, rituais e mesmo estruturais – dos jazigos e dos signos, dos indivíduos sepultados. Os dados analisados demonstram haver distinção social no interior do cemitério e essas diferenças são perceptíveis através dos jazigos, dos signos utilizados para a decoração tumular e da própria localização do sepultamento. Essas distinções ressaltam que o processo de mudança dos sepultamentos das igrejas para o cemitério extramuros perpetuou e, até mesmo, ampliou as questões de caráter social, político, econômico, cultural e religioso. Conclui-se, portanto, que aspectos da vida cotidiana dos vivos podem ser observados no interior dos cemitérios extramuros.

Palavras chaves: Arqueologia Histórica. Arqueologia Funerária. Cemitério de Santo Amaro.

ABSTRACT

The present work fits the universe of representations about death in Recife society in the interior of the Santo Amaro' cemetery in the second half of the 19th century. He found his theoretical framework, especially in cemiterial studies, within historical archeology, where cemeteries, as archaeological sites, can be studied as a representation of the past. For that, the formulated questioning refers to which socioeconomic groups are represented in the deposits of the Santo Amaro' cemetery in the second half of the nineteenth century. And, facing this question, it was hypothesized that the deposits represent, for the most part, groups of the Recife elite of the nineteenth century. The objective was to understand that socioeconomic groups are represented in the deposits of the Santo Amaro' cemetery between 1851-1900. In the face of this, we sought to address the cemiterial, ritual and even structural aspects – of the deposits and the signs, of the buried individuals. The analyzed data show that there is a social distinction within the cemetery and those differences are perceptible through the deposits, of the signs used for the decoration of the tomb and the location of the burial. These distinctions emphasize that the process of shifting church burials to the cemetery outside the walls has been perpetuated and even expanded social, political, economic, cultural, and religious issues. It is concluded, therefore, that aspects of the daily life of the living can be observed within the cemeteries outside the walls.

Key words: Historical Archeology. Funerary Archeology. Santo Amaro's Cemetery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Localização do Cemitério de Santo Amaro em 1876.....	20
Figura 2 –	Área de Santo Amaro em 1827.....	26
Figura 3 –	Detalhe da ornamentação e decoração característica do século XIX, presente no cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	29
Figura 4 –	Figura de Anjo. Jazigo número F28 da quadra 1, do quarteirão 3. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	32
Figura 5 –	Inscrição da palavra “Família”. Jazigo número F2 da quadra 3, do quarteirão 25. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	34
Figura 6 –	Detalhe da inscrição destacando a posição social do falecido. Jazigo número F3 da quadra 1, do quarteirão 12. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	37
Figura 7 –	Planta das quadras, quarteirões alamedas e ruas do Cemitério de Santo Amaro. Original exposto no próprio cemitério, Recife.....	53
Figura 8 –	Marco determinando a numeração da quadra 3, exposto no cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	55
Figura 9 –	Numeração do jazigo F10 da quadra 1, do quarteirão 3. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	55
Figura 10 –	Planta da cidade do Recife em 1808. Original de José Bernardes Portugal	61
Figura 11 –	Planta Ampliada da Cidade do Recife em 1855 destacando a área pouco ocupada pela população.....	66
Figura 12 –	Localização do Cemitério de Santo Amaro e sua proximidade com o centro urbano no ano de 1870.....	69
Figura 13 –	Ossuário da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. Recife, PE.....	72
Figura 14 –	Carneiros da Ordem Terceira de São Domingos. Salvador, BA.....	72
Figura 15 –	Áreas mais densamente povoadas do Recife Áreas mais densamente povoadas do Recife e a proximidade com o Cemitério de Santo Amaro em 1875.....	81
Figura 16 –	Região dos arrabaldes em 1875.....	82
Figura 17 –	Modelo de caixão criado pelo Conselho de Geral de Salubridade Pública	83
Figura 18 –	Detalhe da datação do jazigo número F1 da quadra 2, do quarteirão 14. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	90
Figura 19 –	Túmulo e Ossuário de número F21 da quadra 1, do quarteirão 4. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	93
Figura 20 –	Túmulo de número F39 da quadra 1, do quarteirão 3. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	94

Figura 21 – Mausoléu de número F38 da quadra 2, do quarteirão 17. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	95
Figura 22 – Ossuário de número F66 da quadra 1, do quarteirão 12. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	96
Figura 23 – Distribuição dos jazigos no Cemitério de Santo Amaro.....	114
Figura 24 – Jazigo número F59 da quadra 2, do quarteirão 13. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.....	125
Figura 25 – Detalhe da ausência do nome da mulher no mausoléu no qual foi sepultada. Jazigo F58 da Quadra 2 do Quarteirão 13.....	133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Sexo.....	87
Gráfico 2 –	Tipo de Enterramentos.....	88
Gráfico 3 –	Tipo de Jazigo.....	91
Gráfico 4 –	Quantidade de Indivíduos nos Jazigos.....	98
Gráfico 5 –	Matéria Prima.....	99
Gráfico 6 –	Distribuição dos signos em relação aos jazigos.....	101
Gráfico 7 –	Signos de Nobreza e Distinção Social.....	103
Gráfico 8 –	Signos de Nobreza e Distinção Social. – Títulos mais encontrados.....	104
Gráfico 9 –	Signos Militares.....	106
Gráfico 10 –	Signos Antropomorfos.....	107
Gráfico 11 –	Signos Zoomorfos.....	108
Gráfico 12 –	Signos Fitomorfos.....	110
Gráfico 13 –	Signos Ligados ao Fogo.....	111
Gráfico 14 –	Signos de Representação de Objetos.....	112
Gráfico 15 –	Signos de Representação de Objetos mais comuns.....	113
Gráfico 16 –	Sexo X Signos (antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, ligados ao fogo e representação de objetos).....	116
Gráfico 17 –	Nobreza e Distinção Social X Sexo.....	118
Gráfico 18 –	Matéria Prima X Tipos de Jazigos.....	121
Gráfico 19 –	Tipo de Jazigos X Nobreza e Distinção Social.....	123
Gráfico 20 –	Tipo de Jazigos X Nobreza e Distinção Social 2.....	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Alv.	Alvenaria
Bar.	Barão
Bsa.	Baronesa
Cap.	Capitão
Cap. Fra.	Capitão de Fragata
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
Com. or	Comendador
Cons.	Conselheiro
Cel.	Coronel
Des. or	Desembargador
Dr.	Doutor
EMLURB	Empresa Metropolitana de Limpeza Urbana
Fe.	Ferro
Func.	Funcionário
Gen.	General
Maj.	Major
Sen.	Senador
Ten.	Tenente
Ten. Cel.	Tenente Coronel
V.de	Visconde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONCEITOS, PERSPECTIVAS TEÓRICAS, MATERIAL E MÉTODO	28
2.1	CONCEITOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	28
2.1.1	A arqueologia histórica e os estudos cemiteriais	28
2.1.1.1	O conceito de cemitério.....	38
2.1.1.2	Os estudos cemiteriais.....	39
2.1.1.3	A implantação dos cemitérios.....	41
2.1.2	A arqueologia funerária	45
2.1.2.1	O conceito de ritual funerário.....	47
2.2	MATERIAL E MÉTODO.....	52
2.2.1	Critérios para coleta dos dados	52
2.2.2	Da descrição dos jazigos	54
3	O RECIFE, A SOCIEDADE E O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO..	60
3.1	O RECIFE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO.....	60
3.2	A SOCIEDADE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.....	70
3.3	ASPECTOS HIGIENISTAS NA SOCIEDADE RECIFENSE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.....	73
4	DISCUSSÃO E RESULTADOS	86
4.1	RESULTADOS.....	86
4.1.1	Da identificação tumular	86
4.1.2	Do sexo dos indivíduos	86
4.1.3	Do tipo de enterramento	87
4.1.4	Dos tipos de jazigos	91
4.1.5	Da quantidade de indivíduos nos jazigos	97
4.1.6	Da matéria prima	98
4.1.7	Da tipologia funerária	99
4.1.7.1	Dos tipos de signos.....	101
4.1.7.2	Dos signos de nobreza e distinção social.....	102
4.1.7.3	Dos signos antropomorfos.....	107
4.1.7.4	Dos signos zoomorfos.....	108
4.1.7.5	Dos signos fitomorfos.....	109
4.1.7.6	Dos signos ligados ao fogo.....	110
4.1.7.7	Dos signos de representação de objetos.....	111
4.1.8	Distribuição espacial dos jazigos	113
4.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	115
4.2.1	Sexo X signos (antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, ligados ao fogo e representação de objetos)	115
4.2.2	Nobreza e distinção social X sexo masculino	117
4.2.3	Matéria prima X tipos de jazigos	121
4.2.4	Tipo de jazigo X nobreza e distinção social	123
4.2.5	Da verificação de existência de regularidades ou diferenças que possam	

	representar a sociedade dos vivos.....	126
4.2.6	Da espacialidade dos jazigos no interior do cemitério.....	127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
	REFERÊNCIAS.....	136
	APÊNDICE A – PLANILHA DOS JAZIGOS DO SÉCULO XIX NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO.....	142

1 INTRODUÇÃO

É importante destacar o porquê deste trabalho de mestrado, quais as inspirações e quais as intenções e ensinamentos que se podem extrair dele após seu término. Vale dizer, também, que a presente dissertação surgiu do interesse constante em buscar uma compreensão mais aprofundada das diversas relações existentes entre as sociedades e entre os indivíduos que se inserem nessa sociedade. Sendo mais preciso ainda, o elemento humano da sociedade recifense que por aqui se estabeleceu na segunda metade do século XIX.

Porém, devemos ser mais precisos com relação a essa demarcação, de onde ela aparece e por que ela surge tão bem recortada no tempo? De logo, é interessante dizer que estudar as sociedades é estudar as suas características e suas mudanças e permanências nos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos. Portanto, utilizando os preceitos da Arqueologia, se buscou tratar da sociedade recifense objetivando alcançar um entendimento e a sua contextualização através da análise de um artefato material que perdura, de forma bastante manifesto, até os dias atuais, evidenciados através da arte tumular. Por isto, a escolha dos jazigos, enquanto elemento de análise se justifica pelas permanências sobre eles fixadas.

De imediato, o conceito de jazigo nos aparece com significância, já que é através dele que se buscará alcançar os pontos fundamentais desta dissertação. Assim, seguindo o posicionamento de Lima (1994) os jazigos podem ser entendidos como o local onde são sepultados os cadáveres em número de um ou mais indivíduos, além de não importar as condições da inumação dos restos mortais ou da estrutura que se construiu. No que diz respeito a esses elementos o jazigo pode ser configurado estruturalmente como: túmulo, ossuário e mausoléu (LIMA, 1994, p. 96). Ao longo de todo o texto, será possível observar que, além desta classificação estabelecida por Lima (1994), foi acrescentada outra possibilidade de estudo dos jazigos, qual seja: a ideia de túmulo e ossuário.

Portanto, dessa ideia inicial, apareceu quase que em consonância a intenção de unir as duas temáticas e de se trabalhar essa abordagem, estudando o Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção – atualmente conhecido por Cemitério de Santo Amaro e a partir de então assim denominado neste trabalho. E, apesar do fato de que o cemitério havia sido concebido e planejado na primeira metade do século XIX, sua inauguração e utilização somente se

iniciaram em 1851, portanto, nele estavam reunidos os jazigos de uma comunidade que possibilitava o estudo.

Tais jazigos continham elementos que, em sendo analisados, poderiam ajudar a revelar as facetas de uma sociedade que não mais existia, contudo havia deixado suas marcas no tempo, isto é, nos jazigos. O trabalho correspondeu à análise desses dados coletados e a coleta do material que perdurou no local desde a inauguração do Cemitério de Santo Amaro, até os dias atuais, período no qual aquela sociedade recifense viveu e sepultou seus mortos.

Devemos, também, de imediato destacar que o referido cemitério se tornou o principal e mais importante da cidade e do próprio Estado (outrora província de Pernambuco) e um dos mais importantes do Brasil, haja vista as inúmeras autoridades que fizeram parte do Império e da República do Brasil, que se encontram lá sepultadas.

Diante destes aspectos, alinhado a dinâmica acadêmica do curso de arqueologia, a obra de Pearson (1982), que analisava os cemitérios das cercanias de Cambridge, na Inglaterra, discutia os princípios que ligam a cultura material da prática funerária Vitoriana às relações sociais. Para aquele autor, “It is externalisation of concepts through material expression, a supposedly autonomous force which acts reflexively on humans as they produce it and is thereby instituted as a form of ideological control.”¹ (PEARSON, 1982, p. 101). Em suas palavras é possível compreender a existência de forças autônomas que atuam de maneira reflexiva sobre os homens à medida que eles as produzem e, assim, atuam como uma forma de controle ideológico do próprio homem.

A análise da cultura material, para Pearson, possibilitou a reconstituição de sistemas sociais e isso é o que ele realiza na comunidade de Cambridge, Inglaterra, quando aprecia a dinâmica dos “papeis” desempenhados pelos falecidos perante os contextos sociais e pessoais. Esta visão aprofunda o conhecimento das práticas funerárias em determinado período e, mais ainda, aprofunda as concepções sobre as representações advindas deste processo de análise.

Assim, a realização de uma pesquisa que unisse a arqueologia e a história, se mostrava bastante clara e evidente, já que o cemitério proporcionava as condições para encontrar os artefatos que possibilitariam a interpretação do como e do porque aquela

¹ É a externalização dos conceitos através da expressão material, uma força supostamente autônoma que atua de forma reflexiva sobre os seres humanos à medida que eles a produzem e é assim instituída como uma forma de controle ideológico.

sociedade realizava tais e quais ações perante a morte e como isso deveria refletir a divisão social para o interior do cemitério. Afinal de contas, era de fundamental importância chegar ao entendimento de como o cemitério servia ao interesse das classes sociais dominantes, “... no discurso religioso a igualdade dos homens perante a morte sempre é destacada, mas na realidade social esta igualdade não existe.” (BELLOMO, 2008, p. 44).

Ainda neste contexto das explicações iniciais, deve-se acrescentar que para se buscar maior especificidade, tratou-se de analisar um recorte histórico mais acurado, isto é, a sociedade do Recife da segunda metade do século XIX – 1851-1900. E, essa periodização, ocorre devido ao fato de que é nesta data que foi inaugurado o cemitério de Santo Amaro e tal evento reúne uma gama considerável de circunstâncias que alteram por demais a vida social daquele Recife Oitocentista. A principal e mais marcante é justamente o fato de que, pela primeira vez, em terras brasileiras, desde a chegada dos cristãos, vindo de Portugal, se inicia a mudança tão drástica com a alteração do local de enterramento, pois se deixava o interior e o átrio das igrejas para iniciarem-se os sepultamentos em locais afastados e, principalmente, fora dos templos católicos, por diversas vezes denominados de “campos santos”.

Alinhado a essas ideias e a esse entendimento, há de se pensar o porquê de estudar tal sociedade, já que a mesma já foi bastante analisada e esmiuçada ao longo dos estudos arqueológico, histórico, antropológico, etc. Contudo, o que se buscou observar, agora, foi como esta sociedade poderia ser observada diante de um novo ângulo, uma nova perspectiva. Portanto, para esta análise, uniu-se à arqueologia, a ação do historiador, para que as concepções e entendimentos pudessem ser reelaborados diante de uma nova interpretação. E essa interpretação, deveria, agora, apresentar uma visão daquela sociedade por um ângulo que nunca havia sido realizado nesta cidade.

Desta forma, uniram-se às teorias arqueológicas a histórica para proporcionar uma observação que tem por embasamento científico a cultura material existente no interior do cemitério de Santo Amaro e que subsidia as interpretações a que se chegou a respeito do que ocorria em vários aspectos da vida de uma parcela significativa daquela sociedade recifense na segunda metade do século XIX. E, como essa parcela social poderia influenciar a formação do estabelecimento cemiterial que se iniciava.

Então, fica evidente que o presente trabalho busca uma abordagem na qual a arqueologia insere-se aos aspectos da história, onde a intenção é ir além das questões

estritamente arqueológicas do estudo do artefato ou mesmo da mera análise histórica várias vezes realizadas. O objetivo é o de buscar a interação entre este elemento e o meio social produzido pelo homem no seu fazer histórico. Logo, faz-se importante destacar algumas questões determinantes para que este trabalho pudesse fluir de maneira a satisfazer os seus objetivos, como, por exemplo, aspectos de cunho históricos e historiográficos devem ser assuntos tratados ao longo de todo o processo de construção textual e serão abordados de forma a perfazer um caminho que torne possível, detectável e destacável, diante do universo de compreensão arqueológica do artefato – jazigos –, analisados de maneira a tornar a correlação ampla e discutível diante dos objetivos históricos sociais pretendidos.

Desta forma, a questão do que se pretende abordar com este trabalho, através dos aspectos representativos observados nos objetos materiais dos jazigos do cemitério são as representações que aquela sociedade Oitocentista do recifense deixou permeada na arte tumular dos jazigos. Assim, a análise dos jazigos e, esses devem ser compreendidos de forma ampla para que se possa, inclusive, englobar as concepções de túmulo. Portanto, quando adotamos a ideia de túmulo, neste trabalho, estamos incluindo-o dentro dos aspectos da análise dos jazigos e não na definição de túmulo enquanto esse é estabelecido pela historiografia francesa que o especifica para representar qualquer monumento erguido em homenagem ao morto ali sepultado (VIOLLET-LE-DUC apud CARRASCO; NAPPI, 2009, p. 48). Como afirma Bellomo “O ponto de partida da arte funerária de grande parte foi a concepção de que o túmulo é a morada dos mortos e, como tal, deveria reproduzir a morada dos vivos.” (BELLOMO, 2008, p. 44), mas as palavras de Bellomo não contradizem a nossa intenção de incluir os túmulos na análise dos jazigos.

Dito isso, se partiu para analisar as fontes bibliográficas e dentre elas as obras de Ariès (2013) que trata de forma ampliada os aspectos da relação entre o homem e a morte; Lima (1994) ao discutir os cemitérios cariocas Oitocentistas; Motta (2009) ao tratar dos aspectos sociais que envolvem a arte funerária; Reis (2012) que discute de forma extraordinária aspectos sociais no processo de mudança ocorrido na implantação do cemitério de Salvador, mas que discute o Brasil Oitocentista como um todo; Rodrigues (1995) abordando as tradições funerárias do no Rio de Janeiro, e Castro (2007) que traz a discussão para terras recifenses.

Destarte, partindo desta percepção e diante das análises concebidas por esses autores, pretende-se, apoiado na historiografia existente sobre o referido cemitério, buscar e

estabelecer a organização dos grupos humanos que foram lá sepultados e como essa organização pode representar os padrões sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos da sociedade recifense na segunda metade do século XIX. Tornando assim, possível entender que o interesse está em se relacionar a distribuição destes grupos humanos falecidos no interior das diversas quadras dos diversos quarteirões que compõem o desenho geométrico do referido cemitério e o que se poderia estabelecer diante do que era observável na sociedade da cidade do Recife Oitocentista.

Deve-se acentuar que este trabalho não busca identificar as famílias ali sepultadas, mas apenas, diante da análise artefactual dos jazigos, compreender as relações estabelecidas pela sociedade recifense e sua representação no interior do cemitério de Santo Amaro, na metade final do século XIX. Assim, não será objeto deste trabalho, aprofundar aspectos familiares e pessoais ou individuais de cada uma das famílias que enterraram seus entes neste cemitério. Ademais, qualquer referência que este trabalho venha a fazer através de imagens ou citação da arte tumular, será sempre resguardando a identidade e a individualidade do falecido e de sua respectiva família.

Historicamente, o local onde atualmente (desde 1851) se localiza o cemitério de Santo Amaro fora, de certa forma, uma área pouco valorizada urbanisticamente, no sentido de atração de empreendimentos voltados para a cidade do Recife. E, desde os primórdios da colonização, a região, outrora alagadiça, servia de passagem, apenas, para a ligação entre Olinda e o seu porto que se encontrava onde hoje é o Recife. Esse elemento histórico-geográfico é importante porque quando se adentra na explanação da concepção e construção do cemitério, esses fatores terão grande prevalência.

Por isso, é importante demonstrarmos que na constituição histórica do bairro, Casé (2005) já destaca o fato de que desde a perda dos valores militares (estratégicos) do local que “... serviu de cenário para muitas batalhas entre pernambucanos e holandeses devido a sua posição privilegiada.” (CASÉ, 2005, p. 209), populações pouco abastadas lá se situaram. E desta forma “Santo Amaro, localizado ao norte da cidade do Recife, entre o município de Olinda e o bairro da Boa Vista, assim, permaneceu durante muito tempo, como um pequeno e disperso aglomerado, situado em meio a extensos manguezais.” (CASÉ, 2005, p. 210).

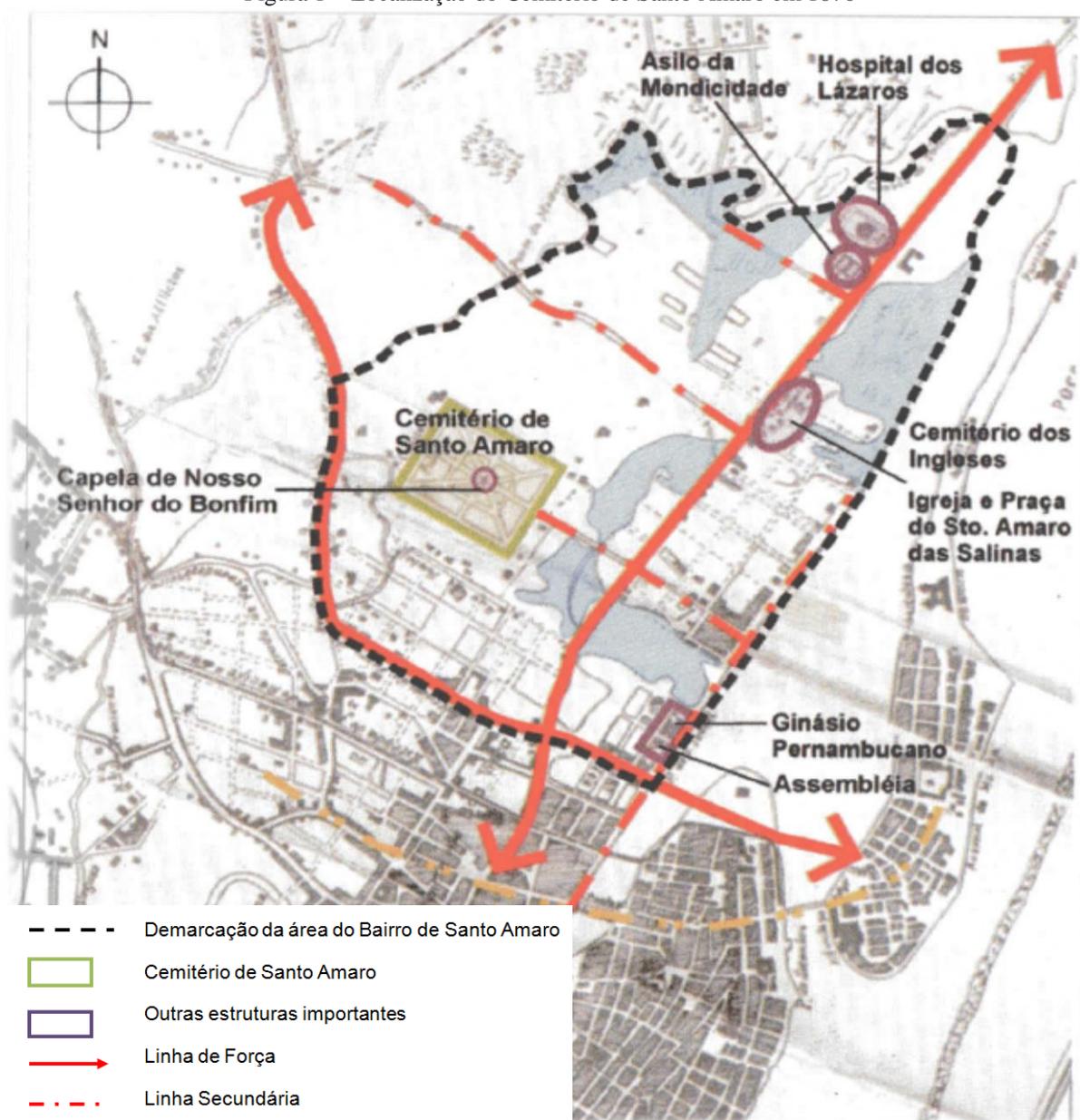
O que se observa é que o planejamento e a constituição do cemitério se encontram cercados por aspectos que devem ser buscados e observados diante de uma perspectiva

histórica e, desta forma, contextualizada para ampliar as possíveis interpretações que possam advir destas, uma perspectiva histórico-arqueológica. Na Figura 1, abaixo, é possível observar que a região já contava, na inauguração do cemitério de Santo Amaro, com o Hospital de Lázaros² que havia sido inaugurado no século anterior e com o cemitério dos Ingleses, inaugurado em 1814. Posteriormente, em 1870, a área ganharia, também, o Asilo da Mendicidade³. Tais elementos encontram-se destacados na imagem, juntamente com outros aspectos que compunham o futuro Bairro de Santo Amaro, como as linhas de forças principal e secundária. Portanto, aquele espaço da cidade era destinado aos negócios indesejáveis, já que eram necessários, mas não deveriam ficar à vista de todos os cidadãos.

² <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/3x7tj>

³ <http://www.santacasarecife.org.br/unidades/hospital-santo-amaro/>

Figura 1 – Localização do Cemitério de Santo Amaro em 1876



Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual de Pernambuco

Neste sentido, Burke (2005) afirma a paráfrase nas ideias de Burckhardt e Huizinga e parafrazeando Young que: “o historiador pinta o “retrato de uma época”...” (BURKE, 2005, p. 10). Então, se quando trabalhamos com a história é possível tratar de um recorte de tempo e analisa-lo em suas particularidades, ao trabalharmos com a arqueologia percebemos realizar análises demarcadas pelas ideias de uma sociedade que, muitas vezes já não existe mais, já que se modificou ao longo dos tempos.

Desta forma, é possível encontrar no cemitério de Santo Amaro os vestígios materiais que possibilitem uma compreensão daquela sociedade recifense que sepultava seus indivíduos naquele cemitério. O próprio Burke (2005), afirma que a questão da cultura não se coloca isolada e deve ser observada em todos os contextos e, para confirmar sua teoria, cita Thompson e sua obra: A formação da classe operária inglesa onde “Thompson não se limita a analisar o papel desempenhado pelas mudanças econômicas e políticas na formação de classe, mas examina o lugar da cultura popular nesse processo.” (BURKE, 2005, p. 19). Podemos incluir nesta concepção cultural a própria relação dos homens com a morte, já que através dela é possível retirar diversas conclusões sobre as sociedades. Steyer (2008, p. 62) vai além ao afirmar que para Morin a consciência da chegada da morte traumatiza o indivíduo diante da perda da individualidade.

Assim, o processo de desenvolvimento do presente trabalho se apresenta enquanto elemento de enquadramento, análise e compreensão do contexto social, econômico, político, cultural e religioso que envolve situações cotidianas da arqueologia atual. Neste sentido, devemos ter em mente que o objetivo deste trabalho se encontra pautado por questionamentos e discussões que envolvam as representações da sociedade recifense no interior do cemitério de Santo Amaro na segunda metade do século XIX no Recife. Feito isso, devemos entender de qual maneira estes enterramentos podem ser observados de forma a configurarem uma representação daquela sociedade.

Na continuidade, pode-se evidenciar que a arte, que acompanha os jazigos, se encontra distribuída de acordo com a divisão realizada por Bellomo (2008, p. 15-21), em tipologias cristãs, alegóricas e cívico-celebrativas. E, cada uma dessas, compreende uma gama de signos que apresentam sentidos e expressões que são ao mesmo tempo reflexo de suas próprias concepções (cristãs, alegóricas e cívico-celebrativas) e, também, manifestações de uma estrutura social que foi se estabelecendo e se formando ao longo dos vários períodos.

Ademais, se torna primordial esta distinção entre as tipologias, já que elas estão condicionadas a uma era e a um determinado contexto social, econômico, político, cultural e religioso. Essas representações puderam ser bem entendidas quando se tratou do trabalho de campo, “*in loco*” no cemitério de Santo Amaro, já que foi possível a observação destas distinções e elaborações tipológicas como representação de um determinado elemento da composição da subjetividade de cada indivíduo falecido e devidamente sepultado naquele cemitério. E a “... representação simbólica seria então uma forma de comunicação, em que a

cultura e os padrões sociais seriam, tais como um objeto, uma letra, uma escultura...” (DALMÁZ, 2008, p. 98). Ele ressalta, exatamente, a importância desta representação simbólica para demarcar a existência do indivíduo e as percepções deste indivíduo e de seus entes sobre a morte.

Assim, torna-se atrativa a ação de trabalhar com o artefato material, que em nosso caso trata-se dos jazigos – compreendidos os túmulos, túmulos e ossuários, mausoléus e ossuários – até mesmo porque é propício que o “... tempo enfraquece a memória, e a relação entre os antepassados e seus descendentes vai aos poucos desaparecendo.” (BELLOMO, 2008, p. 51). Por isso mesmo, o resgate desta memória tem um caráter social, econômico, político, cultural e religioso, já que se encontra carregado de condições e resguarda as características de um tempo passado que somente é resgatado com o processo arqueológico da prática dos estudos funerários.

Portanto, diante de um trabalho que busca trazer à tona concepções embasadas na arqueologia histórica dos sepultamentos inseridos no Cemitério de Santo Amaro, o problema surge de maneira quase evidente, uma vez que se torna necessária uma compreensão dos aspectos ligados aos fatores socioeconômicos, políticos, culturais e religiosos inerentes a comunidade do Recife Oitocentista. Assim, para satisfazer essas premissas, o presente trabalho tem como problema: que grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos do Cemitério de Santo Amaro na segunda metade do século XIX?

Como já dito anteriormente, esse questionamento encontra seu arcabouço ideológico em Pearson (1982), que ao analisar os cemitérios de Cambridge, Inglaterra, determinou que os aspectos sociais interferem e atuam como elemento de ligação entre a cultura material à prática funerária. Neste sentido, destaca-se o trabalho de Leite, ao afirmar que dentro de classes sociais mais abastadas, como a burguesia e a nobreza gaúcha do final do século XIX e início do XX, os túmulos poderiam representar-se distintamente (LEITE, 2008, p. 235). Leite percebe nos cemitérios gaúchos, distinções sociais. Distinções, essas, que se pretende objetivar aqui no cemitério de Santo Amaro. Diante da pergunta, chega-se a hipótese de que os jazigos representam na sua maioria, grupos da elite recifense do século XIX.

Essas distinções, em muitos casos, só são passíveis de observação em se estudando os tanto os jazigos quanto os seus elementos. Lima (1994) estabelece seu estudo sobre os cemitérios cariocas sob o arcabouço de uma tríade estabelecida da seguinte forma: túmulos,

ossuários e mausoléus. E, apesar de concordarmos inteiramente com essa separação é importante, contudo, ao realizar o trabalho apoiar-se nas condições singulares impostas por cada cemitério enquanto campo de estudo já que os questionamentos a serem respondidos se apresentam de maneiras diversas. Portanto, neste trabalho buscou-se ampliar o número de elementos que compõem a estrutura dos jazigos para: túmulos, ossuários, mausoléus e túmulos e ossuários.

Ainda no sentido das mudanças, Motta (2009) destaca que, na cidade do Rio de Janeiro onde surgiram vários cemitérios secularizados em um curto período de tempo, a divisão se deu através dos próprios cemitérios. Sendo destacado por esse autor que, enquanto no Cemitério do Catumbi se sepultava a elite nobiliárquica do império, no cemitério do Botafogo (São João Batista) eram enterrados membro dos primórdios da República (MOTTA, 2009, p. 68 e 69).

Tal fato não ocorre no Recife, construção de vários cemitérios em pequeno espaço temporal, à exceção do cemitério dos Ingleses, construído em 1814, mas que tinha por finalidade sepultar outros indivíduos de religião diversa da católica e que fora instituído por ordem de D. João. Contudo, em nossa hipótese buscou-se encontrar no interior do Cemitério de Santo Amaro as diferenças sociais, para compreender como a comunidade recifense se fez representar dentro do intramuros do cemitério, analisando-se os pormenores que condicionaram essa caracterização.

Portanto, esta pesquisa teve como objetivo principal, compreender que grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos do cemitério de Santo Amaro na metade final do século XIX – 1851-1900. Os jazigos devem, assim, ser percebidos como elementos que podem possibilitar uma análise social, econômica, política, cultural e religiosa do todo e essa análise deve, ao final, proporcionar uma compreensão arqueológica do período estudado e do próprio cemitério.

Desta forma, os objetivos específicos devem tornar evidenciadas a identificação e individualização dos túmulos. Bellomo (2008) aborda os aspectos da arte funerária enquanto elemento de distinção para caracterização dos túmulos. Em sua ação de explicação classificatória, o autor demonstra como esses elementos podem representar tanto a vontade do falecido quanto a satisfação dos que buscam resignificá-lo.

A morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideológicas. Deste modo, a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes para o conhecimento histórico. (BELLOMO, 2008, p. 13).

Assim, para alcançar este objetivo principal elencaram-se os seguintes objetivos específicos:

1. Estabelecer as características dos jazigos, identificando os aspectos e condições individuais dos mesmos dentro do Cemitério de Santo Amaro; 2. Identificar os signos (nobreza e distinção social, matéria prima, antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo, ligados ao fogo, e representação de objetos); 3. Verificar a existência das regularidades ou diferenças que possam representar a “sociedade dos vivos” e 4. Analisar a distribuição espacial dos jazigos no interior do cemitério.

Portanto, o que será demonstrado nestas próximas páginas é como essa ação foi realizada e como o material analisado – os jazigos, através da arte que os compõe – pode deixar transparecer de forma bastante evidente as condições com que a sociedade do Recife se fazia representar no interior do intramuros do cemitério de Santo Amaro. E, ao concluir, ficará a resposta sobre as indagações acerca de serem ou não esses elementos representativos da sociedade recifense.

No capítulo primeiro procurei apresentar os conceitos com que trabalhei nesta dissertação, conceitos como os de arqueologia histórica e como podemos utilizar os aspectos da história e das demais ciências afins para nos cercarmos enquanto arqueólogos para a feitura de um trabalho abrangente. Também o conceito de cemitério como elemento carregado de simbolismos e representações, além das mazelas e orientações de caracteres variados dos que o utilizaram ao longo do período estudado – segunda metade do século XIX.

Buscou-se tratar, também, dos estudos cemiteriais e como esses estudos se desenvolveram e estão sendo realizados ao longo dos tempos, sem esquecer de destacar o quanto eles são importantes quando se pretende encontrar um modelo, ou elemento de união para delinear uma sociedade. Apresentei ainda neste capítulo argumentos sobre a implantação dos cemitérios nas sociedades: a sua criação e reformulação ao longo dos tempos, mas dando sempre ênfase aos períodos próximos ao estudado para que se pudesse compreender como se alcançou, a partir do século XIX o modelo de prática cemiterial que se adota no período em destaque.

Por fim, este capítulo tratou de demonstrar os conceitos de arqueologia funerária e de rituais onde o objetivo era demonstrar que este trabalho não pretendia ficar arraigado aos aspectos da análise arqueológica do artefato, mas sim, aprofundar o conhecimento proporcionado pelos jazigos – enquanto elemento material – para proporcionar uma visão ampla e que, ao final, pudesse resultar em uma abordagem social, econômica, política, cultural e religiosa onde o cemitério de Santo Amaro se insere na cidade do Recife, porém, mais ainda, como a sociedade utiliza aquele espaço para se representar.

No capítulo segundo, tratou-se do Recife, mais especificamente da sociedade e do cemitério. Quanto ao Recife, buscou-se abordar a sociedade recifense e os rituais que faziam parte de suas crenças e práticas funerárias. Além disso, foram apresentadas, neste capítulo, as condições higienistas que caracterizaram mudanças significativas e que marcaram o período histórico que se iniciou no final do século XVIII e início do XIX, embora só venha a ganhar força maior no Brasil no século XIX em que os “... vários setores da sociedade atuaram nesse processo, agregando forças a ponto de tornar intoleráveis os antigos costumes e implementar os cemitérios em todas as cidades.” (CYMBALISTA, 2002, p. 71). Ora o Recife não ficou a margem dessas mudanças e como tal alteraram a paisagem social, econômica, política, cultural e religiosa da cidade.

Assim, essas mudanças higienistas foram um fato de extrema importância na transformação pela qual a cidade do Recife passou ao longo do século XIX e que culminou com a construção do cemitério de Santo Amaro e a proibição dos sepultamentos no interior das igrejas. Foi discutido, também, o contexto que levou a escolha do local para a construção do cemitério de Santo Amaro, que estiveram condicionadas a diversas variáveis de caráter histórico-geográficas e que foram abordadas com o intuito de demonstrar aspectos de caráter social envolvidos nesta condição. Como se observa na figura 2, abaixo, é possível perceber que em 1827 a área aonde viria a ser construído o referido cemitério não atendia a demanda socioeconômica da cidade do Recife. Era uma área pouco valorizada habitacionalmente, o que de certa forma, atendia as necessidades do momento.

Figura 2 – Área de Santo Amaro em 1827.



Fonte: José Luís da Mota Menezes.

O capítulo terceiro foi o que abordou a metodologia aplicada ao trabalho, como foram realizadas as ações de coleta de dados “*in loco*” no cemitério, a escolha da temporalidade, isto é, a explicação do porquê selecionar o período determinado para esta pesquisa e qual a importância desta seleção temporal e, para concluir este capítulo, foi realizada a seleção de quais variáveis deveriam ser as escolhidas para proporcionar uma amplitude e uma amostragem real dos jazigos.

O Capítulo quarto tratou da discussão dos resultados e é neste capítulo onde são apresentados os resultados obtidos, onde são demarcados os elementos que ficaram evidenciados na pesquisa realizada durante o trabalho de campo no interior do cemitério de Santo Amaro e na coleta dos dados observados tanto *in loco* no cemitério como fora dele na

análise das fotografias que permearam toda a pesquisa e que serviram como elemento primordial para o detalhamento dos trabalhos.

2 CONCEITOS, PERSPECTIVAS TEÓRICAS, MATERIAL E MÉTODO

2.1 CONCEITOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS

2.1.1 A arqueologia histórica e os estudos cemiteriais

No início do desenvolvimento da Arqueologia, enquanto ciência, nos Estados Unidos, Deagan (2008, p. 67) destaca o fato de que a discussão esteve inserida no contexto da arqueologia histórica que buscava trabalhar com os aspectos arquitetônicos e interpretativos do que ocorrera ao longo do tempo em determinado sítio. Cita, inclusive, o exemplo do Projeto Jamestown⁴, mas acrescenta que não havia um aprofundamento das pesquisas que levassem a uma abordagem social. Tal abordagem só foi inserida pela arqueologia influenciada pela antropologia. O que ocorreu de fato como afirma Willey e Sabloff (apud DEAGAN, 2008, p. 67): “... las primeras décadas de desarrollo de la arqueología histórica, la arqueología en Norteamérica se encontró firmemente alineada con la antropología.”⁵

Diante da contextualização observada tanto pelo período em que a pesquisa se desenvolve quanto pela busca de aspectos sociais, econômicos e culturais, a arqueologia histórica se insere de maneira fundamental uma vez que as relações de poder estão inseridas de forma a ser objeto de estudo. E, como afirmam Iggers e Chapman a “... cultura material histórica permite, assim, conhecer as tensões sociais e a verdade de situações sociais vivenciadas.” (apud FUNARI, 2002, p. 109).

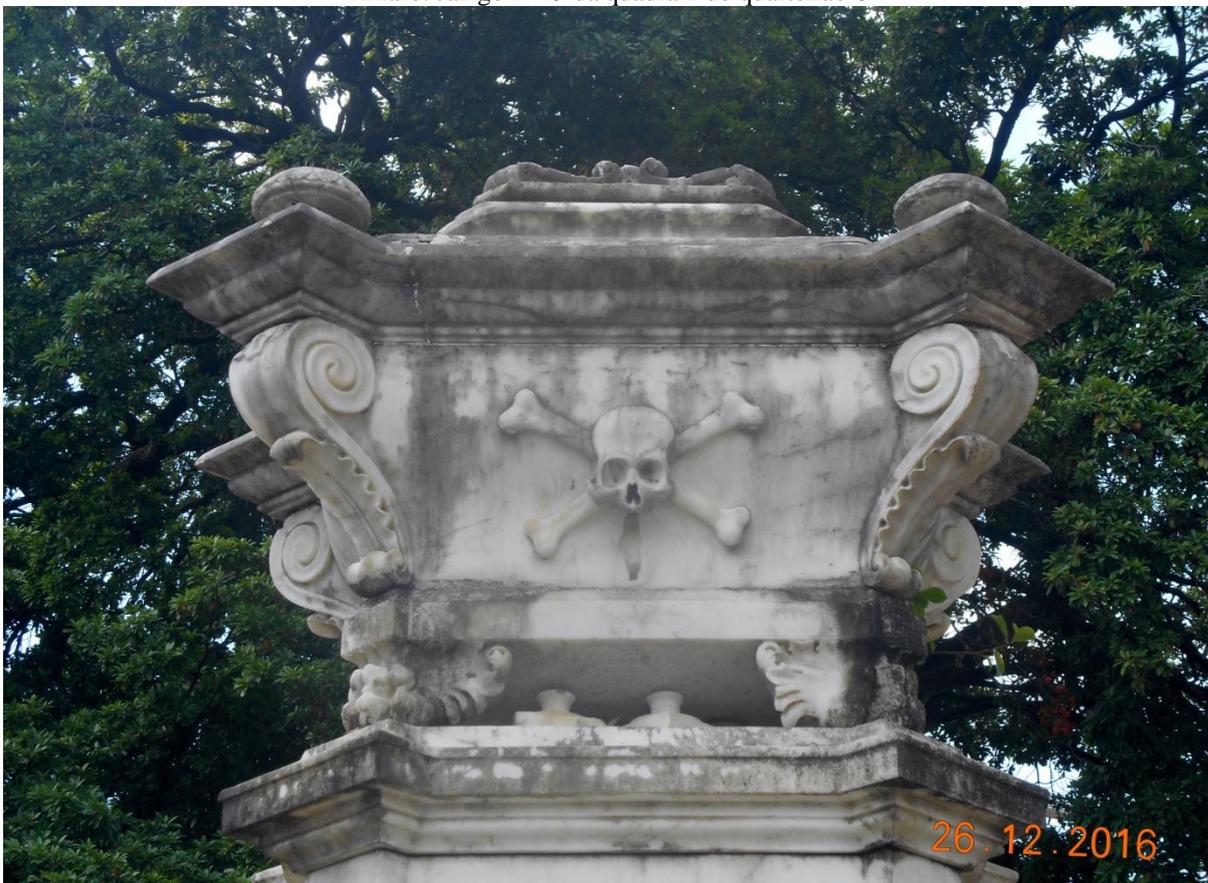
Não restam dúvidas de que os aspectos que conceituam o arcabouço imaterial de um cemitério são bastante significativos, entretanto os artefatos materiais lá inseridos são uma prova certa da representação de que as sociedades podem fazer-se representar nestes espaços. Assim, o Cemitério de Santo Amaro, diante do conjunto que o configura, pode ser entendido como uma representação do arcabouço produzido pela sociedade recifense da segunda metade do século XIX. E, sem que haja prejuízo das épocas seguintes, é possível identificar a presença, naquele espaço cemiterial, das características permeadas por uma sociedade oitocentista. As etapas se sobrepõem e diversas peças ornamentais decorativas e jazigos estão

⁴ Assentamento Britânico fundado em agosto de 1607, no atual Estado da Virginia/EUA (SEED, 1997, p. 30).

⁵ “... as primeiras décadas do desenvolvimento da arqueologia histórica, a arqueologia na América do Norte encontrava-se firmemente alinhada com a antropologia.”

percebidas as condicionantes das práticas mortuárias do século XIX na sociedade recifense. Um exemplo desta ornamentação e decoração pode ser observado na figura 3 abaixo.

Figura 3 – Detalhe da ornamentação e decoração característica do século XIX, presente no cemitério de Santo Amaro. Jazigo nº 49 da quadra 1 do quarteirão 6



Fonte: Filipe Machado. 2016.

De acordo ainda com Funari (2007), mesmo diante do fato de ser a arqueologia histórica outrora vista como aquela que estudava as sociedades com registros escritos, atualmente, isso se alterou, e hoje ganha importância no estudo de aspectos que apreciam o modo de vida e os preceitos sociais do passado. Portanto, a “... Arqueologia Histórica liga-se, de forma umbilical, às noções de identidade, tratando de sociedade, de uma forma ou de outra, relacionadas ao arqueólogo.” (FUNARI, 2002, p, 107).

Trigger, citando Levine, ao destacar o ambiente arqueológico deixa bastante evidente a importância da interpretação do contexto social para o trabalho do arqueólogo. A “... arqueologia e a história são disciplinas de pronta inteligibilidade e suas descobertas têm implicações importantes no que concerne à natureza humana e à razão pela qual as sociedades modernas virem a ser o que são.” (apud TRIGGER, 2011, p. 14). Desta forma, a arqueologia,

para Trigger, pode ser entendida, também, como o acúmulo de séculos que se abrem diante do arqueólogo e de suas interpretações.

Portanto, ainda de acordo com Trigger, o trabalho arqueológico realizado atualmente, quando aborda aspectos ligados a questão sociocultural, como no presente caso, encontra-se relacionado ao meio e, sendo assim, é importante ter em mente que diante dessa perspectiva a contextualização desses aspectos – socioculturais – deve ser demarcada (TRIGGER, 2011, p. 12). Aqui, cabe um adendo no que diz respeito às questões teóricas para melhor entendimento desses aspectos no trabalho que seguirá.

Lars Fogelin (2007) afirma que grande parte do discurso arqueológico moderno exige mudanças que se devem sentir na prática e no fazer da pesquisa arqueológica. Assim sendo, o que nos mostra esse autor é que a arqueologia deve estar atualizada com as discussões teóricas, mas também, engajada em buscar através da melhor forma de inferência teórica e metodológica, as explicações para um desenvolvimento argumentativo arqueológico.

Também Orser (2012, p. 186), ao tratar sobre arqueologia histórica afirma que qualquer análise histórico-arqueológica deve envolver aspectos que vão além do próprio sítio, mas que o possibilitaram. Indo mais adiante afirmar que: “arqueólogos(as) históricos(as) (DEETES 1997, 1991; SOUTH 1988) observaram que arqueologia histórica deve desenvolver uma perspectiva global” (ORSER, 2012, p. 189).

Deve-se observar que a amplitude perceptiva na qual a arqueologia histórica se insere, possibilita o alargamento da compreensão cultural e histórica da comunidade (ORSER, 2012, p. 205). Se ampliarmos essa percepção é possível incluir, também, que além do cultural pode-se inserir o econômico e o social. Afinal, a história e, conseqüentemente a arqueologia, como ciência que estuda o artefato humano para buscar uma compreensão global pode ser entendida como uma ampliação dos entendimentos do próprio homem. Burke afirma que “... os historiadores tornaram-se cada vez mais consciente de que pessoas diferentes podem ver o “mesmo” evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas.” (BURKE, 2005, p. 68).

Ademais, Deagan afirma que:

Particularmente, ciertos aspectos de lá arqueologia histórica presentan el potencial de realizar contribuciones diferentes a las de otras disciplinas. Estos aportes constituyen el resultado de la capacidad única de la arqueología histórica para observar simultaneamente las afirmaciones escritas sobre lo que la gente dijo que hizo, lo que los observadores señalaron que efectuó, y lo que el registro arqueológico finalmente indicó (DEAGAN, 2008, p. 83)⁶

Desta forma, a Arqueologia histórica busca encontrar, neste trabalho, os elementos de representação dos grupos sociais sepultados no Cemitério de Santo Amaro. Neste sentido, tanto o cemitério como a morte humana e suas representações podem ser observados de formas distintas por observadores diferentes. Ainda mais se levarmos em consideração o fato de que as próprias perspectivas se alteram ao longo do tempo e, tanto o cemitério quanto os jazigos possuem permanências que resistem a esse tempo. Assim, para Motta (2009, p. 25) a morte deve ser percebida enquanto um fato social que produz efeitos no dia a dia do homem enquanto elemento inserido no grupo social. E isto se dá, porque a sua representação, da morte, encontra-se determinada pela ideia de continuidade ou de aceitação da morte. Na figura 4 abaixo, se observa a estátua de um anjo que segundo Steyer (2008) pode ser relacionada à aceitação da morte:

⁶ “Particularmente, certos aspectos da arqueologia histórica têm o potencial para executar diferentes contribuições aos de outras disciplinas. Estas contribuições são o resultado da habilidade única da arqueologia histórica para observar simultaneamente as declarações escritas sobre o que a pessoa diz que fez, o que os observadores mostraram que fizeram, e o que o registro arqueológico finalmente indicou.”

Figura 4. Figura de Anjo. Jazigo número F28 da quadra 1, do quarteirão 3. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2016.

Quando se adentra a um cemitério cuja construção se deu no período Oitocentista, qualquer que seja ele – o cemitério de Santo Amaro se inclui neste período – é nítida a percepção de que há a representação e a perspectiva de uma sociedade que se faz presente. Assim, “... o cemitério passou a ter cada vez menos a aparência de um churchyard⁷ e cada vez mais a de um jardim.” (ARIÈS, 2013, p. 718), nos modelos criados na América do Norte do século XIX, em contrapartida ao modelo francês que se destacava pela arte de seus túmulos (ARIÈS, 2013, p. 719).

No caso do cemitério de Santo Amaro, diante da análise presencial e dos textos estudados, é possível afirmar que o modelo adotado é o modelo que segue as plantas arquitetônicas cemiteriais francesas. Até mesmo porque, é inegável a presença de elementos franceses na trajetória da arquitetura recifense do século XIX, haja vista, o teatro de Santa Isabel⁸ e o Mercado de São José⁹. Além disso, os arquitetos de origem francesa se destacaram na sociedade cultural local influenciando em demasia seus aspectos socioculturais.

Ao longo do século XIX, seja pela simples inscrição nas lápides ou pela suntuosidade de algumas construções tumulares, onde se observa a palavra “Família” é possível perceber a importância da ideia de continuidade do núcleo familiar. Ademais, Carvalho (2012, p. 40) afirma serem os cemitérios um rico campo para buscar a memória do falecido e, por conseguinte, a memória da cidade que o cerca. Além do mais, fica evidenciado que o estudo de um cemitério proporciona ilimitadas possibilidades de compreensões. E o mesmo autor cita ainda:

Enquanto local físico, o túmulo encerra os restos mortais dos entes queridos. Afasta dos olhos a última condição que o corpo assume na decrepitude. Maquila a memória do morto, com a pedra e o metal, para seduzir os vivos com a glória e o heroísmo ao tentar dissuadir a importância plena que assumimos ao virarmos pó. (CARVALHO, 2012, p. 40).

⁷ Cemitério

⁸ Seu realizador foi o engenheiro francês Louis Léger Vauthier e este teatro representou a obra de maior vulto dentro do projeto de modernização idealizado por Rego Barros para Pernambuco. O Santa Isabel é considerado por muitos como o mais belo edifício teatral do império. Um dos poucos exemplares do genuíno neoclassicismo erguidos no Brasil na primeira metade do século XIX. Homenageando a Princesa Isabel, o teatro foi inaugurado em 18 de maio de 1850 com o drama O Pajem D’Aljubarrota, de Mendes Leal, escritor português dos mais encenados na primeira metade do século. (fonte <http://www.teatrosantaisabel.com.br>, acesso em maio de 2017).

⁹ Inaugurado em setembro de 1875, o Mercado de São José tem arquitetura em ferro típica do século XIX. A inspiração veio do mercado público de Grenelle, em Paris. O projeto, elaborado por encomenda da Câmara Municipal do Recife, provavelmente é de Victor Lenthier, engenheiro da casa, à época. O detalhamento ficou a cargo do engenheiro Louis Léger Vauthier, contratado também para acompanhar a execução das estruturas de metal na França. É um dos monumentos pernambucanos, reconhecido e tombado pelo Patrimônio Histórico. (fonte: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/mercado-de-sao-jose>, acesso em maio de 2017).

Na figura 5 abaixo, é possível observar a significativa relevância depreendida a continuidade do núcleo familiar através da inscrição família no jazigo:

Figura 5. Detalhe da inscrição da palavra “Família”. Jazigo número F2 da quadra 3, do quarteirão 25. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado. 2017.

Ariès reafirma a importância dos túmulos para uma sociedade que busca reverenciar seus antepassados, seus heróis e seus mártires. Destaca que essa prática é a “... confluência do culto dos mortos e do sentimento nacional, no final do século XIX e início do século XX, é presente tanto nos Estados Unidos como na França.” (ARIÈS, 2013, p. 743).

O Recife como em qualquer cidade importante no Brasil Oitocentista buscava a modernização, e diante de apelos higienistas findou por transferir seus sepultamentos das igrejas (nos centros urbanos) para locais mais afastados. Esse afastamento para um novo cemitério não significaria a concessão de menor importância aos sepultamentos e ao cuidado com os mortos. Essa preocupação se perfaz pela estrutura organizacional e distribuição dos túmulos no interior do cemitério de Santo Amaro.

Motta (2009, p. 25) afirma ter sido “... Robert Hertz um dos primeiros a chamar a atenção para a importância da morte como acontecimento social no qual o grupo ou sociedade costuma inscrever sua própria identidade.” E continua afirmando que no ocidente, mesmo após a morte, o falecido, permanece deixando marcas sociais. Fato que, para o autor pode ser entendido como elemento de importância na representação da figura do morto (MOTTA, 2009, p. 27). “Ele ficaria horrorizado se pudesse ver os lutos e as encenações dramáticas do século XIX.” (ARIÈS, 2013, p. 547.).

Portanto os túmulos possuem uma função de destaque na vida social do indivíduo do século XIX, uma:

... dupla e ambivalente tarefa: ao mesmo tempo em que servia para ocultar o cadáver, entregue à inevitável e temida ação devoradora dos vermes, cumpria, pelo menos no plano imagético, a fantasia da incorruptibilidade da carne, isto é, uma espécie de dispositivo simbólico de conservação e de presentificação do defunto, o que permitia restituir à família e ao grupo de amigos a imagem do falecido por meio do exercício de recordação e de memória. (MOTTA, 2009, p. 41).

São evidentes as alegorias nos jazigos do cemitério de Santo Amaro, que como todos os demais cemitérios, do mesmo período, funcionam como elemento de representação da dignidade e recordação do morto. A monumentalidade perfaz-se na representação da honra do falecido e se caracteriza tanto no próprio túmulo quanto no epitáfio (ARIÈS, 2013, p. 705). Interessante é que socialmente quando se observa, unicamente, o jazigo é possível ter a real certeza da sua condição social.

Além do mais, com o túmulo “... não importa o indivíduo isolado do seu grupo de filiação, mas o sujeito social genérico, constituído a partir da referência a um antepassado...” (MOTTA, 2009, p. 111). No trabalho de Pearson (1982) evidenciam-se indivíduos que se inserem em um contexto fúnebre-social não condizente, muitas vezes, com suas condições socioeconômicas.

Na figura 6 a seguir, pode-se observar a preocupação do falecido ou de sua família, em destacar a importância social de sua morte no epitáfio:

Figura 6. Detalhe da inscrição destacando a posição social do falecido. Jazigo número F3 da quadra 1, do quarteirão 12. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado. 2016.

Assim, como ocorrera na América e na França durante os séculos XVIII e XIX, respectivamente (AIRÈS, 2013), a partir da segunda metade do século XIX a construção dos cemitérios nas cidades brasileiras configurou um novo cenário sociopolítico. Era aceitável, desta forma, que os grupos dominantes – as elites locais – buscassem fazer-se presente no novo espaço urbano. E mesmo ocorrendo certa desconfiança por parte da população para com o novo cemitério, aos poucos ele vai se configurando em um novo espaço de diferenças sociais.

Fato que pode ser observado no trabalho de Castro (2007) quando destaca os valores e a distinção para a aquisição dos túmulos. Sendo estes divididos entre os túmulos perpétuos e não perpétuos; além de serem os perpétuos divididos em número de sepultamentos que poderia receber – até quatro indivíduos. “Construído em torno de um nome, geralmente do pai, o túmulo de família inscreve o indivíduo num passado comum, unindo-o a uma cadeia de gerações.” (MOTTA, 2009, p. 111).

2.1.1.1 O conceito de cemitério

A palavra cemitério, epistemologicamente, tem origem latina e significa “lugar onde se dorme, onde se descansa” (TOINAZI; DULIUS, 2008, p. 197), portanto, diante da perspectiva que se busca neste trabalho pode-se entender como um espaço destinado ao recebimento dos mortos e aos rituais praticados pelos vivos para celebrar aqueles. Assim sendo, encontra-se cercado de características e particularidades que possibilitam um entendimento aprofundado de suas condições.

Quando trata desta matéria, Castro (2008) apresenta a ideia de que nos cemitérios, encontram-se as condições para a realização dos estudos que embasam, dentre outros aspectos, questionamentos sociais, econômicos e culturais de onde o arqueólogo pode retirar o embasamento espacial no qual corrobora a distribuição e reflete a sociedade que o envolve. Ainda, nesta mesma perspectiva, é possível observar que o cemitério, nas palavras desta autora, significa um local de obtenção de significativas e importantes informações a serem observadas e relevadas na atividade de interpretação do passado e da comunidade que o constituiu (CASTRO, 2008).

Além do mais, há de serem referendadas ainda no que se relatam as questões dos cemitérios brasileiros, e mais especificamente no caso do cemitério de Santo Amaro, que agora se busca contextualizar, as ideias higienistas advindas da Europa (França, principalmente). Neste sentido, as transformações sociais foram sentidas e o que se tinha anteriormente como algo natural, diante de novas ideias, foi sendo alterado e passou-se a padrões distintos. Lima (1994) afirma que os cemitérios podem ser observados enquanto uma representação desse passado, já que além de demarcados os padrões sociais, econômicos e culturais dos falecidos na figura dos seus parentes vivos, também demarcaram aspectos distintos, mas que não foram menos significativos para alterar essa realidade. Neste sentido, a autora acrescenta ainda:

A criação de cemitérios extramuros foi se tornando um imperativo cada vez mais forte, sobretudo nas áreas urbanas, reforçado pelo problema de superlotação dos espaços funerários adjacentes às igrejas. Os surtos epidêmicos que vitimaram grande parte da população carioca, entre 1838 e 1855, contribuíram para mobilizar ainda mais fortemente o poder público para as questões relacionadas à higiene e saúde. (LIMA, 1994, p. 90).

2.1.1.2 Os estudos cemiteriais

Os estudos cemiteriais são uma atividade de construção, análises e reanálises constantes dos artefatos materiais – jazigos – disponíveis nos cemitérios e desses próprios estabelecimentos como um todo. O interessante é que sendo visto de maneira ampliada não apenas os túmulos, ossuários, mausoléus, etc., mas também, o próprio cemitério torna-se elemento dessa ação coordenada de estudo.

Como afirma Carvalho (2012, p. 39) os “... túmulos são documentos sintomáticos da cultura visual da sociedade, pois oferece possibilidades ilimitadas de se entender a materialidade humana em tempos diferentes...”.

Desta forma, cabe ao arqueólogo a análise deste contexto em sua maior amplitude. E, como demonstra Rodrigues e Bravo (2012, p. 4-6) entender o processo de concepção dos cemitérios torna-se ação por demais importante já que esta compreensão possibilita a ampliação do entendimento da lógica cemiterial em todo seu processo. E, neste sentido, as

autoras demonstram a importância dos estudos cemiteriais para trabalhos que objetivam entender a sociedade na qual o local de sepultamento se encontra inserido.

A interpretação trazida pelos estudos dos cemitérios pode ser observada no contexto da escravidão, por exemplo, como afirma Rodrigues e Bravo citando Russell Wood “... a Santa Casa de Misericórdia possuía o monopólio dos serviços funerários, do sepultamento e dos transportes de cadáveres no Brasil colonial e imperial, como contrapartida da assistência que prestavam aos pobres e escravos.” (apud RODRIGUES; BRAVO, 2012, p. 6).

Portanto, ao estudar as condições cemiteriais de algum local – cidade, região, etc. – percebe-se subtendido os diversos aspectos que envolvem o elemento humano que o realizou. As condicionantes humanas estão demarcadas no processo estrutural de elaboração e nas permanências de qualquer cemitério já construído pelo homem. Por conseguinte, os estudos cemiteriais, neste sentido, vão além da simples interpretação do que acontece nos cemitérios, eles são uma abordagem que envolve, além do espaço físico, todos os aspectos sociais, culturais, econômicos, políticas e religiosas que a ele se inserem (RODRIGUES; BRAVO, 2012, p. 7).

As possibilidades de pesquisa são inúmeras porque os cemitérios vão além da própria vida do ser humano. Os estudos cemiteriais permitem imortalizar o indivíduo diante da história dos outros homens. E como afirma Araújo citando Barbosa, “... o ato de consumir para fins simbólicos de diferenciação, atribuição de status, pertencimento e gratificação individual está presente em qualquer sociedade humana.” (apud ARAUJO, 2012, p 343).

Fica evidente que essas percepções apenas são passíveis de observação através de um apurado estudo cemiterial, onde se encontram depositados os objetos materiais a serem interpretados. Além disso, cabe, ao analisarem-se tais elementos, um olhar crítico e elaborado que possibilite entender as mudanças por que esse espaço tem passado e principalmente a partir da segunda metade do século XIX, quando se transferiu das igrejas para os cemitérios.

Trabalhos desta envergadura são comuns fora do país, principalmente na América do Norte e na Europa onde tais elementos – os cemitérios e seus jazigos – ganharam, ao longo dos anos, um significado importante para a compreensão e apreensão do passado e de seus ocupantes tanto de forma individual quanto em seu caráter coletivo. Fator realçado por Ariès (2013). Contudo, mesmo no Brasil, Lima (1994) realizou trabalho sobre o tema, quando

apresentou um estudo em que discute a constituição socioeconômica e cultural através dos cinco cemitérios construídos na cidade do Rio de Janeiro Oitocentista. Neste sentido, ainda deve-se acrescentar que essas análises são importantes para a atividade de compreensão dos múltiplos aspectos dos nossos antepassados.

As discussões apresentadas por essa autora se fundam em uma compreensão social e econômica e que apresentam de forma esclarecedora aspectos complexos da mobilidade entre camadas sociais e as suas próprias identidades. Neste sentido, inclusive aspectos de mudança nas questões administrativas dos cemitérios foram levadas em consideração.

Outro trabalho sobre essa perspectiva dos cemitérios foi realizado na cidade de Aracaju e neste, segundo o autor, foi possível observar, através da distribuição espacial, a realocação das classes sociais do exterior para o interior do cemitério.

Na linha dos estudos cemiteriais destaca-se o trabalho realizado por Pearson (1982). O autor estudou os cemitérios de Cambridge na Inglaterra, tendo discutido os princípios que ligam a cultura material à prática funerária e suas relações sociais. Desta forma, passou a analisar os papéis definidos pela figura do falecido e os papéis que esses exerciam na sociedade que os acolhiam (como eram observados).

Portanto, os trabalhos comentados acima e os demais, que ainda serão destacados, podem e devem oferecer opções que referendam as análises e compreensões deles advindas. Neste aspecto, pretende-se apresentar os sentidos norteadores à construção do espaço – interno do cemitério em destaque –, para recebimento dos falecidos naquele período (1851-1900), passando para isso através de uma explanação historiográfica a respeito do próprio local e dos aspectos sociais que perfilaram os interesses a coadunarem para aquele momento social, político, econômico, cultural e religioso.

2.1.1.3 A implantação dos cemitérios

É necessário ter em mente que todo processo que levou a formação dos cemitérios, da forma como eles passaram a se configurar no decorrer do século XVII para o XVIII na Europa e no século XIX no Brasil ocorreu por condições especiais. Afinal, há de se buscar,

como afirma Ariès (2013), que entre os séculos XVII e XVIII havia certo respeito à figura da morte, não o temor ou horror de sua chegada. E o autor segue afirmando que, inclusive os homens da igreja, que se nutriam dessa ideia, se esforçaram para manter o medo. E o culminar no calor dos homens e das próprias instituições diante da ideia que, agora a morte passava a impor a sociedade, inclusive à sociedade médica e a própria igreja.

Afirma ainda o autor que “O homem outrora fazia caso da morte; ela era coisa séria, que não se devia tratar levianamente: um momento forte da vida, grave e temível, mas não temível a ponto de afastá-la, de fugir dela, de fazer como se não existisse ou de falsificar a sua aparência.” (AIREÈS, 2013, p. 540).

Quando trazemos a discussão para terras brasileiras é possível perceber que os costumes para com as ações diante do corpo vão se alterando (MOTTA, 2009). O transladar das ideias referentes aos sepultamentos nas igrejas vindas da mente do colonizador português (RODRIGUES, 1995), vão se alterando ao longo dos séculos.

Motta destaca “... a noção da existência para os românticos [do século XVIII] dificilmente se dissociava de uma existência da morte” (2009, p. 50). O que para o autor pode ser entendido como um complexo de sentimentos simultâneos de “... repulso e desejo...” (MOTTA, 2009, p. 50), ainda mais por que é nesta época que ganha força o processo higienista no Brasil Oitocentista. Castro (2007) destaca:

Em 1801, o príncipe regente de Portugal expediu uma ordem régia determinando que em seus domínios ultramarino, para o bem da saúde pública, fossem proibidos os sepultamentos nas igrejas, prevendo orientações precisas para a construção de cemitérios extramuros nas cidades. (CASTRO, 2007, p. 69).

Reis (1991, p. 247) afirma, também, que neste processo o “... bem morrer, em particular o sepultamento, tornou-se objeto de crítica dos adeptos de uma outra visão da morte, a visão médica, que rapidamente ganhava corpo no Brasil na década de 1830.” Neste sentido, Castro afirma que “... o poder público e a classe médica, embasados por preceitos higienistas, pediram o fim da prática de enterramentos intra-muros. Os princípios higienistas determinavam que tal costume era prejudicial à saúde.” (CASTRO, 2013, p. 163).

Diante disso, já é visível a possibilidade de modificação no processo cemiterial brasileiro, mas apesar da brevidade daquela Ordem Régia de 1801, as mudanças tardaram a acontecer, por vários fatores como pressão da igreja, da sociedade e mesmo pela falta de recursos para a construção dos referidos cemitérios, “A falta de verba da Câmara Municipal e de sua associada no projeto, a Administração do Patrimônio dos Hospitais e Estabelecimentos de Caridade, era o entrave para a execução da lei...” (CASTRO, 2007, p. 93).

Como destacado por Reis ao tratar desse redemoinho de implicações políticas e econômicas que envolveram aspectos religiosos e socioeconômicos que se misturavam diante do controle exercido pela igreja católica sobre esses assuntos ligados a morte, ele destaca que aspectos da economia que girava em torno da morte aqui, como na Europa, dificultavam essa transferência (REIS, 2012, p. 241).

Esses fatores sociais estiveram presentes em todo processo de transferência dos sepultamentos das igrejas para os cemitérios extramuros. Inclusive diante da perspectiva social em se transportar para o novo espaço reservado ao falecido. Segundo destaca Motta (2009):

... quando surge os primeiros cemitérios brasileiros, na segunda metade do século XIX, o que se vai notar é um crescente interesses por parte de algumas famílias em construir o próprio túmulo, nele reunindo os seus descendentes diretos, com o intuito de perpetuar a cadeia geracional. (MOTTA, 2009, p. 19)

Assim, a passagem dos sepultamentos das igrejas para os cemitérios extramuros só vai se concretizar em meados do século XIX. Essa transformação teve repercussões nas cidades brasileiras daquele período, e o Recife não ficava de fora. Rodrigues (1995, p. 21-22) afirma que a partir do século XIX a ação de enterrar os mortos no Brasil passa por modificações e essas, resultou na mudança do processo funerário, como ele ocorria. Além disso, as alterações influíram inclusive na vida dos vivos. Como destaca Rodrigues (1995), nos primórdios do século XIX, a influência das novas técnicas médicas preconizava a higienização, e tinha, dentre seus objetivos, o de combater falta de salubridade pública e, é aí onde se encontravam os sepultamentos realizados nas igrejas.

E Motta (2009) vai além para dizer que a secularização dos cemitérios é um tema que questionava os sentimentos cristãos em detrimento do culto à figura do morto. Passa a

existir, desta forma, uma modificação da cena funerária nas cidades brasileiras e no Recife, com os sepultamentos se deslocando das igrejas para locais distintos e com configurações sociais diferentes.

Neste sentido, Rodrigues (1995) afirma que a transferência para os cemitérios extramuros não ocorreu da forma rápida como aqueles higienistas pretendiam e que isso foi o resultado, em muitas situações, a falta de recursos financeiros para tal transferência de sepultamentos. Contudo, em suas palavras evidenciam-se, também, que em diversas outras oportunidades foram questões de cunho moral, religioso ou social que dificultaram essa mudança.

Na visão de Rodrigues (1995), dois aspectos são destacados para fomentar discórdia neste processo de transferência: o primeiro, dizia respeito a possibilidade de monopólio, que poderia ser exercida por quem construísse e administrasse os cemitérios, e a segunda, tinha a ver com a possibilidade de empresários poderem administrar o negócio dos sepultamentos sem a influência da igreja, retirando da igreja e das irmandades tal ação.

Aliado a isso, evidenciavam-se posições contraditórias, se de um lado algumas instituições eclesiásticas se colocavam contrárias às medidas, alegando prejuízos para suas comunidades, de outro, o próprio clero em grande parte destacava a importância da criação dos cemitérios extramuros. Tal medida seria bem aceita, desde que estes novos cemitérios estivessem guiados pelas ideias e fundamentos eclesiásticos, isto é, desde que lá se pudesse ser praticado os rituais religiosos cristãos católicos, como ocorria nos sepultamentos realizados no interior das igrejas (RODRIGUES, 1995).

Alinhado a esses aspectos eclesiásticos encontram-se as Irmandades Religiosas e Ordens Terceiras que dispunham de significativo valor referente ao controle sobre a morte de seus membros. Essas instituições religiosas se viam ameaçadas com as modificações e lutavam contra essas medidas, buscando a autopreservação.

Diante destas constatações existia ainda a ideia destacada por Castro (2013) ao afirmar o papel desempenhado pelas novas classes socioeconômicas dentro do novo Estado brasileiro, que pressionavam para isso. Tornava-se difícil não providenciar a secularização dos cemitérios diante de membros de uma sociedade que pagava impostos e que fazia exigências.

Então, evidencia-se que no Brasil Oitocentista não eram apenas aspectos financeiros que dificultavam a implantação de novos cemitérios nas principais cidades brasileiras, mas também, a própria mentalidade de sua população e das próprias instituições que formavam o corpo social brasileiro. A sociedade civil, religiosa e política se envolveram de forma bastante forte no processo que levaria a mudança de endereço dos sepultamentos nas cidades brasileiras.

Levando isso em consideração, além de diversas outras circunstâncias como, por exemplo, aspectos higienistas, ampliados pelo aparelho médico que se modernizava com o avanço da medicina, essas modificações eram eminentes. Conforme afirma Reis a medicina veio para “Civilizar os Costumes” (REIS, 2012, p. 247). Devemos entender que circunstâncias poderiam ter agido correlacionadas ou individualizadas, para atender aos interesses socioeconômicos e culturais das sociedades. Nesse sentido, o progresso positivista (advindo de uma sociedade europeia que se modernizava e industrializava) se contrapunha ao sincretismo religioso existente. Essas concepções se chocaram quando do processo de mudança cultural com a implantação dos cemitérios extramuros.

2.1.2 A arqueologia funerária

Quando definimos cemitério, anteriormente, foi dito que ele se explica enquanto local destinado aos mortos e aos rituais realizados pelos vivos. Também, quando tratamos da ideia de jazigo apresentamos que os jazigos podem ser entendidos como o local onde são sepultados os mortos em número variado de indivíduos, não importando as condições da inumação dos restos mortais ou da própria estrutura física.

Por isso, seja em relação as questões estruturais do cemitério ou em relação as estruturas individuais – os jazigos –, é necessário apresentar a discussão sobre o termo que melhor se adéqua para esse estudo: arqueologia funerária ou arqueologia mortuária. Em nosso entendimento é a arqueologia funerária o termo que melhor discute e se enquadra.

Silva (2014, p. 12) utiliza a ideia de uma compreensão maior para a utilização do termo funerário. Para este autor a “Arqueologia Funerária remete-se às práticas funerárias, ao corpo humano, ao fenômeno da morte e das respostas humanas a ela”.

Os trabalhos realizados em arqueologia Funerária estão divididos entre os que se vinculam a prática funerária pré-histórica e a prática funerária histórica. Na primeira podem ser relacionados diversos trabalhos como, por exemplo: os estudos de Saxe-Binford (1970) que apresentam a teoria do “espelho” etnográfico; ou ainda o trabalho de Brown (1971) que discute aspectos ligados à validade das amostras selecionadas para estudo funerário; o estudo de Metcalf, em 1976, que apresenta a dificuldade de se trabalhar com a teoria do “espelho” quando se está lidando com grupos distintos; ou também, o trabalho de Tainter que a partir de 1978 ressalta a etnografia como fator de destaque para as abordagens da prática funerária; e, por fim, os trabalhos de Precourt (1984) que demonstrou a dificuldade de se trabalhar com a etnografia. Ainda podem ser acrescentados os trabalhos de Goldstein (1981), O’Shea (1984), Chapman (2003) e Lull (2000) que propõem a ampliação da interpretação para aspectos sociais, culturais, e econômicos que envolvem os sepultamentos e as sociedades (COSTA, 2012, p. 106-108).

Entretanto, quando se parte para apreciar a prática funerária histórica outra perspectiva se apresenta, que é o fato de que muitas das pesquisas utilizam dados etno-históricos e documentação histórica durante seu trabalho. Dentre os vários trabalhos sobre práticas funerárias históricas, os de Deetz (1996) e Pearson (1982) podem ser apresentados como dois expoentes. O primeiro trabalha uma perspectiva de tempo, espaço e forma para com os cemitérios da região da Nova Inglaterra, Estados Unidos. Já o segundo, trabalhando de forma ampla as práticas funerárias da cidade de Cambridge na Inglaterra, buscou compreender as transformações ocorridas no cemitério ao longo do período estudado (COSTA, 2012).

Costa afirma que:

O trabalho de Pearson é sem dúvida uma leitura atual e relevante sobre as práticas mortuárias nas sociedades modernas, e sem dúvida um exemplo de arqueologia da sociedade atual. Portanto diferente do conceito de “espelho” etnográfico a escola pós-processualista estabelece o princípio de “máscara” social nas práticas funerárias. (COSTA, 2012, p. 110)

Porém, aspecto importante deve ser destacado na arqueologia das práticas funerárias, que é compreender o fato de ser, essa ação, caracterizada, também, por elementos culturais, sociais, econômicos, políticos e religiosos que se apresentam nos pormenores da

prática funerária. Portanto, tal análise deve ser tomada de forma a ampliar a apreensão, não apenas do falecido ali sepultado, mas de toda a sociedade que o sepultou ou de uma parcela dela.

Neste sentido, mais uma vez, o exemplo do trabalho de Pearson (1982) quando elaborou um estudo dos papéis desempenhados pelos indivíduos da sociedade Vitoriana serve de parâmetro. Isso porque, sua pesquisa se debruçou no “papel” desempenhado pelo morto, mas também, pela percepção que a sociedade tinha do falecido.

No Brasil, o estudo das práticas funerárias esteve compreendido em um contexto que buscava os aspectos ligados à observação do indivíduo sepultado enquanto elemento biológico. Os estudos funerários só foram alterados a partir das ideias processualistas na década de 1970 e pós-processualistas na década de 1980 passando a outro patamar de observações e contextualizações (COSTA, 2012).

Carrasco e Nappi (2009) citando diversos autores dentre os quais Valladares (1972), Vovelle (1981), Ariès (2003), Borges, Santana e Bianco (2009) destacam o fato de que os cemitérios são fonte de pesquisa abrangente, possibilitando uma dinâmica instrumental bastante ampla e, apesar das dificuldades encontradas, levam a discussões e compreensões que abrange aspectos sociais, econômicos, culturais dentre outros, sendo esses os que nos apresentam maior interesse para esse trabalho.

2.1.2.1 O conceito de ritual funerário

O ritual perfaz, sem dúvidas alguma, uma das facetas mais intrigantes e ao mesmo tempo significativas para o presente trabalho que busca compreender o processo representativo dos espaços da sociedade local, no intramuros do Cemitério de Santo Amaro. A complexidade de possibilidades se torna possível de ser observadas por uma gama considerável de reinterpretações e análises.

Para Peirano, citando o conceito de Tambiah:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus

variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). (PEIRANO, 2003, p. 9).

Neste aspecto, o ritual pode ser entendido como um processo continuado de atividades organizadas cuja prática está relacionada a ritos, que envolvem cultos, doutrinas e seitas, percebidos não só na vida religiosa, mas em todas as esferas culturais das sociedades humanas (PEIRANO, 2003).

Ainda nesta questão conceitual, duas correntes são colocadas por Peirano (2003): a primeira entende que o ritual enquanto magia, esta seria ligada a Tylor e Frazer. A segunda estaria ligada a ideia de esclarecimento das formas básicas de sociabilidade e seria a visão trazida por Durkheim e Mauss. Como destaque ainda cabe esclarecer que, inserido no ritual, é possível distinguir o rito como sendo um aspecto enrijecido e de aspectos e condições incluídos no ritual. Gennep, conhecido pelo estudo dos “ritos de passagem” destaca que existe uma similaridade entre a estrutura dos ritos individuais e dos ritos grupais. Para esse autor, haveria uma estrutura que deveria ser estudada e, esta estrutura estaria, por assim dizer, inserida no ritual.

Entretanto, a ideia que advêm de ritual está além desta conceituação, sendo ainda uma análise, ou padrão de comportamento que pode envolver duas ordens bem estabelecidas, quais sejam: as de aspectos materiais e as de aspectos imateriais. Até mesmo porque, “cada cultura tem seu próprio referencial de mitos e ritos para lidar com a morte.” (ARAÚJO, 2012, p. 341). Assim, o comportamento existente, por exemplo, na constituição de um cemitério histórico, pode estar definido pela utilização do seu espaço diante da distribuição geográfica e da utilização a ele depreendida pelos grupos humanos que dele utilizaram-se. E, essa utilização, diversas vezes, está demarcada por concepções socioeconômicas que de uma maneira ou de outra finda por determinar e condicionar a sua utilização.

Levando em consideração o caso prático do cemitério de Santo Amaro e da própria sociedade que o criou, é possível ir mais além para destacar as questões ritualísticas inerentes naquele momento, segunda metade do século XIX, e que se encontravam demarcados por aspectos ligados a religiosidade cristã, principalmente, e os embates advindos das novas experiências das práticas higienistas. Neste sentido, Rodrigues ao abordar o “Lugar dos mortos...” afirma que:

A conjuntura que implicou, na Corte, no fim dos sepultamentos eclesiásticos, não foi um fato isolado. Situações idênticas ocorreram em outras regiões do Brasil, neste mesmo período do século XIX, como, por exemplo, na freguesia de Campo dos

Goitacases, nas cidades de São Paulo, Salvador e Recife. (RODRIGUES, 1997, p. 103).

Ora, não resta dúvida de que os aspectos que conceituam o arcabouço imaterial de um cemitério são por demais significativos, entretanto os artefatos materiais lá inseridos são uma prova bastante certa da representação do que as sociedades podem fazer-se representar nestes espaços.

Neste sentido, ainda há os rituais que podem perdurar no tempo e, por isso, servem de forma singular e representativa dos estudos socioeconômicos, como é o presente caso, que busca entender a forma como as famílias se expressavam em relação aos seus entes falecidos e como gostariam que eles fossem lembrados pela “eternidade”. Essa representação pode ser observada através dos jazigos, que enquanto objeto de análise garantem uma uniformidade à pesquisa. Neste sentido, Motta (2009) afirma ao tratar do “Espaço do morto...” que havia uma tentativa de tornar evidente através da arte tumular uma representação de significância maior ou menor do falecido.

Em Lima (1994), isso também foi observado e detalhado em diversas passagens, quando trata das representações em túmulos e mesmos nos epitáfios. A autora destaca haver uma variação nos cemitérios estudados de acordo com aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, mas deixa evidente que:

Em um período de expansão econômica, não obstante eventuais pulsações recessivas determinadas por conjunturas de mercado, as classes dominantes, com capital em disponibilidade, investiram maciçamente na morte e, através dela, em sua própria imagem. Seus epitáfios expressam os seus anseios de diferenciação e prestígio, suas atitudes de exibição e auto-promoção, e a magnificência de seus túmulos dá a medida das suas aspirações à ascensão social. (LIMA, 1994, p. 105).

Ainda neste sentido, Silva (2014, p. 32) destaca o aspecto das permanências dos aspectos culturais que ultrapassam gerações, afirmando que a “... continuidade da vida é uma realidade mais palpável do que a realidade da morte. Consequentemente, é comum que valores da vida, da sexualidade e fertilidade possam dominar o simbolismo dos funerais.” Assim, diante de tamanha variação não se pode deixar de buscar as entrelinhas subscritas nos túmulos localizados no Cemitério de Santo Amaro.

Desta maneira, fica evidente, nas palavras deste autor que há representação na morte, de aspectos da vida dos vivos, e essas representações podem ser observadas diante das características presentes na distribuição espacial do cemitério ou mesmo (talvez mais marcante) nos jazigos, túmulos e ossuários.

Os rituais têm, portanto, o papel de atuar através da representação sobre a sociedade de maneira que a sua interpretação possa ser organizada e aplicada de forma a buscar contextos sociais, econômicos e culturais ampliados e que possibilitem uma compreensão e uma abordagem além dos aspectos organizacionais dos contextos.

Se buscarmos a perspectiva arqueológica, em particular no que se refere aos sepultamentos, em seu aspecto imaterial, perde-se no tempo, tanto pelas suas próprias condições quanto pela impossibilidade de reprodução. Em abordagens arqueológico-históricas, a documentação resguarda diversos desses aspectos.

No que se demonstram de maneira mais facilmente perceptíveis os aspectos materiais, os imateriais não são detectáveis de forma simples, como no exemplo ligado a aspectos de compleição subjetiva. A compreensão imaterial seria, assim, uma condição que, arqueologicamente, estaria ligada a aspectos, além de subjetivos, de mais difícil observação. Seriam o caso dos velórios, cortejos fúnebres, por exemplo. Contudo, podem ser citadas como formas materiais e, portanto, visível de aspectos materiais em um sepultamento, por exemplo: o caixão e o jazigo.

Desta maneira, podemos chegar a ideia de que o ritual estaria ligado às constantes culturais do indivíduo humano e como tal estariam condicionadas as suas características. Neste aspecto, poderiam ser perceptíveis duas constantes, o ritual em si e o rito (inserido neste ritual). Sendo o primeiro, as próprias práticas e o segundo, os caminhos desenvolvidos diante dos quais poderia ser observado o “passo a passo” do todo. Portanto, os aspectos técnicos seriam visíveis e os não técnicos seriam invisíveis, isto é, estariam ligados a mente e a aspectos subjetivos.

No que concerne a concepção do ritual funerário histórico algumas especificidades devem ser observadas, como afirma Rodrigues (1995, p. 149-150). No Brasil Oitocentista as percepções existentes para com o além estavam difusas entre a crença nas palavras divinas e o temor pelo desconhecido.

Ainda segundo a mesma autora, o medo da morte que se observa, neste instante, estava ligado a questão da morte repentina, aquela em que o falecido não havia se “preparado” para tanto. Esse fator tornava o cristão brasileiro um homem necessariamente ocupado pelas questões religiosas ligadas à salvação, se não pelas obras diárias de última vontade (RODRIGUES, 1995, p. 150).

Neste sentido, interessante o que afirma Rodrigues (1995) aparada nas palavras de Tavares, que:

Deste modo, havendo ou não preparação cotidiana através de uma “vida reta”, os cristãos se preocupavam em determinados momentos especiais – como o da iminência da morte – com o investimento na Salvação, através da feitura do testamento, do ingresso em uma irmandade – a fim de ter uma assistência específica na hora derradeira – ou do recurso aos sacramentos, para não partir sem esses sinais sagrados. (RODRIGUES, 1995, p. 150-151).

O que fica evidente nas palavras da autora é que havia a preocupação ritualística para com o processo que levaria o falecido até a sua sepultura, já que isso fazia parte do processo de crmandade brasileiro. Castro (2007) traz uma passagem bastante demarcada para essa concepção religiosa do recifense cristão do período Oitocentista e que já sepultava seus entes falecidos no intramuros do Cemitério de Santo Amaro:

Joaquim queria que muita gente o acompanhasse na hora de sua partida. Muitas agremiações religiosas teria que participar de seu funeral. Ele queria barulho, toque de sinos das várias igrejas de que era irmão. Em 1872, como ele enumerou em seu testamento, era membro de cinco irmandades, tendo já sido integrante de outras. ...

Ele ordenou que se fizesse missa de corpo presente, com o “menor luxo possível”, pois a vaidade humana em nada agrada a Deus. No entendimento do testador, pompa não queria dizer morrer sem cuidados. No entanto ele queria muitos vivos em torno dele e tinha certeza que as rezas o confortariam no outro mundo. Prescreveu também, que no sétimo dia de seu falecimento seus testamenteiros mandassem rezar uma missa na igreja do Corpo Santo, sendo para isso feitos convites no Diário de Pernambuco e em algumas outras folhas mais lidas em Pernambuco... (CASTRO, 2007, p. 159).

A preocupação deste indivíduo demonstra o quanto era necessário para a sociedade Oitocentista a realização dos rituais que permeassem a passagem do ser vivo para o mundo

dos mortos. Até mesmo por que essa passagem, da forma com ocorria era, sem dúvida um processo social individualizado para sua própria condição socioeconômica, cultural e política.

2.2 MATERIAL E MÉTODOS

2.2.1 Critérios para coleta dos dados

O início do trabalho de campo no Cemitério de Santo Amaro ocorreu através de solicitação de autorização à EMLURB – Empresa Metropolitana de Limpeza Urbana, setor responsável pelo gerenciamento dos cemitérios da cidade do Recife, mais precisamente à Gerência de Necrópoles. De posse da devida autorização, os trabalhos no cemitério foram iniciados, objetivando a coleta dos dados.

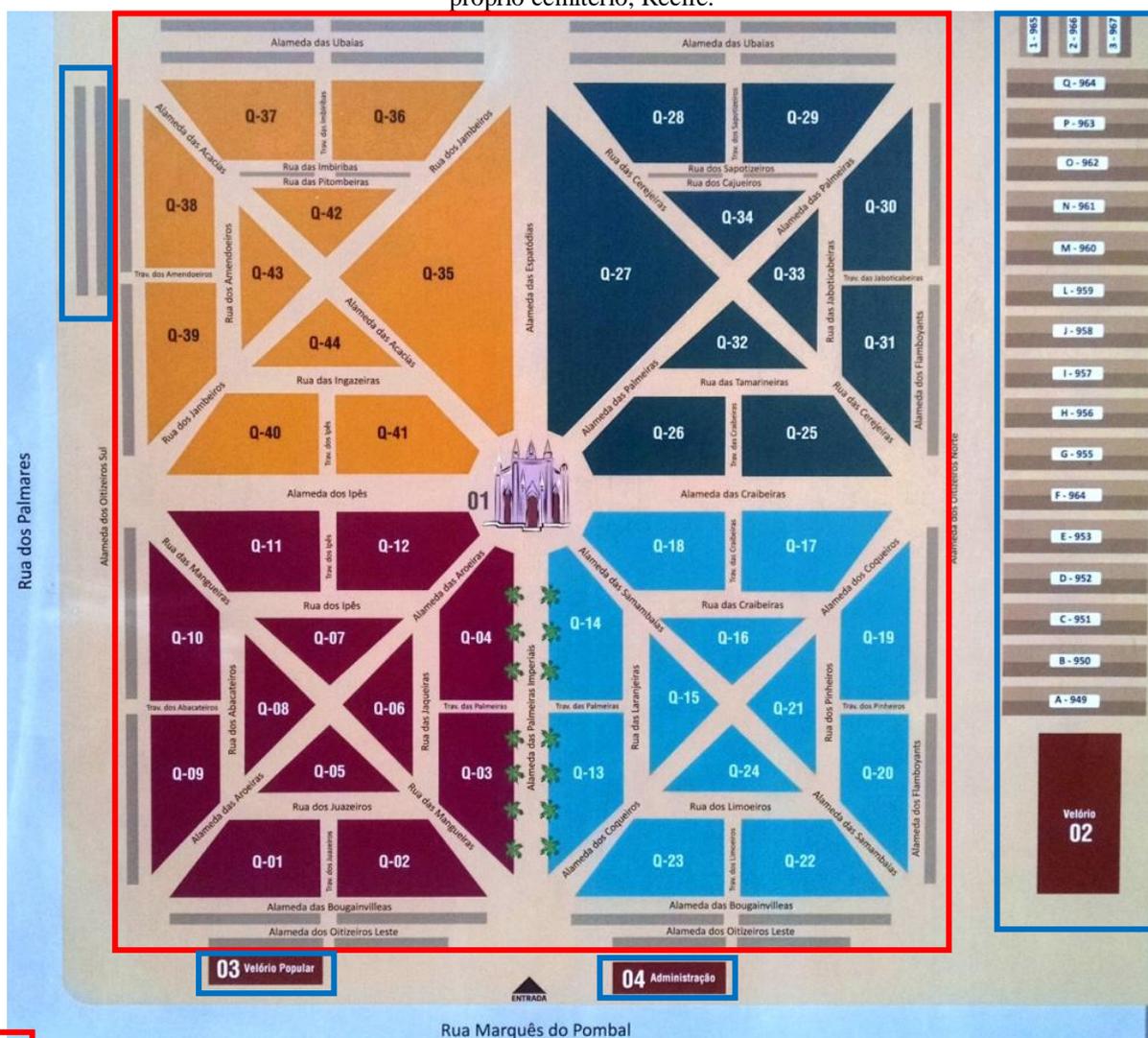
O cemitério de Santo Amaro configura-se de forma retangular e encontra-se, internamente, dividido em quatro quadras, e essas, são subdivididas em quarteirões numerados e entrecortados por quatro grandes alamedas denominadas: Alameda das Palmeiras Imperiais, a Sudoeste; Alameda das Craibeiras, a Nordeste; Alameda das Espatódias, a Noroeste e Alameda dos Ipês, a Sudoeste. Além das alamedas maiores existem outras que transpassam o cemitério de forma diagonal: Alameda das Aroeiras; Alameda das Samambaias; Alameda dos Coqueiros; Alameda das Palmeiras; Alameda das Acácias; Rua das Mangueiras; Rua das Cerejeiras e Ruas dos Jambeiros. Existindo, ainda outras alamedas e ruas que circundam as quadras principais do cemitério.

Ao Leste fica localizado o portão de acesso principal, e na mesma direção encontra-se localizada a entrada da Capela do cemitério – cuja conclusão ocorreu no ano de 1853. A Capela tem um estilo de construção gótico ainda preservando suas características arquitetônicas, como, por exemplo, a cruz grega (EMLURB, Prefeitura da Cidade do Recife).

Ressalte-se, que atualmente, modificações foram realizadas na estrutura física do referido cemitério. Entretanto os quarteirões, suas respectivas alamedas e a configuração estrutural dos túmulos permanecem as mesmas desde a sua inauguração no ano de 1851, mas acrescida de outros jazigos. Assim, conforme a figura 7 é possível ver os quarteirões e as

alamedas e ruas que entrecortam o cemitério, bem como da capela ao centro e essa configuração geral não se modificou com o passar do tempo. Somando-se a esses elementos encontram-se os jazigos das irmandades, localizados nas bordas laterais externas das quadras. De certo, novos elementos foram acrescentados, como por exemplo, os túmulos em forma de gaveta, outras alamedas e velórios construídos em períodos recentes como se observa na figura 7.

Figura 7. Planta das quadras, quarterões, alamedas e ruas do Cemitério de Santo Amaro. Original exposto no próprio cemitério, Recife.



- Área anterior a 1900.
- Área posterior a 1900.

Fonte: EMLURB – Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (modificado).

Diante da configuração em que se estrutura o cemitério a tarefa de coleta de dados obedeceu, além do recorte temporal – 1851-1900 – a um cronograma preestabelecido de ações que se estabeleceu da seguinte forma: primeiro um trabalho bibliográfico, iconográfico e

fotográfico do cemitério onde se buscou analisar os aspectos arqueológicos que envolviam a sua construção e a distribuição dos seus túmulos. Essa tarefa objetivava a seleção dos túmulos que se encontrassem dentro do espaço temporal estabelecido.

A escolha do período de estudo se delinear na segunda metade do século XIX se deu devido ao momento da criação do cemitério de Santo Amaro em 1851 e o final do século. Contudo, esta cronologia somente foi utilizada para a coleta dos dados e não teve qualquer interferência ou foi usada para a realização da análise dos dados.

Durante o trabalho de campo seguiu-se a numeração das quadras do cemitério. Com início na quadra 1 e finalização na quadra 4. Os quarteirões, também numerados de 1 a 44, foram analisados seguindo a própria ordem dentro das quadras. Para os jazigos também foram utilizados a própria numeração dentro de cada um dos quarteirões, isoladamente, iniciando com F1. Em seguida, foi realizado o trabalho de identificar os túmulos relacionados no período entre 1851-1900. Nesta etapa foi feita a observação e as fotografias dos túmulos por meio de uma ação pormenorizada e sistemática de forma que fosse possível abarcar tanto o túmulo, em seu contexto dentro do cemitério, buscando alcançar o máximo de detalhes possível em cada um dos jazigos. Neste sentido, as fotografias foram realizadas de uma maneira que pudessem ser observadas em contexto com o cemitério; de frente; das laterais – direita e esquerda, nesta ordem –; de fundo e, por último, os detalhes.

2.2.2 Da Descrição dos Jazigos

Esta etapa iniciou-se com a necessidade de individualização e descrição dos jazigos onde se encontram as sepulturas. A importância desta tarefa é a de selecionar os jazigos e os sepultamentos que se enquadram no lapso temporal selecionado – segunda metade do século XIX. Para a localização dos jazigos foi tomado por base a seguinte condição de distribuição dos sepultamentos no cemitério: primeiro levou-se em consideração a numeração da quadra, depois, a subdivisão interna dos quarteirões e, por fim, a numeração do próprio jazigo. Portanto, existe a numeração da quadra, a numeração do quarteirão e a numeração do jazigo. Isto pode ser observado no apêndice número 1, a Ficha de Campo.

Deste modo, como se observa no exemplo abaixo, estas marcações são perceptíveis assim a figura 9 retrata a numeração do quarteirão de número 3 e a figura 10 demonstra a numeração do jazigo com (numeração F10). Ambos, jazigo e quarteirão localizado na quadra de número 1.

Figura 8. Marco determinando a numeração da quadra 3, exposto no cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2016.

Figura 9. Numeração do Jazigo F10 da quadra 1, do quarteirão 3. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2016.

Ainda como podem ser observadas, na ficha de campo, as variáveis foram estabelecidas de modo a possibilitar um entendimento ampliado do contexto social, político, cultural, econômico e religioso do cemitério de Santo Amaro. Desta maneira, escolheu-se trabalhar com as variáveis que foram dispostas sobre cada um dos jazigos estudados. Da seguinte forma:

- 1- Localização do jazigo no interior do cemitério, já que tal poderia demonstrar como de fato demonstra distinção entre os sepultados.
- 2- Datação da morte inscrita nos jazigos, fato que foi importante para evidenciar o recorte temporal que fora estabelecido para este trabalho.
- 3- Outra variável levantada foi o tipo de enterramento de cada jazigo, se primário, secundário ou primário e secundário. Isso de acordo com o jazigo.
- 4- O próprio tipo de jazigo: Túmulo, Mausoléu, Ossuário e Túmulo e ossuário.
- 5- A quantidade de indivíduos encontrados em cada jazigo e que fossem pertencentes ao recorte temporal desejado.
- 6- O sexo dos indivíduos depositados em cada uma dos jazigos. Divididos em: jazigos com indivíduos do sexo masculino, do sexo feminino, dos sexos masculino e feminino e indefinido.
- 7- Quanto a propriedade dos jazigos.
- 8- No que diz respeito a matéria prima utilizada para a elaboração dos jazigos.
- 9- Outra variável levada em consideração são os signos (nobreza e distinção social, antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, ligados ao fogo e de representações de objetos).

Por conseguinte, essas variáveis, acima mencionadas e as suas correlações foram utilizadas como elementos para alcançar os objetivos deste trabalho e para se chegar a resposta do problema outrora levantado.

Assim, é possível buscar a existência ou não de uma relação que pudesse vir a existir entre as sociedades representadas pelos interesses e condições dos indivíduos vivos e a sociedade celebrada através de condições e características demarcadas pelos mortos naquela Recife Oitocentista. Não restando dúvida que a análise dos jazigos se mostrou de natureza singular nesta ação de correlacionar o que se representava com a morte.

A segunda etapa buscou tratar dos aspectos ligados à individualização do jazigo. Onde o objetivo era constatar a quantidade de sepultamentos existentes em cada jazigo. Por

isso, no que diz respeito a individualização buscou-se verificar aspectos ligados ao sexo dos indivíduos sepultados e neste sentido constatou-se a possibilidade de existirem indivíduos do sexo masculino, do sexo feminino ou não identificados. Foi tratado, também, da quantidade de indivíduos sepultados por jazigo, sendo a classificação estabelecida em: individuais, coletivos ou não identificados. Por último, se procurou verificar aspectos ligados a propriedade dos jazigos tendo como possibilidades os jazigos perpétuos, os jazigos públicos e os não identificados.

A terceira etapa consistiu em identificar os túmulos, o que foi feito tomando por base a data da morte que consta nos túmulos. Nesta etapa se incluiu a discussão a respeito dos tipos de enterramentos. Os jazigos foram classificados como contendo enterramentos primários, secundários e/ou primários e secundários. Os primários são aqueles onde o corpo foi sepultado de forma definitiva sem posterior remoção; os secundários, aqueles que foram trazidos para o cemitério ou para aquele túmulo, posteriormente ao sepultamento inicial. Por fim, esta segunda etapa, foi concluída com a diferenciação dos tipos de jazigos. E, tomando por base Lima (1994), dividiram-se os jazigos em quatro possibilidades: túmulos, mausoléus e ossuários e túmulos e ossuários.

... foram reconhecidas três categorias de jazigos ou sepulturas: túmulos, ossuários e mausoléus. - por *túmulo* entende-se o jazigo onde foram realizados um ou mais sepultamentos primários, ou seja, onde foram dispostos os corpos articulados de um ou mais indivíduos, em posição distendida, normalmente em caixões. Do ponto de vista da forma, essas sepulturas são alongadas, de modo a comportar um corpo deitado.

- por *ossário* entende-se o jazigo onde foram realizados um ou mais sepultamentos secundários, ou seja, onde foram dispostos os ossos desarticulados de um ou mais indivíduos, após o processo da sua decomposição, normalmente em urnas. Do ponto de vista da forma, essas sepulturas são estreitas e altas, não comportando o corpo humano em posição distendida.

- por *mausoléu* entende-se uma terceira categoria, híbrida, que comporta tanto sepultamentos primários quanto secundários, em caixões e em urnas, de vários indivíduos, pertencentes a uma mesma família, grupo, organização ou entidade civil ou religiosa. Do ponto de vista da forma, trata-se de uma edificação de grande porte, de caráter monumental, suntuosa. Duas sub-categorias foram reconhecidas entre os mausoléus: as *capelas*, caso em que essas edificações apresentam uma arquitetura eminentemente religiosa, cristã, reproduzindo uma pequena igreja, e os *monumentos*, onde inexistente este tipo de vinculação. (LIMA, 1994, p. 96)

Apesar desta divisão apresentada por Lima (1994), onde os jazigos se dividem entre túmulo, ossuário e mausoléu, para este trabalho, apresentou-se necessário buscar outra distinção, já que uma das intenções era distinguir aspectos de caráter social de como as elites recifenses se faziam representar após a morte. Assim sendo, foi necessário acrescentar a ideia dos túmulos e ossuários, vez que esses jazigos são jazigos de menor especificação física do que aos mausoléus, mas comportam sepultamentos primários e secundários em suas dependências.

Para ampliar, ainda mais as razões desta nova classificação apresenta-se o fato de que no cemitério de Santo Amaro, o estabelecimento dos “túmulos e ossuários” apresentam uma estrutura construtiva de forma limitadora da quantidade de sepultamentos (em número de quatro) e de restos mortais (ossos) lá depositados. Essa limitação não ocorre ou ocorre de forma menos visível nos mausoléus que comportam, pela sua estrutura arquitetônica, uma maior quantidade de sepultamentos (mais que quatro) e restos mortais (ossos).

Na quarta e última fase foi feita a análise da identificação da decoração tumular existente nos túmulos. Sendo essa subdividida em matéria prima e os signos. No que diz respeito a matéria prima, a análise consistiu em compreender qual o material utilizado para a confecção dos jazigos e, estão divididos em 14 possibilidades encontradas no Cemitério de Santo Amaro – no período estudado –, foram observados 5 tipos de materiais isolados e 10 combinações, compreendendo: mármore; alvenaria; alvenaria e mármore; alvenaria, mármore e granito; mármore e ferro; granito; pedra; alvenaria e granito; alvenaria, mármore, granito e ferro; granito e mármore; alvenaria, mármore e ferro; alvenaria, mármore, ferro e pedra; alvenaria, mármore, ferro e cerâmica e alvenaria, granito, ferro e pedra.

Quanto aos signos, se encontram divididos em diversas categorias e, suas análises são extremamente importantes porque podem demonstrar a intenção de seus ocupantes ou dos familiares que enterravam seus entes. Desta maneira, os interesses e as peculiaridades de cada um dos jazigos encontram-se repleta de significados expostos pela arte tumular e pela representação que essa arte poderia adquirir para cada elemento humano ali sepultado.

Desta forma, dentre os signos textuais e gráficos analisados encontram-se: signos de nobreza e distinção social (Barão; Baronesa; Capitão; Capitão de Fragata; Comendador; Conselheiro; Coronel; Corregedor; Desembargador; Doutor; Funcionários Públicos; General; Major; Negociante; Negociante; Religioso; Senador; Tenente; Tenente Coronel e Visconde)

(Apêndice A). Os signos antropomorfos (Figura de Criança; Figura masculina; Figura feminina; Figura de Santo; Mãos e Asas) (Apêndice A). Os signos zoomorfos (Cão; Coruja; Mariposa; Pata de leão; Pomba e Serpente) (Apêndice A). Os signos fitomorfos (Árvore (s); Flor (s); Guirlanda (s) /Coroa (s) de flores; Folha (s) ou ramo (s) de Palma; Papoula (s) ou ramo (s) de Papoula; Folha (s) ou ramo (s) de Parreira; Rosa (s) e Folha (s) ou ramo (s) de Oliveira) (Apêndice A). Os signos ligados ao fogo (Chama; Lamparina; Pira; Tocha e Tocha invertida) (Apêndice A). E os signos de representação de objetos (Ampulheta; Âncora; Banco; Brasão; Busto; Cálice; Coluna; Compasso; Crucifixo; Cruz; Esquadro; Espada; Estrela; Fotografia; Lápide; Livro; Máscara; Nível; Obelisco; Ossos, caveira e crânio; Panejamento; Papiro; Pena; Pirâmide; Urna e Vaso) (Apêndice A).

3 O RECIFE, A SOCIEDADE E O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO

3.1 O RECIFE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO

É importante voltar ao início do século XIX e até mesmo a tempos anteriores, para entendermos o Recife que nos interessa neste trabalho em especial: o Recife da segunda metade do século XIX, e sendo ainda mais específico, o Recife compreendido entre 1851 e 1900. Destacamos esta data inicial porque ela demarca o ano de inauguração do Cemitério de Santo Amaro e, desta forma, serve de baliza para toda esta pesquisa.

Iniciar este trabalho imediatamente no ano de 1851 seria impossível para que tivéssemos uma noção satisfatória e que fundamentasse as mudanças de cunho social, político, econômico e cultural que deram origem a criação do referido cemitério, dentre os outros aparelhos públicos, que se implantavam naquela Recife Oitocentista. Assim, demarcada esta data, é importante dizer que enquanto trabalho realizado em arqueologia histórica, estes aspectos serão importantes no momento em que passarmos a analisar os jazigos (elemento material deste trabalho) situados no referido cemitério.

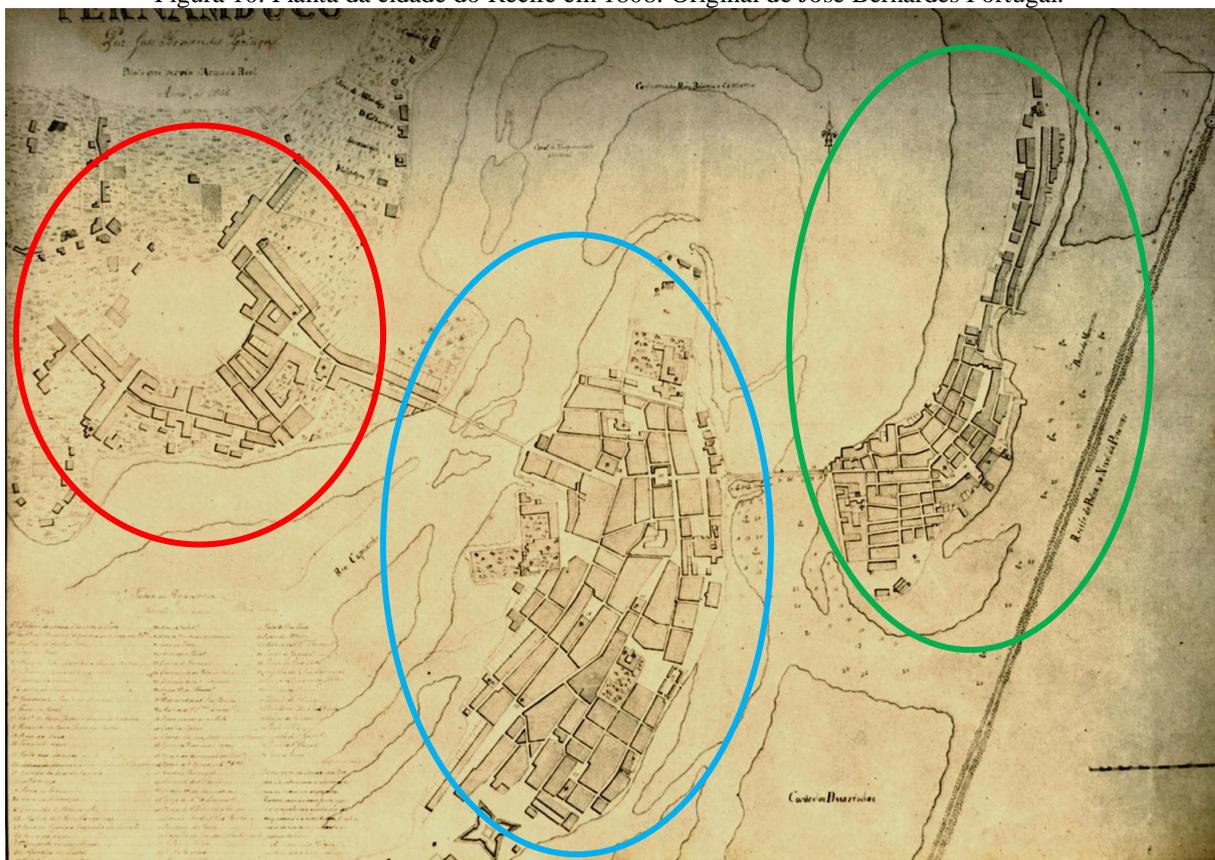
Cabe destacar uma das referências intelectuais para esta abordagem arqueológica do Cemitério de Santo Amaro: o trabalho realizado por Pearson (1982) quando este autor analisa os jazigos dos cemitérios de Cambridge na Inglaterra. Esse trabalho possibilitou uma compreensão socioeconômica existente entre os moradores da região com relação ao seu papel social. Este entendimento buscava apreender a figura dos papéis desempenhados pelo falecido, tanto as perspectivas do próprio falecido quanto do morto em relação ao que os outros percebiam dele. Desta maneira, analisando o cemitério aqui estudado, o que se pretende é encontrar alguma correlação existente entre os recifenses e sua representação no “post-mortem”.

Portanto, para observarmos o Recife daquela época, devemos ter em mente a perspectiva de que a cidade em 1800 se restringia, na sua estrutura urbana, a uma região geográfica composta por três ilhas e por algumas localidades mais distantes chamadas de arrabaldes que se faziam representar por meio de freguesias, conforme se observa na figura

10, abaixo. O centro da cidade era formado pelas freguesias do Recife na região do porto e a mais antiga das três, a freguesia de Santo Antônio onde anteriormente havia existido a “Cidade Maurícia” atribuída ao arquiteto Pieter Post (PONTUAL, 2005, p. 29) e a freguesia da Boa Vista outrora chamado de “continente” pelos recifenses (CARVALHO, 2010, p. 21 e 22) (CASTRO, 2007, p. 38).

Além dessas localizadas na região central, havia ainda as freguesias de Afogados, Muribeca e Jaboatão ao Sul, e Várzea, Poço da Panela e São Lourenço da Mata mais afastado do litoral, na direção Oeste (CASTRO, 2007, p. 38).

Figura 10. Planta da cidade do Recife em 1808. Original de José Bernardes Portugal.



- Freguesia do Recife
- Freguesia de Santo Antônio
- Freguesia da Boa Vista

Fonte: José Luís da Costa Menezes.

Outrora, durante o período colonial o porto do Recife – que inicialmente era o porto da vila (depois cidade) de Olinda – atendia a demanda portuguesa e ganhava, por isso, um destaque especial. Afinal, era através deste porto que partia o produto mais rentável para a

coroa portuguesa, naquele período: o açúcar. Posteriormente, no início do século XVIII com a autonomia garantida em relação a Olinda, após a Guerra dos Mascates¹⁰, o Recife despontava como uma importante centro comercial do império. E, mesmo sem a importância econômica de outrora, os anseios sociais, econômicos e políticos se mostravam latentes.

Entretanto, a partir da chegada da família real ao Brasil em 1808 esse cenário mudou, proporcionando inúmeras e novas possibilidades tanto de natureza intelectual, quanto de base estruturadora para as cidades locais. Novas ideias ingressaram no país juntamente com aquele sem número de indivíduos que escapavam das forças francesas. Neste conjunto de desejos que se apresentava diante da mudança e da possibilidade de transformação, as aspirações e os desejos da população recifense, poderiam ser, agora, postos em prática. Surge, assim, um novo aparato de reivindicações locais que visavam melhoramentos sanitários e que estavam em consonância com as melhorias urbanísticas europeias.

Há de se entender que, como assevera Holanda (2004), as cidades brasileiras até a segunda metade do século XIX, passam por uma transformação bastante significativa como se já não fosse suficiente todo o movimento e ideias advindos da Europa, essas cidades deixam de ser simples continuidade da estrutura agrária como ocorrera até então e passam a exercer uma primazia, isto é, uma autonomia jamais ocorrida.

Neste aspecto, o Recife do século XIX, se colocava dentre as cidades brasileiras que passavam por esse processo de reurbanização e que, como as demais, buscavam na França as inspirações para as modificações urbanísticas e culturais pelas quais passava. Não à toa é o fato de o engenheiro francês Louis Léger Vauthier ter sido o escolhido pelo Barão (futuro Conde¹¹) da Boa Vista para coordenar o processo de modernização urbana do Recife (CARVALHO, 2010, p. 79.).

¹⁰ “A revolta de 1710 faz parte de um conjunto de eventos [...] que a historiografia do século XIX designou como Guerra dos Mascates. Seu ponto de partida [...] materializou-se a reação da elite açucareira pernambucana representada por Olinda, diante da pressão dos comerciantes do Recife, que eram pejorativamente apelidados de “mascates”.” (SCHWARCZ e ATARLING, 2015, p. 140).

¹¹ O título de CONDE vem da Roma antiga e deriva da palavra latina comes (aquele que acompanha) em referencia àqueles que moravam com o imperador. Na hierarquia, o Conde vem abaixo do DUQUE (o mais poderoso depois do rei e normalmente um comandante militar, um filho ou parentes do rei que recebia as maiores porções de terra para administrar. Os primeiros duques surgiram, ainda, no império romano onde generais eram chamados de dux (“aquele que conduz”, em latim)) e o MARQUÊS (pessoa de grande confiança do rei, a quem eram cedidos territórios fronteiriços ou mal pacificados onde desempenhavam poder civil e militar). Abaixo do Conde ainda existiam o VISCONDE (palavra de origem latina que significava vicecomes, ou seja, “vice-conde” e era responsável por substituir o Conde recebendo para isso pequenos territórios) e o BARÃO (A palavra, de origem germânica, que significa “homem livre”, era apenas um súdito fiel do rei, em geral homem rico, que prometia lealdade e serviços em troca de pequenas fazendas ou sítios, que seriam

Assim, a expansão para o “interior”, isto é, para os subúrbios da cidade se fez presentes neste período e contínuo durante os governos seguintes. Outro responsável pela expansão foi o engenheiro Mamede Ferreira. Este deu andamento ao plano de expansão do Recife para seus subúrbios no que atualmente compõe vários de seus bairros. Esse momento foi marcado pela valorização dos espaços públicos (ALMEIDA, 2005, p. 124), principalmente os espaços que margeavam os rios que cortavam a capital pernambucana, com destaque ainda maior para as localidades adjacentes ao rio Capibaribe.

Assim, voltando ao Recife é Vauthier e posteriormente Bolitreau e Millet – também franceses – que viriam à capital pernambucana, também durante o século XIX, com o objetivo de modernizar os caminhos em direção ao interior, além de atuarem no embelezamento da cidade com inúmeros edifícios (HALLEY, 2013, p. 67). Contudo, apesar da vinda desses engenheiros franceses, a obra de construção do cemitério de Santo Amaro ficou a cargo do engenheiro pernambucano José Mamede Alves Ferreira, apesar de o projeto original do cemitério ser de Vauthier (MOTTA, 2009, p. 66).

No que se refere à origem do projeto arquitetônico do Cemitério de Santo Amaro, Castro (2007) afirma que existe uma divergência com relação a sua elaboração. Alguns autores alegam ser de Louis Vauthier o projeto original datado de 1842, embora existam biógrafos que digam que esta honra coube a José Mamede, já que até 1850 não existia trabalho técnico apresentado. A autora ainda ressalta que não encontrou nenhuma planta que confirmasse ou não as possíveis ou não alterações do segundo projeto (CASTRO, 2007, p.133).

Dentro deste processo de crescimento urbano e de reaparelhamento dos antigos bairros e freguesias foi durante os Governos de Francisco do Rego Barros – Conde da Boa Vista – e seus sucessores que se ampliaram os serviços e os edifícios públicos da cidade, bem como, é nesse período, que se criou a estrutura municipal que possibilitaria tais melhorias, que já estavam sendo pensadas para atender, inclusive, os aspectos de higiene e salubridade da cidade.

Portanto, a cidade do Recife, de ruas e ruelas entrecortadas por igrejas, após a segunda metade do século XIX passou por modificações sociais advindas da expansão

herdados por seus descendentes). Contudo, esses títulos foram sendo alterados ao longo dos tempos e adquiriram uma significação, caracterização sociopolítica distinta no reino português e no Império do Brasil. (COSTA, Antonio Luiz M. C. Títulos de Nobreza e Hierarquia)

capitalista que já atingiram a capital pernambucana e a tornaram uma cidade adequada às diretrizes sociais da época. E, sob estas novas mudanças se estabeleciam aspectos da modernidade que se fariam sentir cada vez mais evidentes, à medida que se aproximava o final do século.

Portanto, evidenciavam-se, no Recife, aspectos amplamente observados nas grandes cidades europeias, isto é: a valorização urbana dos centros que alteravam as estruturas daquelas cidades com a ampliação de ruas e praças etc. além da criação de inúmeros outros aparelhos urbanos (ALMEIDA, 2005, p. 124). Dentre os quais, a implantação de um cemitério fora dos limites da cidade. Processo que se iniciara, na realidade, no século XVIII para a Europa e que só no século XIX chegava ao Brasil. Motta (2009) destaca essa de forma bastante clara:

O efeito imediato desse processo de transformação urbana foi posto em prática no ano de 1786, em Paris, com a demolição do Cemitério dos Inocentes (Cimetière des-Innocents), encravado bem no coração da cidade, com suas catacumbas amontoadas de ossos e, sobretudo, suas valas repletas de cadáveres que segundo alguns relatos da época, costumavam odorar o ar da redondeza com vapores pútridos. (MOTTA, 2009, p. 32).

Diante do modelo que se apresentava para os melhoramentos urbanos, a tendência em europeizar o processo, era evidenciada na própria construção do Cemitério de Santo Amaro, “igual ao padrão europeu em organização, regularidade, limpeza, tamanho e beleza...” (DUARTE, 2005, p. 57). Ainda neste contexto, cabe destacar que muitos aspectos destas mudanças se encontravam ligados a higienização da cidade, tanto com a re-arrumação da estrutura existente quanto pela criação de novos aparelhos que possibilitassem à população uma maior quantidade de áreas verde no interior da própria cidade (ALMEIDA, 2005, p. 131).

O que se observa é que o papel da igreja era bastante importante no cenário anterior ao cemitério de Santo Amaro, afinal era esta instituição que congregava o elemento humano local e, ao mesmo tempo, regulava a vida da maioria dos recifenses. A igreja católica, desta forma “norteou a ocupação dos espaços na cidade, e a vida social dos habitantes” (CASTRO, 2007, p. 36). É neste emaranhado social, econômico, político cultural e religioso que se insere a idealização e construção do Cemitério de Santo Amaro. Porém, antes de adentrarmos no

cemitério em si cabe destacar um pouco do que se tinha naquela região antes mesmo dela ser entendida como área de expansão imobiliária.

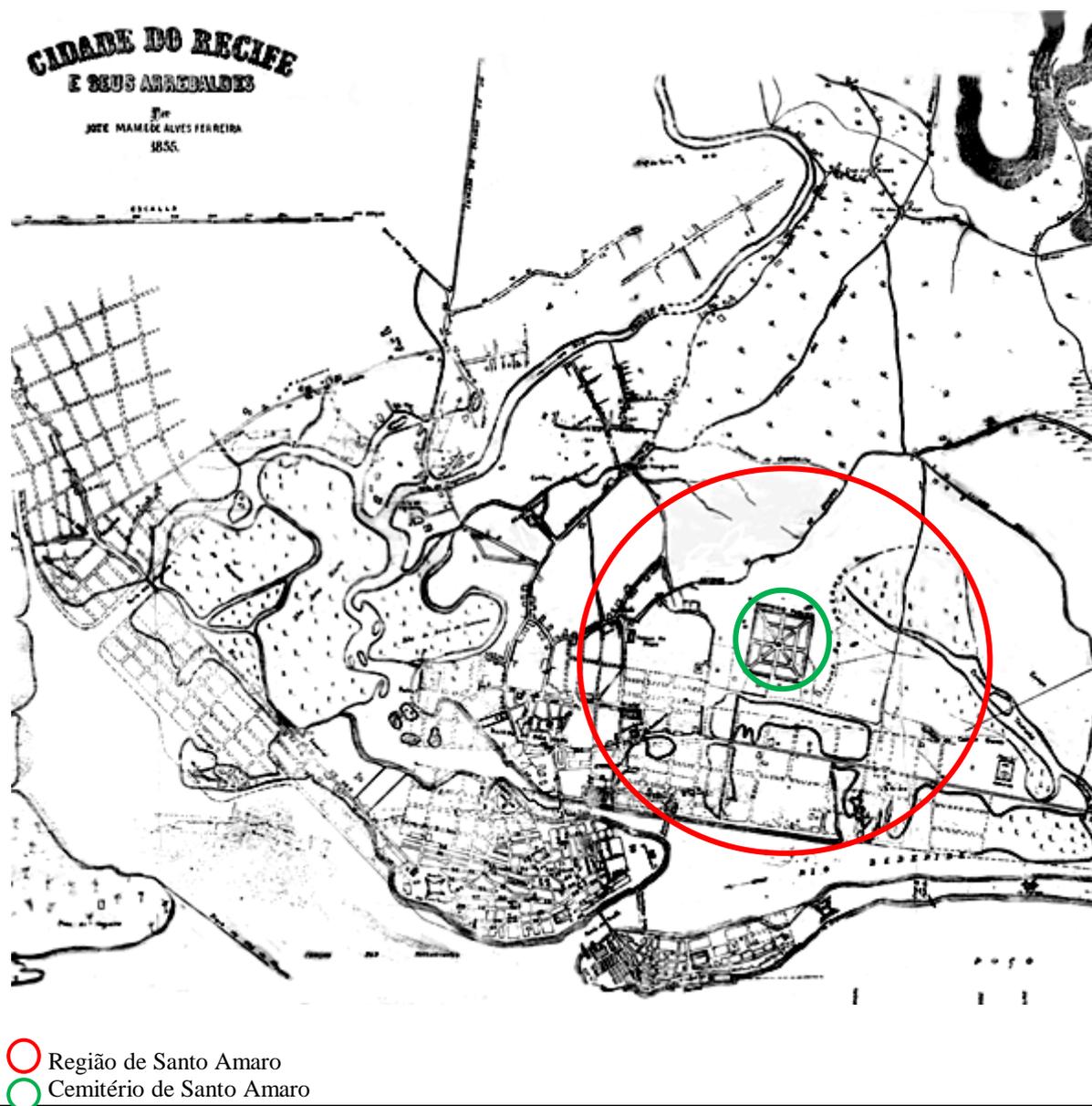
Ainda neste aspecto da idealização e construção de um novo cemitério na cidade, o crescente interesse da população passava, também, por uma concepção patriarcal, bem característico da sociedade recifense, uma vez que muitos dos túmulos que remontam aquele período podem ser caracterizados como uma extensão das próprias residências de seus donos. Além disso, de uma maneira bastante evidente, esses espaços tumulares acabavam por se configurarem instrumentos para o culto a memória de seus mortos e de perpetuação de seus nomes familiares (MOTTA, 2009, p. 19).

Desta forma, o povo do Recife, por seus representantes, decidia pela real implantação do seu cemitério extramuros. E, esse novo cemitério estaria em conformidades com as condições de salubridade e higiene que o período exigia para as cidades brasileiras que se modernizavam ao modelo europeu e francês principalmente. Mas, além disso, a cidade alterava sua estrutura cultural de forma significativa, já que, com a escolha do local parecia sem volta a intenção de modificar os aspectos religiosos que permearam na cidade por mais de três séculos.

Decidido pela construção do cemitério, restava agora a escolha do local adequado para a sua instalação. Essa tarefa como se pode imaginar era, por demais, difícil, já que deveria ser uma área com grandes dimensões e, mais ainda, deveria ter as dimensões que acompanhassem o crescimento populacional para os próximos anos. E, como citado acima, a situação sanitária, e mais especificamente a situação dos sepultamentos no Recife, era por muitos, considerada bastante crítica, assim era uma ação que deveria, apesar de não ter sido, realizada com certa urgência.

A seguir, na figura 11 é possível observar um mapa da cidade do Recife em 1855 e por ele denota-se a existência de grande área desocupada próxima ao aglomerado urbano principal da cidade – marcado em vermelho. Esta localização foi importante para a escolha do local do novo cemitério, já que antes de 1851, ano da inauguração do cemitério de Santo Amaro, a área era ainda menos densamente ocupada.

Figura 11. Planta Ampliada da Cidade do Recife em 1855 destacando a área pouco ocupada pela população.



Fonte: José Luís da Mota Menezes. (Modificado).

Já vinha ocorrendo discussões a respeito do cemitério desde o ano de 1832, após a promulgação da Lei Imperial de 1^a de outubro de 1828 (SOUZA, 2002, p. 133), bem como em 1841 uma Lei Provincial nº 91 efetivou a autorização para a construção de um cemitério extramuros na capital pernambucana (SOUZA, 2002, p. 117 e 118). Contudo, pouco foi realizado, sendo criada em 1842 uma comissão municipal para tratar do tema, apesar da pouca demonstração, por parte do presidente da província e da assembleia local, de interesse em relação ao cemitério (CASTRO, 2007, p. 95).

Dentro dessas exigências, um local parecia ser o mais adequado, a região de Santo Amaro. Outrora, o local selecionado para receber o futuro cemitério servira de passagem entre Olinda e seu porto (Recife) e como tal possuía uma localização estratégica bastante importante aos quais os holandeses e portugueses disputaram diversas batalhas para controlá-lo (CASÉ, 2005, p. 205). Assim, qualquer um que tivesse a intenção de manter as cidades sob proteção, naquela época, deveria preocupar-se em manter o controle da região.

Ocorre que a área de Santo Amaro, anteriormente denominada de Santo Amaro das Salinas ou de Sítio ou Estância das Salinas, Salinas de Francisco do Rego, ou apenas Salinas, era uma região que se localizava entre o norte do Recife e o Sul de Olinda. Caracterizava-se por ser uma região pantanosa, as margens do rio Beberibe, onde com o aumentar e o baixar da maré possibilitava-se a obtenção de sal (CASÉ, 2005, p. 211). Era nesta região que se localizava um dos “caminhos” que levavam de Recife para Olinda e vice-versa, entretanto com o adentrar do século XIX a região outrora estratégica era, agora um local de pouco valor imobiliário, com áreas alagadiças e terrenos baldios.

Koster (apud Castro, 2007, p. 97), afirma ainda que a localização do cemitério em Santo Amaro era ideal, também, por se tratar de um local com espaços abertos e que recebia ampla ventilação. Além de, no local, já se encontrar outro cemitério particular do Recife, o cemitério dos Ingleses – British Cemetery.

Sendo desta forma, a escolha do referido local, na primeira metade do século XIX, para abrigar o novo cemitério, encontra-se caracterizado por uma enorme gama de circunstâncias especiais e dentre as quais, possivelmente o fato de que já se enterravam pessoas em suas terras desde, provavelmente desde o final do século XVII. (CARVALHO, 2010, p. 70 e 71).

Portanto, com uma população de aproximadamente 60 mil habitantes em 1840, de acordo com Castro (2007), que cita Jerônimo Marinho Figueira de Mello, o Recife precisava de um aparelho cemiterial que pudesse comportar esse contingente e, também, o seu crescimento. Desta forma, a solução encontrada estava na região de Santo Amaro, que diante da necessidade desses números possuía uma área grande o suficiente e, o mais importante era uma região próxima a cidade onde não havia muitas construções e com fáceis ligações fluviais. Existia, sempre, a preocupação e era justificava devido ao temor que se repetisse no Recife o que havia acontecido em Salvador quando da inauguração de seu cemitério

extramuros – Cemiterada –, então o novo local deveria agradar aos recifenses tanto em relação a distância quanto em relação a localização (CASTRO, 2007, p. 94-97).

Assim, durante a administração de José Mamede a frente da Repartição de Obras Públicas e responsável pelos serviços públicos do Recife, diversos aparelhos foram criados para melhorar as condições da saúde pública e sanitária da cidade, como, por exemplo, o Hospital Pedro II, a Casa de Detenção do Recife, atual Casa da Cultura e, também o Cemitério de Santo Amaro. O cemitério recebera de imediato, a denominação de Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção. A região, por ser menos atrativa economicamente e socialmente, acaba por receber muitas das obras que buscavam afastar do centro da cidade as suas mazelas, talvez devido aos vários aspectos históricos e geográficos que favoreciam a instalação naquela área (SOUZA, 2002, p. 145).

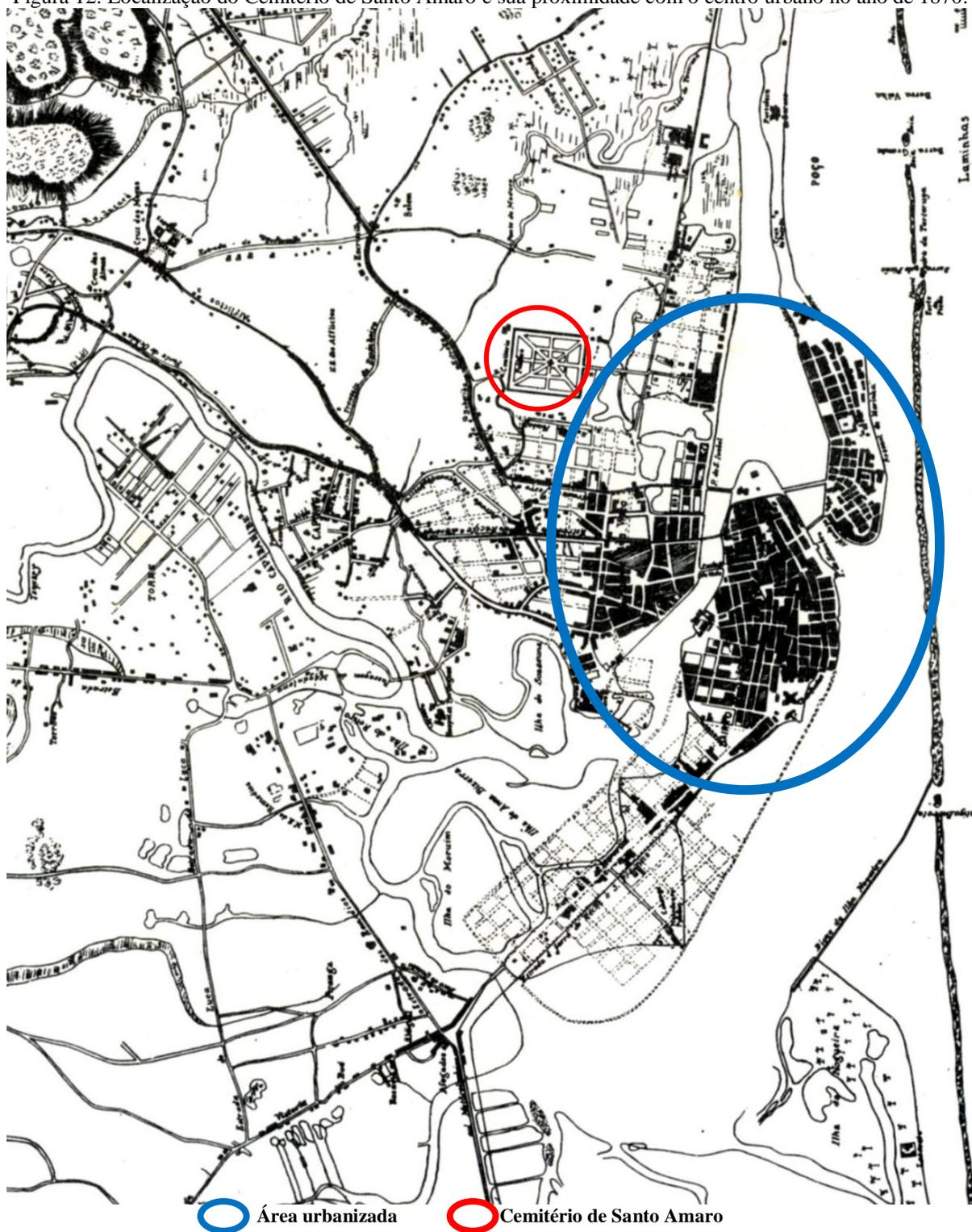
Após debates a respeito do traçado arquitetônico que o novo cemitério deveria possuir, a construção foi na forma de um quadrado, o que de acordo com Castro (2007), teve influência nos cemitérios franceses. A efetivação da obra se iniciou com dificuldades em se arrecadar fundos para a sua realização no ano de 1843 e a conclusão definitiva aconteceu apenas, em 1854, ano de inauguração da capela do Cemitério. Mas, em 1851 o cemitério já era inaugurado e atendia a população recifense. Com relação aos túmulos a serem criados no novo cemitério, ficou estabelecido que um percentual deles devesse ser negociado em caráter perpétuo por valores elevados. (CASTRO, 2007, p. 97, 102-103), ação que beneficiou as elites locais.

Assim, envolto na construção do cemitério e até a sua real utilização o fator primordial foi a proibição dos sepultamentos nas igrejas que só ocorreu após as epidemias de varíola, sarampo e, por fim, de febre amarela, que assolaram o Recife entre 1849 e 1850. Somente a partir de então é que se observa uma preocupação das autoridades em por em prática algumas das medidas propostas anteriormente pelos higienistas. Somente a partir de 1850 é que se torna a real construção do Cemitério de Santo Amaro (CASTRO, 2007, p. 125-134).

Na imagem apresentada abaixo, figura 12, se destaca o mapa do Recife, na segunda metade do século XIX, onde já se evidencia a construção do Cemitério de Santo Amaro – concluída. Nela é possível observar que a região próxima ao entorno do cemitério continuava, ainda, pouco habitada, mas é perceptível a constatação de que o referido cemitério localizava-

se bastante próximo ao núcleo urbano principal da cidade do Recife, o que foi um dos fatores importantes para sua instalação.

Figura 12. Localização do Cemitério de Santo Amaro e sua proximidade com o centro urbano no ano de 1870.



Fonte: José Luís da Mota Menezes. (Modificado).

3.2 A SOCIEDADE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Nesta estrutura urbana do Recife, residia um aglomerado humano de aproximadamente 30 mil pessoas no final do século XVIII (COSTA, 2016, p. 236). Contudo, esse percentual seria de 25 mil em 1809, segundo relatos de Henry Coster (CASTRO, 2007, p.38) e algo em torno de 26 mil pessoas, no ano de 1828 (CARVALHO, 2010, p. 47). Esses números combinam com os apresentados por Jerônimo Martiniano Figueira de Mello que destaca para o mesmo ano os números de 25.678 mil indivíduos (apud CASTRO, 2007, p.40).

É difícil apresentar números exatos sobre esse período, entretanto, os números apresentados, pelos historiadores Emília Viotti da Costa (2016), Henry Coster (apud CASTRO, 2007), Marcus Carvalho (2010) e Jerônimo de Mello (apud CASTRO, 2007) demonstram que a população foi gradativamente se alterando para a maior. E, ainda de acordo com Carvalho (2010), no ano de 1856, após a chegada da família real, da emancipação do Brasil e da proibição do tráfico negreiro, esse crescimento populacional atingiu um patamar de aproximadamente 40 mil indivíduos (CARVALHO, 2010, p. 73).

Aliados aos aspectos geográficos físicos e humanos devem ser colocados outras determinantes, para elaboração de uma apresentação do indivíduo e da sua sociedade durante a segunda metade do século XIX. Assim, devemos ter em mente que este século foi para os pernambucanos e para os recifenses, em particular, um período demarcado pelas diversas lutas de caráter político, econômico e social.

Desta forma, até alcançar a segunda metade do século XIX, o pernambucano e o recifense, passara por períodos bastante turbulentos em sua vida social, política e econômica. Iniciando-se pela Sedição dos Suassunas, em 1801 até a Revolução Praieira entre 1848-1850, passando pela Revolução de 1817¹² e pela Confederação do Equador em 1824¹³. (CARVALHO, 2010.) Além do mais, aquela era uma sociedade marcada, pelo patriarcalismo e pelo escravismo e, apesar das modificações ocorridas com a independência e as instituições

¹² Revolta influenciada pelas ideais francesas, pela independência dos Estados Unidos e pela recessão que se abatia sobre o Estado de Pernambuco. Esses fatores levaram a um movimento contra o Pacto Colonial que chegou a compor um governo local que durou 74 dias, mas que ao final findou reprimida pelas tropas da coroa. (SCHWARCZ e ATARLING, 2015, p. 195-196).

¹³ Movimento revolucionário que pretendia a formação de uma república que englobasse Pernambuco e outros Estados da região Nordeste do Brasil. Sua base ideologia liberal francesa e que se apoiou na Constituição da Colômbia – que, a época, era a mais semelhante que se tinha com a carta constitucional ianque. (SCHWARCZ e ATARLING, 2015, p. 234-236).

do Império, essas condições permaneciam. Neste sentido, Ribeiro (2001) ao comentar a Casa Grande e Senzala, critica exatamente o fato de o processo escravista acabar sendo minimizado pelas palavras de Gilberto Freyre.

Portanto, do cidadão recifense, não se podia esperar alguém pacífico e a parte das questões sociopolíticas da cidade. Este indivíduo crescera em um ambiente de disputas e conflitos que deixaram marcas significativas nos aspectos das reivindicações sociais e de suas próprias representações. Um exemplo destes anseios e reivindicações foi a criação de alguns cursos universitários em algumas cidades importantes do Império, dentre elas o Recife, bem como incremento cada vez maior do comércio. Contudo, o foco mais significativo e que nos interessa é, sem dúvida, o urbanismo e o desencadear dos trabalhos higienistas. Pois, é a partir dessas ideias que ocorreram as tratativas para a mudança dos sepultamentos do interior das igrejas para os cemitérios extramuros.

Neste sentido, merece destaque o fato de que as próprias igrejas haviam sido construídas sem que se respeitasse um planejamento e uma adequação urbana, sendo normalmente compostas por um pátio e sem vegetação (ALMEIDA, 2005, p. 125). E ainda o fato de que nas igrejas os sepultamentos eram realizados de maneira mais igualitária, ao menos no que dizia respeito às decorações dos túmulos que eram caracterizados por uma lápide e em alguns casos por um brasão familiar (BELLOMO, 2008, p. 23). Embora, não perceptível, a importância do morto para a sociedade que o enterrava, se podia notar pela localização de sua sepultura no interior da igreja. Um exemplo de maior simplicidade e igualdade dos túmulos presentes nas igrejas pode ser evidenciado tanto nos ossuários da igreja Matriz do Santíssimo Sacramento no Recife, quanto nos carneiros da Ordem Terceira de São Domingos na cidade de Salvador como observado abaixo nas figuras 13 e 14:

Figura 13. Ossuário da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. Recife, PE.



Fonte: CASTRO, 2007, p. 177.

Figura 14. Carneiros da Ordem Terceira de São Domingos. Salvador, BA.



Fonte: REIS, 2012, p. 181.

Entretanto, essa ação não era exclusiva do Recife, mas de todo o Brasil que se modificava e criava, a partir de então, os cemitérios extramuros. A partir daí o novo cemitério representa a nova “igreja” que passa a representar uma nova configuração social, sendo necessário que se estabelecesse neste novo local uma representação do que outrora era observado nos templos cristãos (MOTTA, 2009, p. 67).

3.3 ASPECTOS HIGIENISTAS NA SOCIEDADE RECIFENSE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Alinhado ao aglomerado urbano e as características advindas da condição social que o recifense possuía, é impossível, ao abordar essa transposição para cemitérios à margem da igreja e não tratar dos aspectos da salubridade, da higiene e da saúde pública. Esses elementos afloraram na Europa dos séculos XVIII e aportavam nos principais aglomerados urbanos do Brasil, principalmente nas cidades localizadas na região costeira que possuíam os aparelhos portuários responsáveis pelo escoamento das mercadorias (COSTA, 2016, p. 236) e, por isso, eram essas cidades as que possuíam o maior contingente humano. Porém, alterações urbanas era um fator presente nas dinâmicas urbanistas e higienistas do período que se iniciara na Europa do século anterior.

Dentre as preocupações que cercavam os aspectos urbanísticos do século XVIII se evidenciavam, também, as questões envolvendo as doenças e os focos de proliferação dessas. Os urbanistas tinham, neste sentido, o trabalho de tornar as cidades mais atraentes, também para as condições de salubridade e higiene social. Destaque-se, todavia, que essas eram preocupações que chegam ao Brasil através das ideias propagadas pelos médicos, higienistas e pelos urbanistas europeus.

O que reforçava mais e mais essa preocupação higienista civilizadora, era a famosa teoria miasmática ou teoria dos miasmas. Por essa teoria, a forma como os sepultamentos aconteciam no Brasil, repetindo o modelo cristão europeu, estava causando ou poderia vir a causar epidemias. Para Reis (2012, p. 252) os “... médicos brasileiros eram dedicados caçamiasmas. Não era uma ocupação fácil. Os miasmas eram invisíveis, imprevisíveis donos de muitos disfarces.”.

Neste sentido, das medidas higienistas, destaca-se Rodrigues (1997) ao afirmar que é um conjunto de fatores que resulta na transferência final dos sepultamentos do interior das igrejas para os cemitérios extramuros. Esta autora destaca dentre esses elementos os saberes advindos dos cursos médicos, que buscavam prevenir doenças; o papel da imprensa que passa a atuar como elemento responsável por divulgar as informações e, por fim, o surgimento do poder público mais atuante como o terceiro elemento que possibilitava as medidas necessárias ao enfrentamento e ao combate aos miasmas (RODRIGUES, 1997, p. 53 e 54).

No mesmo caminho, Ariès (2013, p. 643) destaca “... a inumação nas igrejas como contrária, ao mesmo tempo, à salubridade pública e à dignidade do culto.” Ressalte-se que, ao afirmar isso, o autor se refere a uma correspondência do abade Porée, datada de 1745, o que denota dois aspectos: o primeiro é que já se sentia a necessidade, no século XVIII de retirar os sepultamentos das igrejas e o segundo aspecto é que as questões higienistas já eram um fato relevante, até mesmo por membros da própria cristandade.

E, este autor vai além para dizer que já em 1763 o poder público tentava modificar essa realidade destacando que, também, em Paris, se constatou as mesmas preocupações higienistas. Contudo, lá essas discussões ocorreram ainda no século XVIII.

O preâmbulo do decreto [12 de março de 1763] retoma os argumentos dos médicos e dos vizinhos dos cemitérios [nas igrejas]. Na maioria das grandes paróquias e principalmente nas que ficavam no centro da cidade, as queixas são diárias sobre a infecção que os cemitérios dessas paróquias disseminam no entorno, principalmente quando o calor do verão aumenta as exalações. (ARIÈS, 2012, p. 649).

Mas, além desses aspectos de cunho culturais que envolviam a religião católica, a transferência dos sepultamentos do interior das igrejas para um local afastado dos centros e, principalmente longe dos cuidados religiosos, existiam outros empecilhos. Os aspectos econômicos eram latentes neste processo de transição e os entes públicos de certa forma pareciam não ter uma urgência para a mudança, senão vejamos:

Apesar do consenso dos políticos e médicos sobre a utilidade pública de um cemitério extramuros, pouco foi feito para a sua construção depois da aprovação da lei nº 91/1841. A falta de verba da Câmara Municipal e de sua associada no projeto, a Administração do Patrimônio dos Hospitais e Estabelecimentos de Caridade, era o entrave para a execução da lei, segundo o presidente da província. Rego Barros

chegou a sugerir que a Assembleia Legislativa encontrasse recursos no orçamento anual da província para a sua viabilização. De acordo com o demonstrativo de obras em andamento relacionadas no relatório provincial, a construção de estradas, pontes e do teatro [de Santa Isabel] público eram consideradas obras prioritárias. (CASTRO, 2007, p. 93).

Fica evidente, nas palavras da autora, que apesar das demonstrações dos higienistas e urbanistas daquele século XIX, a respeito dos perigos que os sepultamentos realizados nos centros urbanos traziam para a saúde pública, a administração local estava mais interessada em melhorias estéticas e no embelezamento do centro da cidade. Quando se observa esta ação, é impossível não retornar um pouco no próprio texto para as ideias de Almeida e pensar que tais ideias tinham um viés elitista. Interessante que o próprio “Vauthier diz, em seu diário, que o tratamento dado aos cadáveres pelos pernambucanos estava mais condizente com a “barbárie”...” (CASTRO, 2007, p. 94).

Em conjunto a qualquer emaranhado urbanístico, que crescia no Brasil Oitocentista as influências advindas do exterior se faziam presentes, principalmente, neste período, as vindas da Europa e mais precisamente da França. É, neste sentido, que adentra as cidades brasileiras os ensinamentos e as novas práticas ligadas a higiene e a segurança com relação à proliferação de doenças – a denominada teoria miasmática.

Neste aspecto, chama a atenção o fato de que a teoria miasmática afirmava que os odores advindos dos sepultamentos realizados nas igrejas poderiam ser responsáveis pela ocorrência de doenças. Na Europa essa teoria havia alcançado êxito em praticamente todas as nações católicas no sentido de substituir os sepultamentos *ad sanctus* – realizados no interior das igrejas, locais sagrados para os cristãos –, para os enterramentos realizados nos cemitérios afastados dos limites urbanos – *extramuros* –, Cerqueira destaca que:

Na busca de uma melhor reorganização dos espaços destinados a morte, médicos saíram em defesa da transferência dos enterramentos realizados nas igrejas para os seus *extramuros*, ou seja, para enterramentos em cemitérios. (CERQUEIRA, 2013, p. 284).

Diante da influência exercida pelo continente europeu sobre o Brasil, essa prática começou a ser exigida por uma parcela mais esclarecida da população e, que se opunha aos

mais tradicionais que não aceitavam trocar o local sagrado de seus antepassados e de seus futuros descendentes por um local comum. Em princípio, eram os médicos formados na Europa que traziam a novidade, mas esbarravam em uma administração pública marcada pela política tradicionalista e arraigada advinda de séculos de influência católica cristã.

Em 1831, a comissão de Salubridade do Rio de Janeiro elencava dentre as principais causas de proliferação da infecção atmosférica, inúmeras localidades, como pântanos, prisões, hospitais, entre outros, mas incluía, também, os carneiros e as covas localizados dentro das igrejas (REIS, 2012, p. 253). Desta forma, os sepultamentos ocorridos no interior ou nos arredores das igrejas como os átrios, na visão dos higienistas, era um foco causador dos miasmas, poluentes do ar das cidades e esse fator gerava os surtos endêmicos.

Em seu livro “A Morte é uma Festa”, Reis (2012) apresenta de maneira bastante esclarecedora estes aspectos ligados às modificações advindas do processo higienista. Ele explica como a população da cidade de Salvador percebeu a iniciativa de criação de um cemitério fora do centro urbano, e, principalmente, fora do reduto espiritual das igrejas católicas locais.

Neste sentido, Carvalho (2010) apresenta de forma bastante pitoresca a percepção de Charles Darwin sobre a cidade do Recife e que demonstrava a situação sanitária local, naquela época. Para aquele cientista, a cidade, da forma como a ele se lhe apresentava, lhe feria os sentidos de humanidade europeizados e por certos enraizados pelas concepções eurocentristas. Outro estrangeiro que descreve fatos desta natureza sobre a cidade é a inglesa Maria Graham que em seus diários relata os problemas daquela Recife escravista, quanto aos aspectos ligados à higiene e a salubridade pública (CASTRO, 2007, p. 41 e 42).

No Recife havia a prática de se “jogar” os indivíduos menos privilegiados econômica e socialmente em terrenos baldios, rios e no mar. Motta destaca esses exemplos descrevendo os relatos de Maria Graham, que teria visto tal fato sendo praticado na cidade de Olinda (MOTTA, 2009, p. 64) como também, o relato do engenheiro Louis Léger Vauthier que teria presenciado tal ocorrência nos rios da capital pernambucana (MOTTA, 2009, p. 65-66). Resende (2016, p. 58) destaca que “... no século XIX, no governo de Rego Barros, várias medidas várias medidas foram tomadas no sentido de melhorar as condições de vida e organizar o espaço físico da cidade.”

Contudo, destaque-se que não apenas Salvador e Recife passavam pela “onda” transformadora, mas todas as principais cidades brasileiras estavam envoltas em problemas semelhantes para a implantação e substituição dos cemitérios das igrejas – uma característica do processo colonial – para cemitérios afastados dos centros urbanos. Assim, é possível dizer que essa medida não transcorreu de maneira equânime em todos os cantos do país, como exemplo mais evidente pode ser apresentado a Cemiterada que ocorreu na cidade de Salvador:

A Cemiterada começou como uma manifestação de protesto convocada pelas irmandades e ordens terceiras de Salvador, organizações católicas leigas que entre outras funções, cuidava dos funerais de seus membros. Naquele dia, a cidade acordou com o barulho dos sinos de muitas das igrejas. Os mesmos sinos usados na convocação para missas, procissões, festas religiosas e funerais eram agora dobrados para chamar ao protesto coletivo. (REIS, 2012, p. 13).

Outro exemplo é o trazido por Lima (1994) quando trata da criação dos cemitérios na cidade do Rio de Janeiro. Lá, como em Salvador, e também na cidade do Recife, as mudanças tinham, sem dúvida alguma, os mesmos sentimentos higienistas importados da Europa pelos doutores recém-formados. Contudo, o que ocorreu no Rio de Janeiro foi que as próprias instituições religiosas, a partir de 1845, se engajaram no processo de criação dos seus próprios cemitérios “extramuros” o que de certa forma favorecia essas instituições do ponto de vista administrativo, já que elas continuavam a exercer significativo poder sobre uma parcela importante da sociedade carioca. Outro fator era que esses cemitérios acabavam competindo com os cemitérios seculares que haviam sido construídos na cidade (LIMA, 1994, p. 92-95).

Quem apresenta outro exemplo é Silva (2008) ao tratar da criação do primeiro cemitério da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Lá, as discussões para acabar com os sepultamentos no interior da Igreja Matriz se iniciaram em 1834, apesar de alguns questionamentos anteriores, mas a concretização só foi ocorrer em 1850 com a inauguração do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia (SILVA, 2008, p. 253-255).

Como se pode observar, as cidades apresentadas obtiveram situações distintas, enquanto Salvador passou por uma revolta contra a construção do cemitério extramuros, o Rio de Janeiro conseguiu administrar as diferenças de maneira a “agradar” a maioria. E, mais além, “Foram desta forma colocados à disposição da população carioca, em meados do século

passado, tanto cemitérios religiosos (particulares), quanto seculares (públicos).” (LIMA, 1994, p. 92). Já em Porto Alegre, foi a falta de recursos que dificultou a construção, apesar da vontade política e do incômodo causado pelo Cemitério da Matriz, localizado no centro urbano. A situação do Recife, como mencionado acima, não ficava a margem dessas discussões e mudanças, e, ao contrário, o assunto foi abordado já em meados da década 1830.

Observado desta forma, é possível dizer que as preocupações higienistas tenham sido, por assim dizer, um processo elitista (ALMEIDA, 2005, p. 130 e 131), de certa forma, por se tratar de uma ação que se estabelece contra a insegurança causada pela conturbação urbana e social do Recife na segunda metade do século XIX.

A “desordem urbana” criticada por médicos e estrangeiros como Darwin e Gardner, justifica-se pelo surgimento de vilas a partir da construção das habitações no entorno do largo das igrejas. As ruas, consideradas estreitas e tortuosas, foram o resultado do desejo das pessoas manterem-se próximas às igrejas, que, arquitetonicamente, tinham a função de gerar um sentimento de controle sobre o rebanho cristão. (CASTRO, 2007, p. 36).

Não se pode deixar de observar, ainda, quando se fala em aspectos higienistas, as próprias construções existentes na cidade. Neste sentido, Castro destaca essa condição ao demarcar as condições relativas, tanto as construções de alvenaria, quanto as que utilizavam outros materiais e serviam a população mais pobre da cidade. A esse respeito, ela destaca que à primeira, seriam na sua grande maioria compostas de construções conjugadas, isto é juntas umas às outras, sem espaço entre elas, e por isso possuírem apenas portas e janelas nas partes frontais e dos fundos, sem janelas laterais. No que se refere à segunda classe de construções (mocambos, paliçadas e “tejupares”) estas eram feitas em conformidade com o local da edificação. Embora em condições diferentes, o que se deve destacar é o fato de que os higienistas condenavam uma e outra construção, por motivos distintos, mas ambas apresentavam seus problemas (CASTRO, 2007, p. 47-51).

Ainda segundo Casto (2007, p. 41) a população do Recife, em 1838, girava em torno de 91.065 pessoas de acordo com o censo oficial realizado pelo presidente da província. De acordo com os dados trazidos é possível dizer que 68,84% compunham os homens livres; 3,54% por libertos; 25,91% por escravos e 1,71% por estrangeiros. Assim, o que se pode observar é que uma parcela significativa da população – 29,45% residente no Recife

encontrava-se em baixa condições de vida. E eram exatamente esses indivíduos que ocupavam aquelas construções formadas pelos mocambos, paliçadas e tejupares.

Sendo muitas dessas pessoas escravas e descendentes de escravos estavam ligadas aos rituais de morte africana, como os aspectos simbólicos da cultura banto que previa em algumas a ideia de travessia do oceano que liga a vida a morte. Grahan (apud Castro, 2007, p. 42-43) destaca essa ideia quanto aborda a questão dos mortos jogados nos rios da cidade.

Podemos entender que essa população pobre e caracterizada por diversos pormenores culturais, mas sem condições de melhorar suas residências e suas condições de vida eram objeto de discussão já que o projeto de ampliação da cidade do Recife os deslocava para locais mais afastados do centro social da cidade. Embora, deslocados do centro da cidade seus mortos já se faziam representar no Cemitério de Santo Amaro.

Desde o início da implementação do cemitério, na região do bairro de Santo Amaro, já se havia pensado em um local em seu interior para receber as populações menos abastadas economicamente. Esse espaço se fazia presente tanto nas áreas internas dos quarteirões, isto é, na porção que se estendia por detrás dos jazigos perpétuos, como nas áreas onde foram destinados os espaços para os jazigos das irmandades religiosas. Essas irmandades atuavam sepultando seus confrades, outrora nas igrejas, e agora em seus jazigos no interior do novo cemitério. Portanto, as populações mais pobres também foram agraciadas pelo novo espaço público cemiterial.

Reis (2012) afirma que a crise econômica que assolava o Nordeste resultou da queda no preço do açúcar e de outros produtos, bem como as secas que ocorreram no interior dos estados. Neste contexto, Salvador se colocava sem condições de competir com o Sul e com certeza o Recife se encontrava na mesma situação; portanto era um período de perda de competitividade e de aumento da pobreza. Pobreza essa que até que se inaugurasse o Cemitério de Santo Amaro se fazia representar nos sepultamentos através, muitas vezes, das irmandades, mas que agora via isso ameaçado.

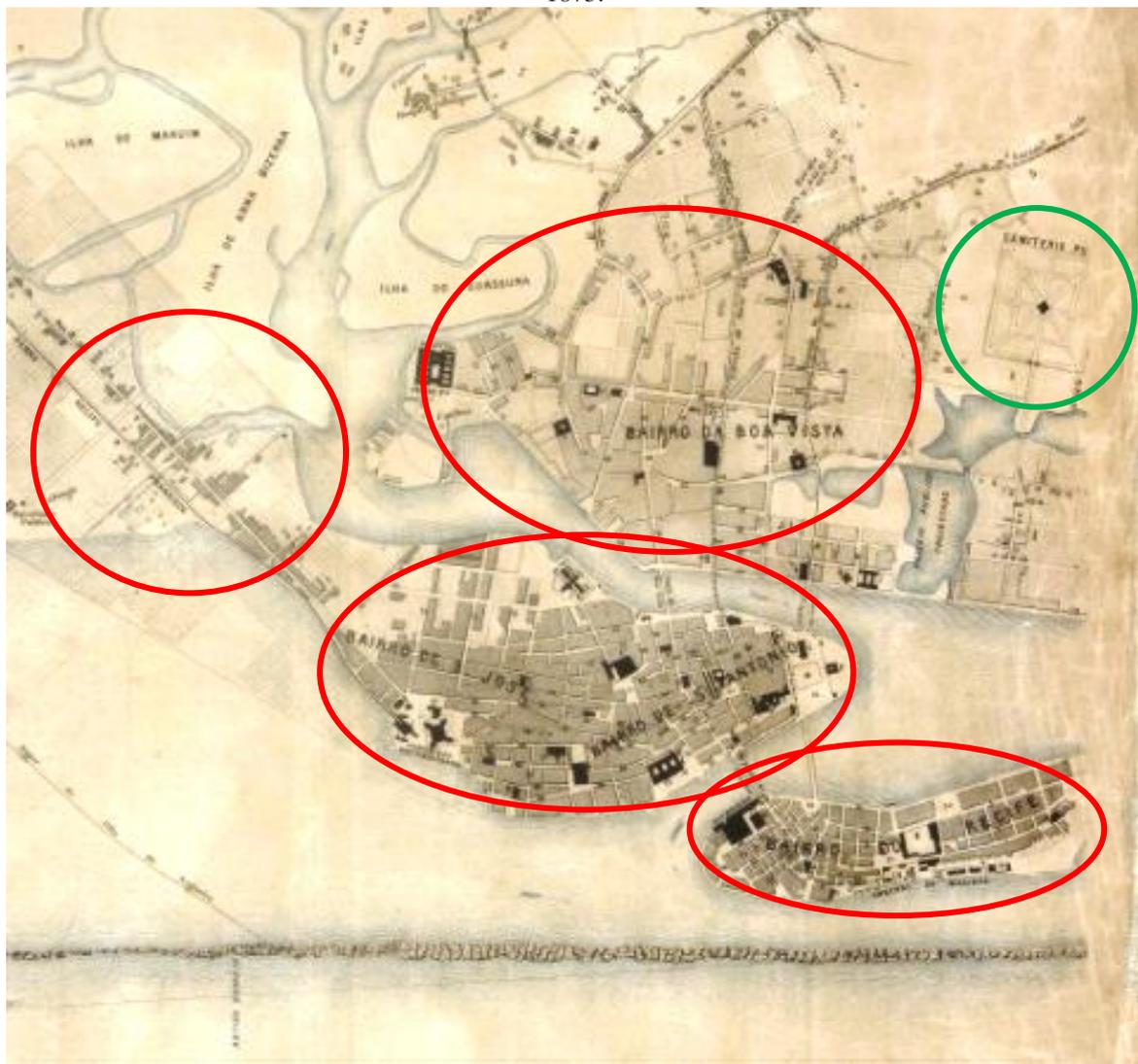
No Recife, segundo Milfont (2005) a crescente ocupação dos arrabaldes da cidade foi um aspecto que estava relacionado com a pobreza. De acordo com ela ao acompanharem o fluxo dos rios da cidade e o deslocamento dos transportes fluviais as populações menos abastadas acabaram, ao longo da segunda metade do XIX, ocupando as regiões costeiras dos rios da cidade. Assim, onde outrora haviam engenhos que se tornaram locais de veraneio para

a elite recifense, se transformava, agora, em local de moradia para a população que crescia. (MILFONT, p. 172-174).

Portanto, de local tranquilo e afastado das aglomerações urbanas essas áreas passam a ser ocupadas perdendo o que alguns viajantes caracterizavam como um elemento “... bucólico e acolhedor existente nos sítios e chácaras, como os ingleses Henry Koster e Maria Graham, e os franceses Louis-François Tollenare e Robert Avé-Lallemant, entre outros.” (HALLEY, 2013, p.68).

As imagens abaixo, datadas de 1875, demonstram esse crescimento da cidade para o “interior”. A figura 15 mostra a demografia urbana concentrada nas três principais ilhas do Recife, além da região de Afogados, estão realçados com círculos vermelhos. Porém, observando atentamente os detalhes da figura 16 pode ser percebida uma ocupação das margens dos rios da cidade, circulado em vermelho, Casa Forte, Apipucos, Monteiro, Poço da Panela, Barbalho Iputinga e Cordeiro – atualmente todos, bairros da cidade. A imagem apresenta, também, a representação do cemitério de Santo Amaro, destacado em amarelo.

Figura 15. Áreas mais densamente povoadas do Recife e a proximidade com o Cemitério de Santo Amaro em 1875.



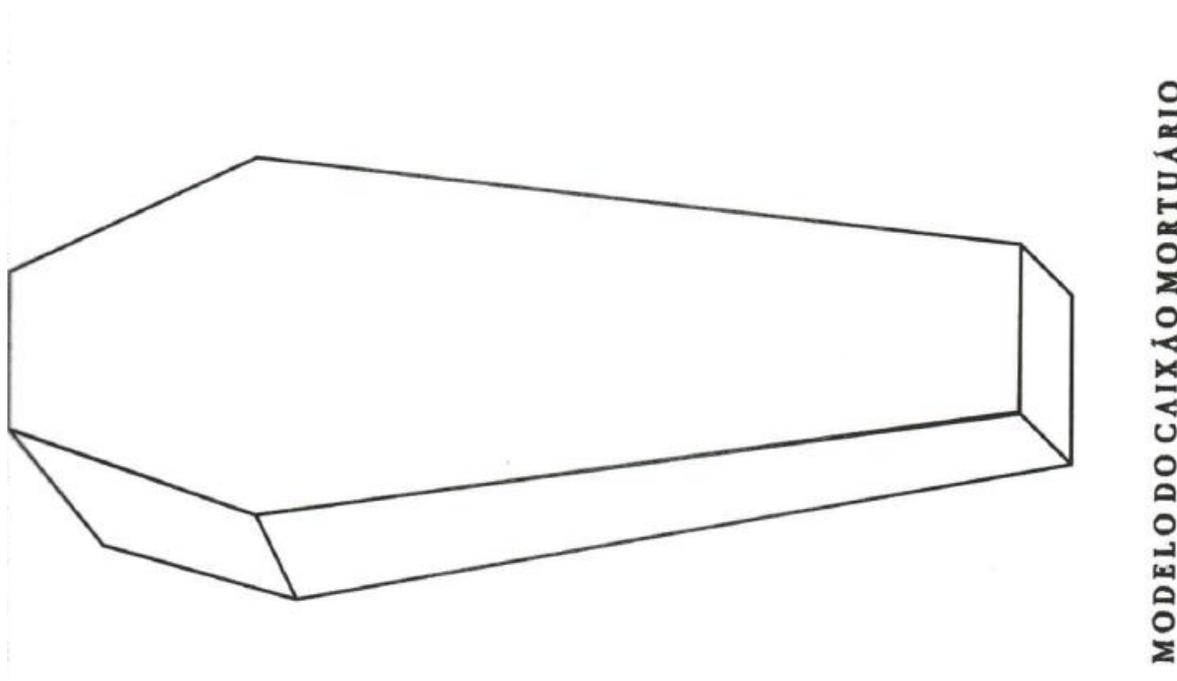
- As regiões mais densamente povoadas da cidade do Recife
○ Cemitério de Santo Amaro

Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart529229/index.htm. Acesso Ago. 2017.

tratar os sepultamentos e os mortos deveria ser alterada na visão dos higienistas, que agora que se instalava um novo cemitério pretendiam que fosse implementada as novas técnicas de lidar com o cadáver. Dentre os aspectos que deveriam ser alterados estavam relacionados o próprio sepultamento nas igrejas e a determinação da *causa-mortis* que deveria seguir os preceitos ligados a saúde pública e as práticas criminais. A grande preocupação era no que se referia à proliferação de doenças. Nem os sepultamentos nem as causas conferidas eram tratadas de maneira científica, mas sim de forma culturalmente tradicional (CASTRO, 2007, p. 104-105).

Aliado a esses problemas havia, também, o aluguel dos caixões, fato que poderia contribuir no processo de difusão de doenças. Essa prática era corriqueira. Reis (2012, p. 151) já descrevera “Os mais ricos agora podiam ser enterrados em seus caixões próprios, abandonando os esquifes coletivos de irmandades e os caixões de aluguel.” Interessante que o próprio Conselho Geral de Salubridade Pública chegou a confeccionar um modelo ideal de caixão, figura 17, para ser utilizado (CASTRO, 2007, p 113).

Figura 17. Modelo de caixão criado pelo Conselho de Geral de Salubridade Pública.



Fonte: CASTRO, 2007, p 113.

Outro aspecto que deve se destacar é o fato de que muitos dos homens livres, apesar de livres não eram possuidores de fortuna, eram na realidade trabalhadores que atuavam em profissões corriqueiras como em qualquer cidade daquele Brasil Oitocentista, portanto trabalhavam como carpinteiro, pedreiros, vendedores de lojas etc. Ocorre que esses homens, como afirma Reis (2012, p. 228) trabalhavam diretamente ligado ao processo funerário que se encontrava estabelecido, sendo muitas vezes ligados, as Irmandades Religiosas.

Neste sentido o processo de mudança dos sepultamentos das igrejas para o cemitério envolveria uma mudança de caráter religioso, mas principalmente, econômico para essas pessoas.

Neste sentido, há de destacar, também, os aspectos ligados ao próprio ritual de morte exercido pelo recifense, já que muitos dos questionamentos higienistas acabavam envolvendo questões de caráter ritualístico para o cristão. Em sua obra “O Homem Diante da Morte”, Ariès destaca que a atitude perante a morte é uma ação que resulta da alteração no comportamento social do cristianizado que passa a perceber a morte não mais como algo repugnante e medonho. O indivíduo começa a entender a morte como elemento integrante de sua própria existência no que Ariès denomina “morte domada” sendo a sua prática perpetuada “... durante muito tempo, até o século XVIII, os mortos deixaram de fazer medo aos vivos, e uns e outros coabitavam os mesmos muros.” (ARIÈS, 2013, p.41).

Nesta concepção de ritual cabe citar Peirano em “Rituais ontem e hoje”:

Rituais e representações são tão determinantes da vida em sociedade que, muitas vezes, exigem que os indivíduos dêem sua própria vida para defendê-los, como, por exemplo, em casos de guerra. Mas também estão presentes em grandes festividades, como demonstrações populares. (PEIRANO, 2013, p. 14).

Nesse entendimento, devemos destacar a possibilidade aventada por Pearson (1982) ao tratar o ritual funerário como algo passível de manipulação e, se assim o é, cabe a discussão a respeito das influências sobre esse ritual e como as condições locais (econômicas, políticas, sociais, culturais e religiosas) podem atuar sobre todo o processo. Parker afirma que:

Burial ritual is susceptible to ideological manipulation within the construction of social strategies. An analysis of mortuary practices in modern and Victorian England leads to an interpretation both in terms of the way the dead are seen by the living and in terms of the social relationships between competing groups. (PEARSON, 1982, p. 99).¹⁴

Importante entender ainda que, esta mudança esteve inserida no emaranhado de implicações sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas que se mesclavam diante do controle exercido pela igreja católica sobre todos os assuntos ligados a morte. Reis (2012, p. 241) afirma que a economia que girava em torno da morte se fazia perceptível tanto aqui no Brasil quanto na Europa, e os religiosos ganhavam com a indústria do sepultamento.

Assim, as instituições religiosas se colocaram contrárias a criação de um cemitério extramuros, já que isso poderia representar a falência de muitas irmandades; o que de fato aconteceu. “Os fieis se afastariam das irmandades sabendo que agora seriam enterrados num cemitério público onde, para terem regalias e acompanhamentos, “farão novas despesas”; os irmãos pobres antes enterrados com dignidade, “serão sepultados tristemente”” (REIS, 2012, p. 315). Ora, o que preocupava as irmandades baianas é justamente a sobrevivência de suas instituições, muitos mais do que o próprio serviço prestado aos seus membros.

Se na Bahia existiu uma resistência violenta, no Rio de Janeiro o governo Imperial conseguiu contornar as situações para a construção dos cemitérios, como destacado por Lima e em Porto Alegre – cidade mais nova (1772) o cemitério somente foi concluído em 1850 – no Recife, também, houve descontentes e dificuldades. As mudanças advindas da “... criação de um cemitério fora da cidade também não teve uma recepção amistosa por muitos habitantes do Recife, sobretudo aqueles que se ressentiam por ver suas crenças religiosas sendo ofendidas.” (FREITAS, 2016, p. 187).

Contudo, após a transferência definitiva para o Cemitério de Santo Amaro o que se pode observar é que muito das características presentes na função desempenhada no sepultamento realizado nas igrejas, passaram a ser observados nos acompanhamentos tumulares que se fizeram presentes no cemitério. Até mesmo, passou a servir de elemento de memória, mais elaborado para a lembrança simbólica do falecido e da perpetuação do seu nome de família.

¹⁴ Ritual de enterro é suscetível à manipulação ideológica dentro da construção de estratégias sociais. Uma análise das práticas mortuárias na Inglaterra vitoriana e moderna leva a uma interpretação tanto em termos da forma como os mortos são vistos pelos vivos e em termos das relações sociais entre grupos concorrentes.

4 CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RESULTADOS

4.1.1 Da identificação tumular

Quando iniciamos a identificação tumular tratamos de forma indissociável da própria individualização do jazigo e, por conseguinte, dos elementos que o compõe. Contudo, os jazigos, da forma que nos apresentam (túmulos, mausoléus, ossuários e túmulos e ossuários) podem possibilitar uma interpretação bem mais ampliada dos processos social, econômico, político, cultural e religioso. Ressaltando, mais uma vez que a inclusão da ideia de elemento “túmulo e ossuário”, se fez com o objetivo de ampliar as possibilidades de análises, além de condicionar o trabalho as situações estabelecidas no cemitério.

Foram, assim, analisados 177 jazigos, que atendiam as especificações deste estudo, e já explicadas anteriormente. Por isso, na sequencia trataremos de detalhar os resultados obtidos.

4.1.2 Do sexo dos indivíduos

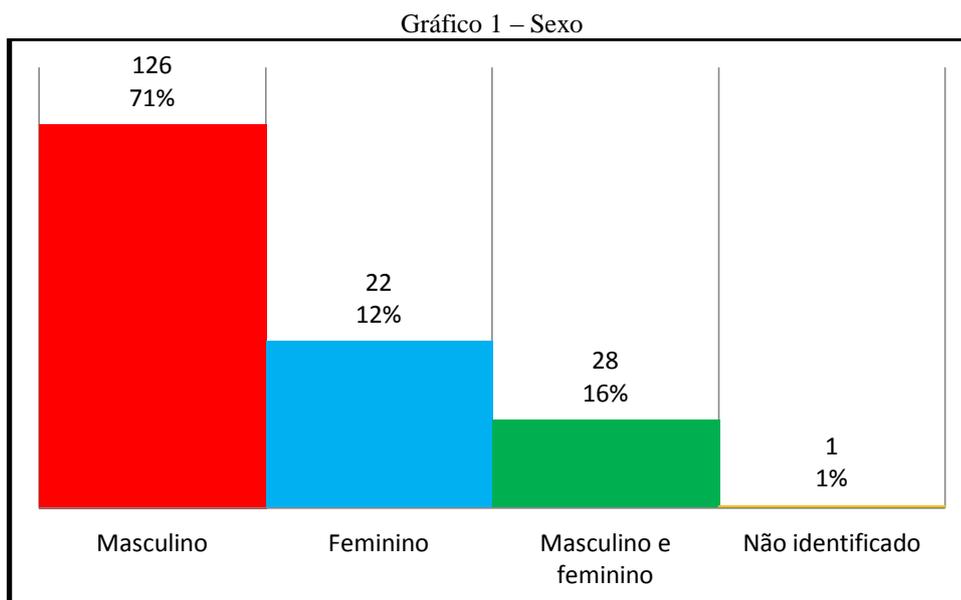
Quanto ao sexo dos indivíduos falecidos e sepultados em Santo Amaro, o que se constata quando observamos o gráfico abaixo é que os jazigos – enquanto elemento material – demonstram os aspectos de uma sociedade patriarcal – demarcada pela superioridade dos homens sobre as mulheres em todos os aspectos da vida social, econômica e cultural. Assim dos 177 jazigos que compõem o conjunto pesquisado 126 deles são compostos por sepultamentos exclusivamente masculinos, ou seja, 71% dos sepultamentos.

Como afirma Holanda (2004) esse patriarcalismo, característico do brasileiro se apresenta de várias formas inclusive na impessoalidade. O brasileiro acaba por familiarizar o trato com as pessoas de forma que se tornem “próximas”, mesmo que não o sejam. E, estas

relações sociais tornaram o elemento masculino o ponto central nas decisões familiares, afastando a mulher deste processo. Por isso, ocorre uma discrepância tão grande entre sepultamentos exclusivos do sexo masculino para os sepultamentos femininos, naquele período em Santo Amaro.

Já os indivíduos do sexo feminino, perfazem um percentual de 12% dos sepultamentos, totalizando, 22 jazigos do total selecionado para a pesquisa. Nitidamente, se observa uma distinção sexual no tratamento social desferido aos indivíduos de ambos os sexos. Como citado acima, a figura feminina ficou afastada do processo social pelas características de formação do povo brasileiro, e isso “... ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos até hoje.” (HOLANDA, 2004 p. 145).

Quanto aos jazigos que possuem sepultamentos de indivíduos do sexo masculinos e femininos, chega-se a um total de 16%, o que contabiliza em números absolutos 28 jazigos, conforme o gráfico 1, abaixo. Restando, por fim, o percentual de 1% para os jazigos pesquisados em que não foi possível identificar o sexo.

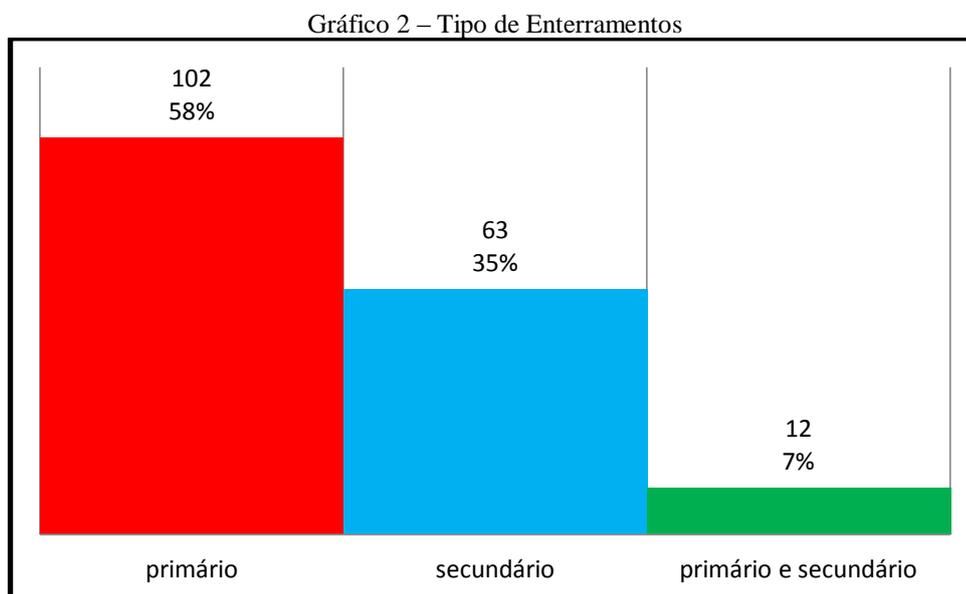


4.1.3 Do tipo de enterramento

O tipo de enterramento segundo afirmações de Silva (2006, p. 122) citando outros autores como Heizer (1950), Heizer e Grahan (1967) e Ubelaker (1996), existem “... seis tipos básicos de deposições funerárias: enterramento primário, enterramento secundário, enterramento múltiplo primário, enterramento múltiplo secundário, cremação primária e cremação secundária”.

Deve-se ter em mente que por tratar-se de um cemitério histórico não foi possível encontrar todos estes tipos de sepultamentos. Contudo, encontram-se: o enterramento primário, nos jazigos familiares individuais ou coletivos, na sua totalidade, perpétuos e, os enterramentos secundários, o que pode ser observado através dos ossuários ou em jazigos caracterizados por túmulos e ossuários do cemitério de Santo Amaro.

O que no gráfico 2 abaixo demonstra a respeito do tipo de enterramento e sobre a primazia dos enterramentos primários para o período em estudo:



Os enterramentos primários, a maioria dos encontrados no cemitério, perfazem um percentual de 58% do total dos jazigos. Já os secundários, alcançaram um valor de 35% do total, portanto uma parte significativa dos sepultamentos realizados é de sepultamento secundário, isto é, foram indivíduos sepultados primeiramente em outros locais e posteriormente foram realocados para o Cemitério de Santo Amaro. Ou ainda, indivíduos que foram sepultados no próprio Santo Amaro e posteriormente, tiveram seus restos mortais

realocados para outros Jazigos. Castro (2007) já destaca essa ocorrência quando aborda os ossuários existentes nas igrejas do centro do Recife; para a autora a importância estava na crença cristã do juízo final e pelo fato de que o resto do falecido estando em local temporário trazia incertezas.

Em nossas observações foi possível constatar pela data da morte em comparação com o ano de inauguração do cemitério que os restos mortais de vários indivíduos foram realocados anos após a ocorrência de o óbito ter acontecido.

A terceira categoria de jazigos que aparecem, em Santo Amaro, que chama a atenção e por isso merece destaque são os jazigos que tem enterramentos primários e secundários. Jazigos que compreendem sepultamentos de ambas as categorias anteriores, funcionando enquanto túmulos primários e como depositários secundários.

Para realizar a pesquisa foi necessário observar as datas que estampavam as lápides dos jazigos, uma vez que os registros cartorários, quando consultados, se mostraram incompletos. Destaque-se, ainda, que entre esses vários túmulos, ossuários e mausoléus estavam ocupados por cadáveres de diversas épocas, porém buscou-se trabalhar de forma que se levassem em consideração as datas existentes nas lápides dos referidos falecidos.

Assim, mesmo que um determinado jazigo fosse ocupado, no presente, por sepultamentos do século XX, levavam-se em consideração as lápides e a data principal dos referidos jazigos, isto é, a que se apresentava nas marcações principais dos jazigos. Conforme se observa no exemplo da figura 18, abaixo:

Figura 18. Detalhe da datação do Jazigo número F1 da quadra 2, do quarteirão 14. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2017.

No jazigo acima pode ser observado que a construção se deu no transcorrer do século XIX através da data 1855, em destaque, que aparece na parte principal do túmulo, porém é visível, também, que os sepultamentos continuaram a acontecer e permanecem até os dias atuais, como comprova a data de 2003, destacada, comprovando tratar-se de um jazigo perpétuo desta família.

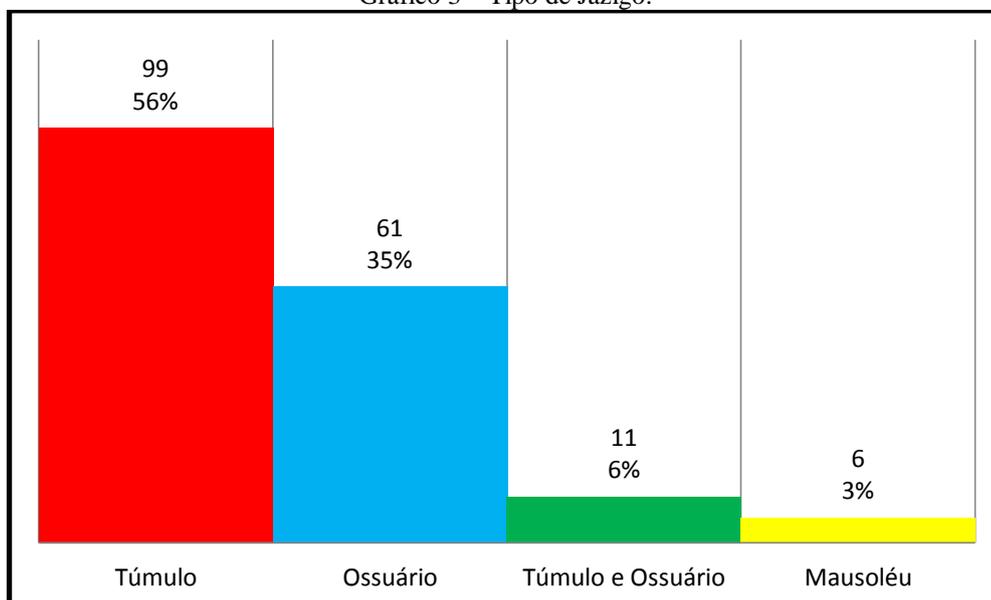
Deetz e Dethlefsen (1968, p. 83), ainda trazem o esclarecimento a respeito da importância do estudo das lápides encontradas em um cemitério histórico, ao que entendem ser de significativa importância para a elaboração de apurado entendimento social de determinado período de tempo. No caso específico do trabalho dos autores tratou do período compreendido entre os séculos XVII e XVIII, em nosso caso, a observação se dá na segunda metade do século XIX.

Por conseguinte, evidentemente que a lápide fez parte do presente estudo, uma vez que compreende parte da análise do artefato material como um todo, isto é, a lápide no caso concreto deste trabalho inclui-se como elemento de composição dos jazigos selecionados.

4.1.4 Dos tipos de jazigos

Quanto aos tipos de jazigos existentes no cemitério de Santo Amaro, eles são de quatro tipos: túmulos, mausolés, ossuários e túmulo e ossuário. A distribuição desses tipos está demarcada da seguinte forma: túmulos, com 99 unidades; ossuários correspondendo a 61 unidades; túmulos e ossuários em número de 11 unidades e mausolés perfazendo 6 unidades. Isso se confirma se observarmos o gráfico 3, abaixo:

Gráfico 3 – Tipo de Jazigo.



A respeito da compreensão dos tipos de jazigos é interessante o que apresenta Crowell (1981), que em seus estudos da arte tumular dos cemitérios da Filadélfia entre os séculos XVIII e XIX; conseguiu definir a influência religiosa e social como determinante para a caracterização da arte funerária naquela região dos Estados Unidos, bem como pelo fato de que foi perceptível uma evolução desta arte tumular ao longo do tempo. A autora afirma que “The transitional stones are indicative of the changing world view” (CROWELL, 1981, p. 26).¹⁵ Acrescenta ainda o entendimento a que chegou Deetz:

The urn shaped stone, as part of a horizon style, represents a national rather than regional change in world view. America as a nation chose to adopt the symbolism of the Classical world, which represented democracy, while lack of carved imagery demonstrated some deference to Quaker custom (apud CROWELL, 1981, p. 26).¹⁶

O que foi possível observar em Santo Amaro é que há uma predominância por túmulos e esses são, na sua maioria, de tamanho mediano. Esta estruturação de tamanho mediano está baseada na observação dos jazigos, sendo possível, sem maiores dificuldades, a distinção entre os jazigos em forma de túmulos e os jazigos em forma de mausoléus. Esses últimos configurados de forma significativamente maiores na paisagem arquitetônica do espaço público. Outra característica do cemitério é a pequena quantidade de mausoléus, apenas 6, isto é 3% do total de jazigos estudados no período. Possivelmente, esta configuração advenha da conjuntura socioeconômica, uma vez que apesar da importância da cidade em aspectos comerciais, já não tinha, como outrora havia conseguido, uma primazia sobre a economia nacional. O eixo econômico, a muito já se alterava e deslocava-se para o Sudeste do país.

Mas, apesar dos limites econômicos que lhe eram impostos, “... o cemitério era, como a igreja, o centro da vida social.” (AIRÈS, 2013, p. 83) e a sociedade recifense adotou, como se observa das imagens abaixo o novo espaço como forma de exaltação dos seus entes falecidos e ainda mais, como uma maneira de perpetuar a importância social de suas famílias

¹⁵ As pedras de transição são indicativas da visão de mundo em mudança.

¹⁶ A pedra em forma de urna, como parte de um estilo horizonte, representa uma mudança nacional em vez de regional na visão de mundo. A América como uma nação optou por adotar o simbolismo do mundo Clássico, o que representa a democracia, enquanto a falta de imagens esculpidas demonstrado alguma deferência ao costume Quaker.

e indivíduos. O fato marcante é que os tipos de jazigos deixam transparecer essa preferência pela demonstração de poderes dentro do espaço do cemitério.

Nas figuras a seguir se observam exemplos de jazigos, sendo a figura 19 um túmulo e ossuário pertencente à família de um Barão – Barão de Beberibe –, a figura 20 um túmulo, figura 21 de um mausoléu e a figura 22 um ossuário.

Figura 19. Túmulo e Ossuário de número F21 da quadra 1, do quarteirão 4. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2017.

Figura 20. Túmulo de número F39 da quadra 1, do quarteirão 3. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



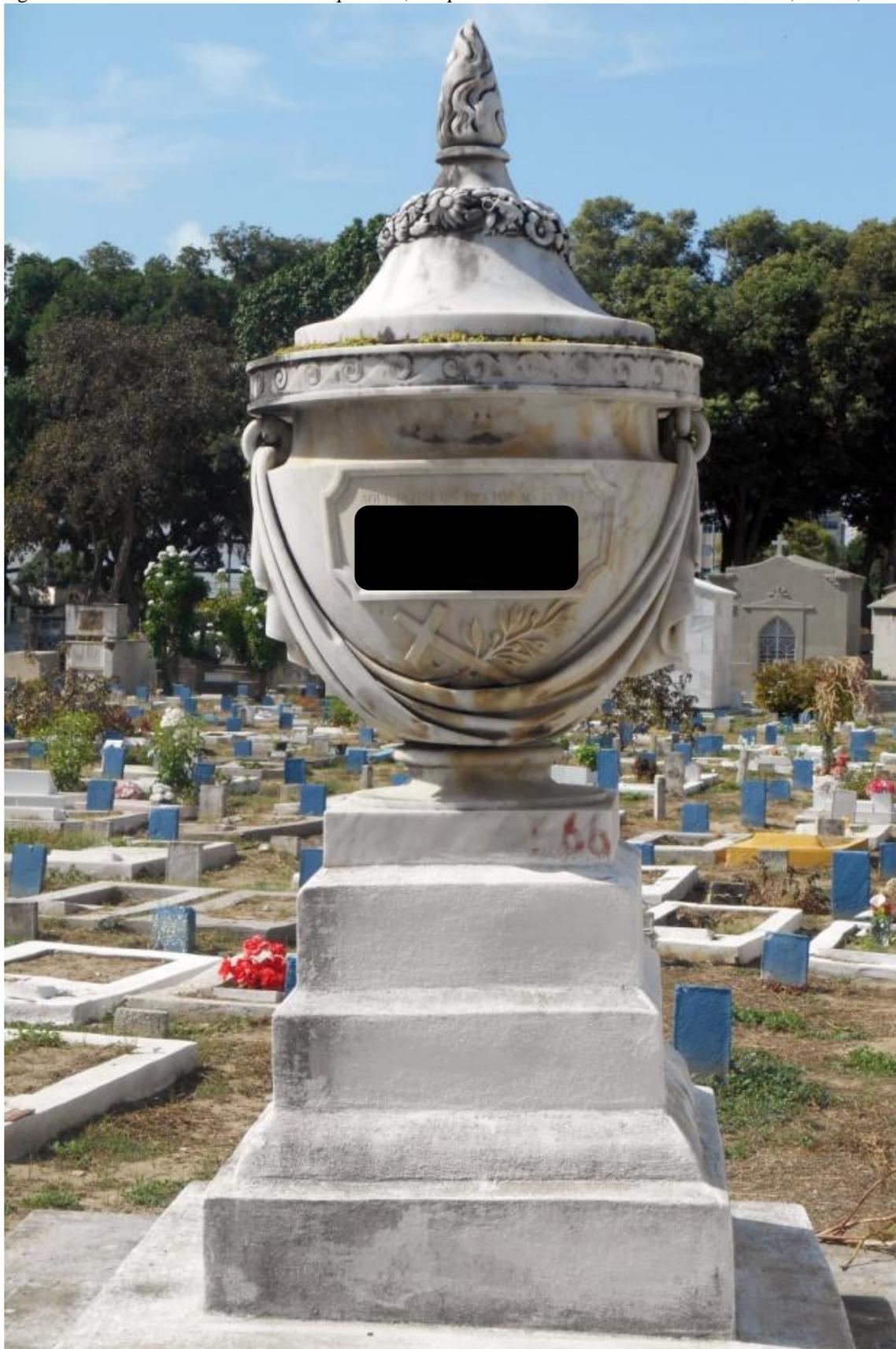
Fonte: Filipe Machado, 2017.

Figura 21. Mausoléu de número F38 da quadra 2, do quarteirão 17. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2017.

Figura 22. Ossuário de número F66 da quadra 1, do quarteirão 12. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2017.

4.1.5 Da quantidade de indivíduos nos jazigos

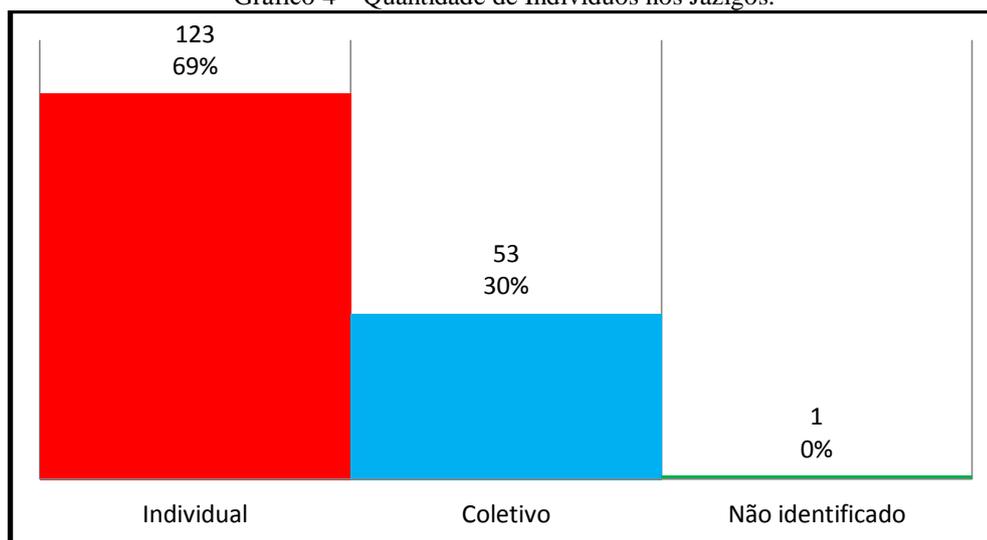
O interior do cemitério de Santo Amaro, cortado e entrecortado por suas alamedas e ruas demarca uma geografia bastante singular, afinal de contas é a moradia final de muitos entes que em vida possuíam relações e inter-relações sociais. Entretanto, o que se observa, agora é que esses indivíduos estão sepultados, em grande parte das vezes em jazigos individuais um total de 69%.

Além desses, o cemitério possui 30 % de jazigos onde estão sepultamentos coletivos, esses jazigos poderiam ser caracterizados ou pelos túmulos e ossuários que podiam acomodar até quatro corpos, além dos ossos, ou podem ser caracterizados, também, pelos mausoléus que, enquanto estruturas arquitetônicas maiores, poderiam receber um maior número de indivíduos. O fato importante a se destacar é que no interior do cemitério de Santo Amaro, havia a possibilidade de se sepultarem, em um mesmo jazigo, mais de um indivíduo. Este fator já foi destacado anteriormente quando se tratou do processo de venda dos jazigos e foi afirmado com realce nas palavras de Castro (2012) essa possibilidade.

Seguindo esses aspectos da quantidade dos indivíduos sepultados por jazigos é possível dizer ainda que em apenas um jazigo não foi possível ser identificado a quantidade de indivíduos sepultados.

Abaixo, encontra-se o gráfico 4 com essa demarcação:

Gráfico 4 – Quantidade de Indivíduos nos Jazigos.



Esse gráfico reforça as ideias de que na segunda metade do século XIX havia uma preocupação com o processo de individualização e de distinção social em relação aos demais, e, por isso mesmo a predominância pelos jazigos individuais (MOTTA, 2009, p. 36).

4.1.6 Da matéria prima

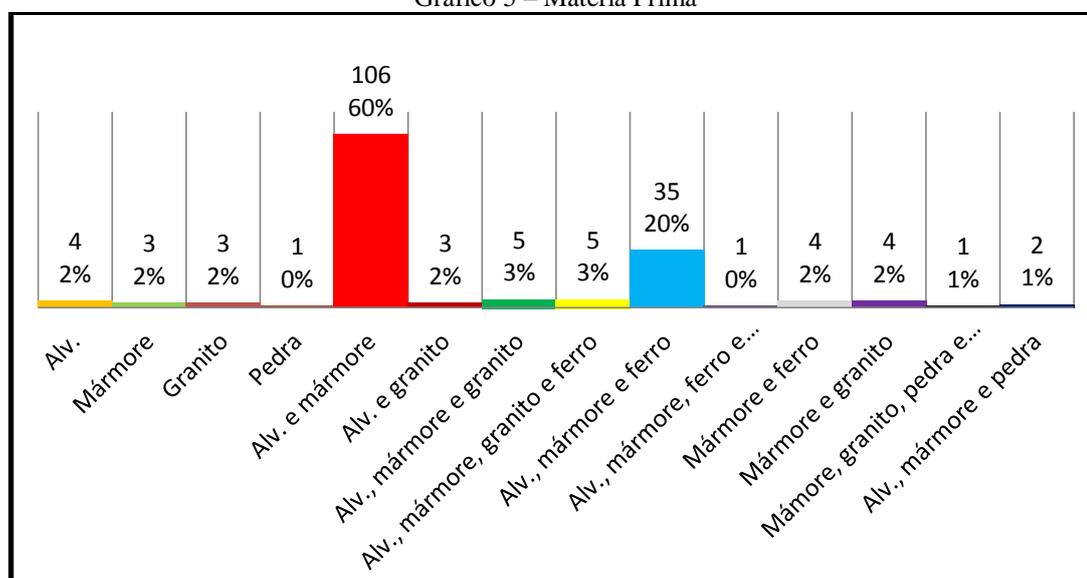
A esse respeito é interessante que a “... maneira como os indivíduos cultuam seus mortos não é algo passível de transformações rápidas, faz parte de um território comportamental onde as longas durações se fazem presentes.” (CYMBALISTA, 2002, p. 76).

Abaixo se encontra um gráfico detalhado com a distribuição exata dos materiais e de suas combinações de forma como se encontram distribuídos no cemitério. A matéria prima utilizada em Santo Amaro se divide em: alvenaria, mármore, granito, ferro, pedra – tipo folheta – e cerâmica. Contudo, além desses é possível ver suas combinações: alvenaria e mármore; alvenaria e granito; alvenaria, mármore e granito; alvenaria, mármore, granito e ferro; alvenaria, mármore ferro; alvenaria, mármore, ferro e cerâmica; mármore e ferro; mármore e granito; mármore, granito, pedra e ferro e por último alvenaria, mármore e pedra.

Por fim, podemos concluir, observando o gráfico 5 que o material mármore esteve utilizado em 9 (nove) das 13 (treze) possibilidades existentes e que a alvenaria esteve presente

em 8 (oito) das 13 (treze). Também é possível observar que a cerâmica aparece em apenas 1 (uma) das 13 (treze) combinações. E que a pedra só é percebida em 2 (duas) das 13 (treze).

Gráfico 5 – Matéria Prima



4.1.7 Da tipologia funerária

Na ação de identificação tumular se destaca a tipologia funerária. E, para compreendermos a tipologia funerária, é necessária uma contextualização da cultura material, além de uma análise que pense as interpretações simbólicas “do mobiliário funerário” (RIBEIRO, 2007, p. 96) como algo que pode ser alterado, modificado ao longo do tempo. Sendo necessário, para essa interpretação o estudo e a compreensão da tipologia, uma vez que essa, por encontrar-se dividida em: cristã, alegórica e cívico-celebrativa possibilita uma visão ampliada das perspectivas (BELLOMO, 2008, p. 15-19). Mas, levando em conta o entendimento de Lima (1994), Silva (2008), Steyer (2008) Cymbalista (2002) e outros, é possível observar que a tipologia vai além, acrescentando-se aí aspectos antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, signos ligados ao fogo, e signos ligados a nobreza e distinção social, além de signos ligados a representação de objetos.

Assim, podemos dizer que a tipologia cristã produz, para o indivíduo a idealização na vida eterna e as suas inscrições e símbolos buscam essa representação (BELLOMO, 2008, p. 15). Já para Cymbalista (2002), essa tipologia, em muito tem a ver com o fato de que ao

serem retirados do interior das igrejas os sepultamentos acabaram trazendo consigo muita das condições e das permanências existentes nos sepultamentos realizados, outrora, nas igrejas. E ele chega a dizer que os novos locais, pouco tinham de secularizados (CYMBALISTA, 2002, p. 76). Para este autor o que ocorre é apenas a mudança do espaço físico, já que muitas das condições existentes nas igrejas sobrevivem ao cemitério extramuros.

Entretanto, se faz necessário abordar cada uma das tipologias. Assim, adentramos agora na tipologia Alegórica, a qual segundo Bellomo compreende a união dos cultos neoclássicos do herói e das virtudes, ambos direcionados para a apresentação do falecido (BELLOMO, 2008, p. 18). Interessante que observada à definição de Neoclássico vamos encontrar como sendo uma reação ao Barroco e ao Rococó. E tem-se com ele um retorno às ideias gregas e romanas (antigas) que primavam pelo equilíbrio, proporção e harmonia.¹⁷

No que diz respeito às cívico-celebrativas, Bellomo explica como a tipologia que se enquadra com os jazigos em que se destacam as funções de servir como túmulos, e como forma de lembrança e memorização dos sepultados. As lembranças superam a dor e adentram em características sociais, econômicas, políticas e culturais do falecido (BELLOMO, 2008, p. 21).

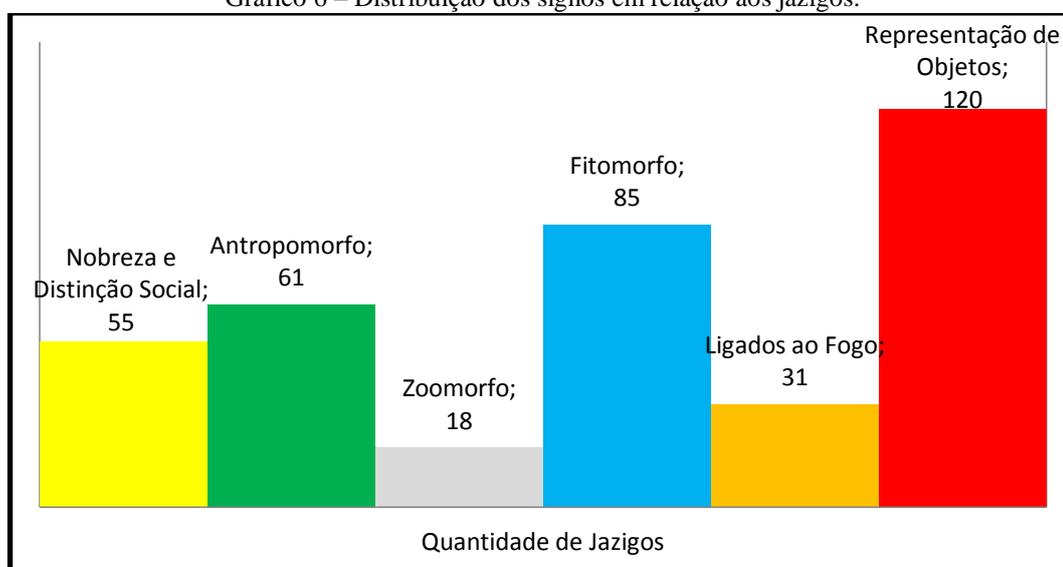
Contudo, caberia ainda, que se fosse incluído os aspectos religiosos. Visto que no cemitério de Santo Amaro, vários são os espaços reservados para as irmandades religiosas e, mesmo nesses jazigos muitos são de natureza perpétua. Afinal de contas como afirma Reis (2012) às modificações sociais advindas da criação dos cemitérios extramuros alteram a dinâmica social estabelecida e enfraquecem as irmandades baianas em detrimento das leis de enterros fora dos limites urbanos, porém essa mesma medida não tornou as irmandades localizadas no Rio de Janeiro menos importantes. (LIMA, 1994; REIS, 2012). No Recife, as irmandades conseguiram um espaço no novo cemitério o que de certa maneira acabou por agradar a todos.

Dito isso, adentramos agora nas especificações de cada uma das singulares características de cada tipo de jazigo e cada tipo de arte que se faz presente no cemitério de Santo Amaro e que possibilita a identificação tumular de cada unidade.

¹⁷ Neoclássico-conceitos, o que é significado. Disponível em: <http://conceitos.com/neoclassico/>. Acesso em 21 Abr. 2017.

A nossa pesquisa pode constatar que o recifense que utilizava, a partir de 1851, o cemitério de Santo Amaro se fazia representar através da utilização das tipologias cristão, alegóricas e cívico-celebrativas, além da utilização dos signos (nobreza e distinção social, antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo, ligados ao fogo e representação de objetos) buscavam uma maneira de eternizarem-se e de perpetuarem o seu status social, de seus nomes e de suas famílias. Dentre os 177 jazigos estudados, lembrando que o fato de estar em uma das categorias não exclui de aparecer em outro, encontramos 120 jazigos com Representação de Objetos, 85 com fitomorfos, 61 com elementos antropomorfos, 55 de nobreza e distinção social, 31 com signos ligados ao fogo e 18 com elementos zoomorfos.

Gráfico 6 – Distribuição dos signos em relação aos jazigos.



4.1.7.1 Dos tipos de signos

Bellomo (2008), Cymbalista (2002) e Lima (1994) quando abordam os aspectos da arte funerária enquanto elemento de distinção para caracterização dos túmulos, demonstram como os elementos que os compõem, podem representar aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos tanto do falecido quanto dos que buscam a satisfação de significá-lo.

A morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideológicas. Deste modo a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes para o conhecimento histórico. (BELLOMO, 2008, p. 13).

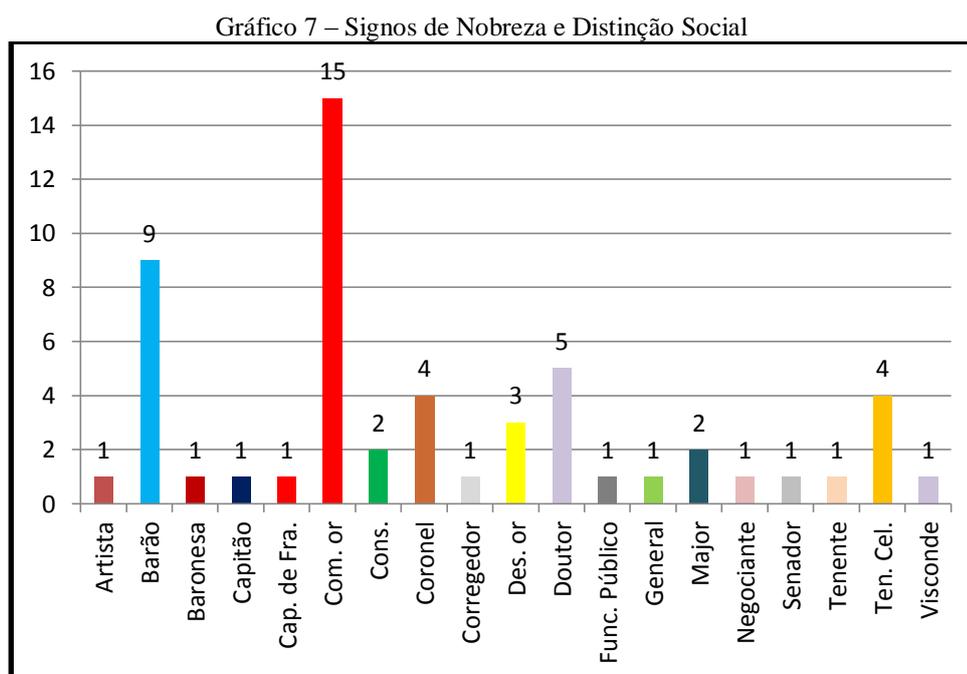
Mais a frente, Bellomo (2008, p. 40 e 41) afirma a importância na manutenção da imagem do morto, como uma constante que se deu por todo o processo histórico humano, desde os primórdios até os dias atuais. Diz ainda que nesta ação o túmulo ganha, ao longo dos tempos, conotações diferentes, mas sempre consolidado de muita significação na representação de símbolos que demarcam aspectos socioeconômicos de suas sociedades. Afinal quando se observa o gráfico 6 acima é possível verificar que a distribuição dos signos utilizados nos jazigos do cemitério de Santo Amaro acontece de forma que possa ser utilizada mais de uma representação simbólica. Sendo encontrados signos de mais de uma categoria para cada um dos jazigos.

Quando tratamos dos signos envolvidos nos sepultamentos devemos ter a compreensão de que esses possuem algum significado para a posteridade, para a continuidade dos sentimentos dos que observam aquele monumento, ou aquela inscrição. Por isso, é de extrema importância interpretar os significados, já que esse deixa pistas subscritas, de uma sociedade passada; o que em nosso caso é sociedade do Recife na segunda metade do século XIX.

4.1.7.2 Dos signos de nobreza e distinção social

Quando tratamos de signos de nobreza e distinção social estamos lidando com as representações tipológicas cívico-celebrativas que são caracterizadas em diversas oportunidades pela “... imagem do morto e alegorias representativas das atividades exercidas ao longo da vida ou da sua ideologia.” (BELLOMO, 2008, p. 21). Como afirma Pearson (1982), é a representação dos papéis que o indivíduo exerce em sua vida social, tanto para ele próprio como da imagem que a sociedade possui dele. Entretanto, é necessário fazer uma ressalva importante já que o “... Brasil não teve uma nobreza tradicional, salvo pela transplantada família imperial. Os títulos eram distribuídos pelo Imperador como se fossem condecorações e não eram hereditários.” (COSTA, 2014, p. 9).

Por isso, é fato que apesar destas características peculiares, no cemitério de Santo Amaro, vários jazigos estão representados desta maneira, são exemplos que se destacam quase sempre devido a opulência de seus jazigos que ostentam características delineando a importância de determinado indivíduo ou de determinada família. Assim, quando tratamos dos Signos de Nobreza e Distinção Social os gráficos abaixo demonstraram a quantidade de títulos encontrados no cemitério de Santo Amaro.



Evidencia-se que no universo desse estudo, aproximadamente 31 % dos jazigos são pertencentes a membros da elite social daquela Recife oitocentista. Nobres e pessoas de destaque social buscaram se fazer lembrar para a posteridade através de suas representações no pós morte.

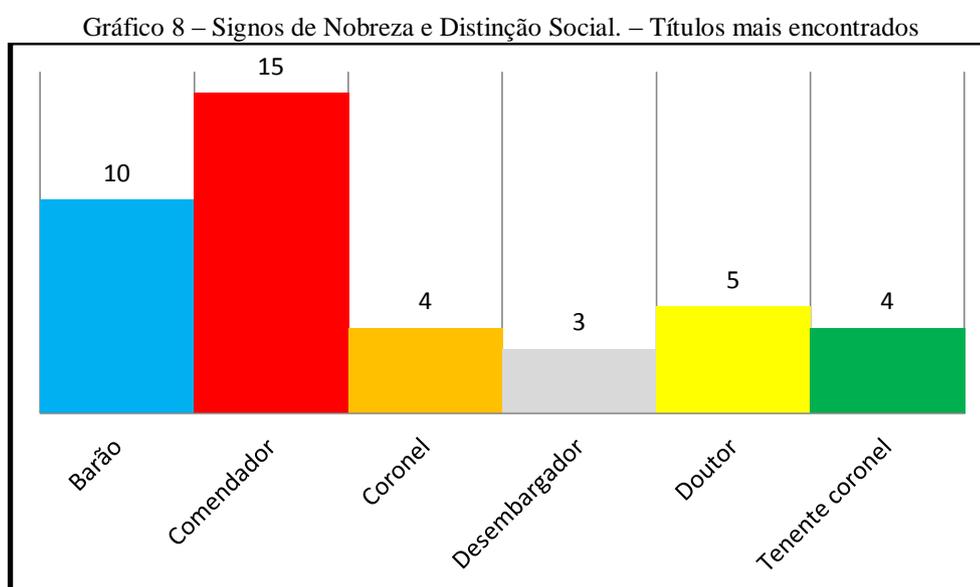
Podem-se destacar ainda que, dentre os jazigos que compõem o universo dos que contêm signos de nobreza e distinção social, encontra-se o jazigo da Baronesa (Jazigo F 53 do Quarteirão 1 e da Quadra 11). Este jazigo, em especial, se torna importante porque naquele contexto de uma sociedade patriarcal, a referência a um indivíduo do sexo feminino destacadamente e isoladamente em um jazigo, foge a regra geral, já que o costume

estabelecido por aqueles tempos era que a mulher fizesse parte do conjunto familiar, mas sempre ao lado de elementos do sexo masculino, enquanto esposas, filhas, mães, etc.

Além deste aspecto ligado ao gênero, é possível observar que os jazigos dos membros ligados a nobreza e distinção social encontravam-se demarcados com características de representatividade do indivíduo enquanto elemento de um grupo social de destaque, portanto, seus membros buscam diferenciar-se do restante da sociedade. Neste sentido, é possível compreender a busca por individualização social e percebe, também, após a morte, já que os membros desta classe social encontram-se imersos em condições que sobrepõem em muitas formas a própria individualidade, alcançando o grupo familiar.

Assim, quando comparados aos signos que os representavam diante da morte, é possível observar uma exteriorização dos ornamentos dos jazigos por elementos que remetam a condições preexistentes a morte, a elementos que remetam as suas atividades laborais ou mesmo sociais enquanto vivos, ainda. Portanto, existe para esses indivíduos a necessidade de certa continuidade de suas ações, mesmo após a sua morte. Importante pesar que a distinção social esteja ligada, também, a percepção que a sociedade tem de cada indivíduo, e, por isso, essa perpetuação dos elementos de distinção e nobreza são entrelaçados pela conjuntura social.

Destaquem-se, no gráfico 8, abaixo, alguns títulos mais encontrados nos jazigos do cemitério de Santo Amaro no período de 1851 até 1900:



Como se pode observar o título de comendador é o mais encontrado nos jazigos do cemitério de Santo Amaro. E partindo-se da ideia de que o comendador:

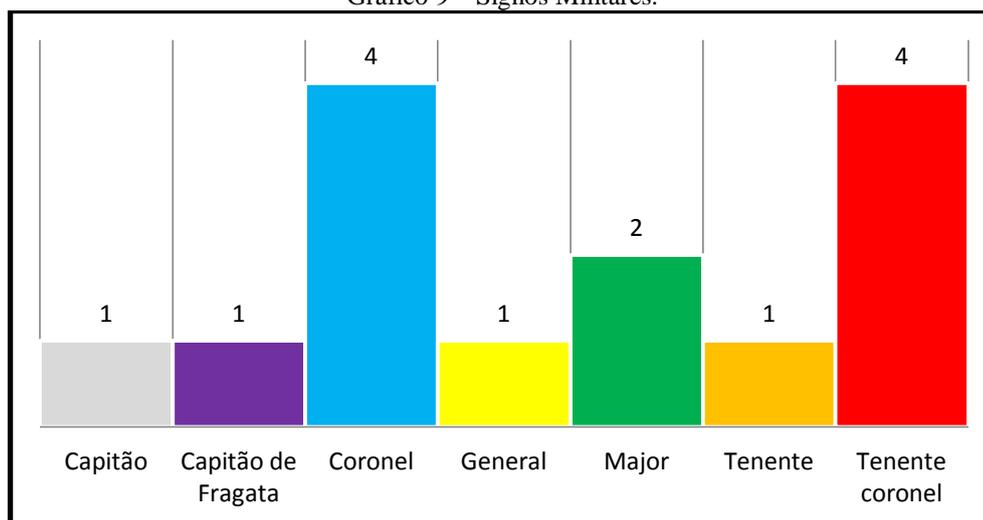
(em inglês, *Commander*, em francês *Commandeur*) era originalmente o cavaleiro de uma ordem religiosa que detinha uma comenda ou comanderia, uma guarnição de cavaleiros e as propriedades rurais que a sustentavam, e que atualmente, é uma condecoração de valor superior à de simples cavaleiro, concedida em vários países.” (COSTA, 2014, p. 49).

Há de se colocar que era um título de caráter significativo para quem o recebia e, por isso, o indivíduo em várias oportunidades o levava para a sepultura.

O outro título encontrado em maior quantidade era o de Barão, que deriva do termo germânico *Varão* que quer dizer homem livre (COSTA, 2014, p. 48). Além disso, é um título de menor grandeza se comparado com os demais títulos nobiliárquicos – Visconde, Conde, Marques, Duque e Grã-Duque, nesta ordem (COSTA, 2014, p. 57); mas que possuía significado importante na sociedade recifense.

Dentro desta mesma linha o título de Visconde, que aparece apenas em uma oportunidade no cemitério de Santo Amaro se destaca, já que é um título de maior grandeza do que o de barão. E, observando a heráldica oficial, este termo surge como derivação de vice Conde, alguém que assumiria o lugar do Conde na sua ausência. Na Inglaterra, deriva do termo “*sheriff*”, alguém que era um escolhido pelos plebeus para representá-los perante o conde. No Brasil, o título de Visconde seguia a regra dos demais títulos que eram concedidos seguindo o modelo Francês napoleônico, “em caráter não hereditário, como recompensa a mérito real ou suposto” (COSTA, 2014, p. 28 e 92).

Gráfico 9 – Signos Militares.



Outros títulos de nobreza e distinção são percebidos, além das patentes militares das forças do exército e da marinha brasileira. E dentre elas a patente mais encontrada é a de Coronel e de Tenente Coronel. Contudo, no Brasil, no período que compreende o II Reinado até 1918, existiu a figura do Coronel que era membro da Guarda Nacional¹⁸, entidade que manteve a ordem social e política, porém mesmo após este período, esse título honorífico, continuou a ser concedido até o ano de 1924. Fato marcante já que os coronéis se tornaram um elemento importantíssimo no sustentáculo do poder da Primeira República – voto de cabresto e coronelismo (COSTA, 2014, p. 188-189).

Portanto, quando destacamos os Coronéis que estão sepultados no cemitério de Santo Amaro confundem-se os coronéis de patentes militares das forças armadas e os coronéis titulados honorificamente pelo imperador do Brasil ou pelo presidente da República do Brasil.

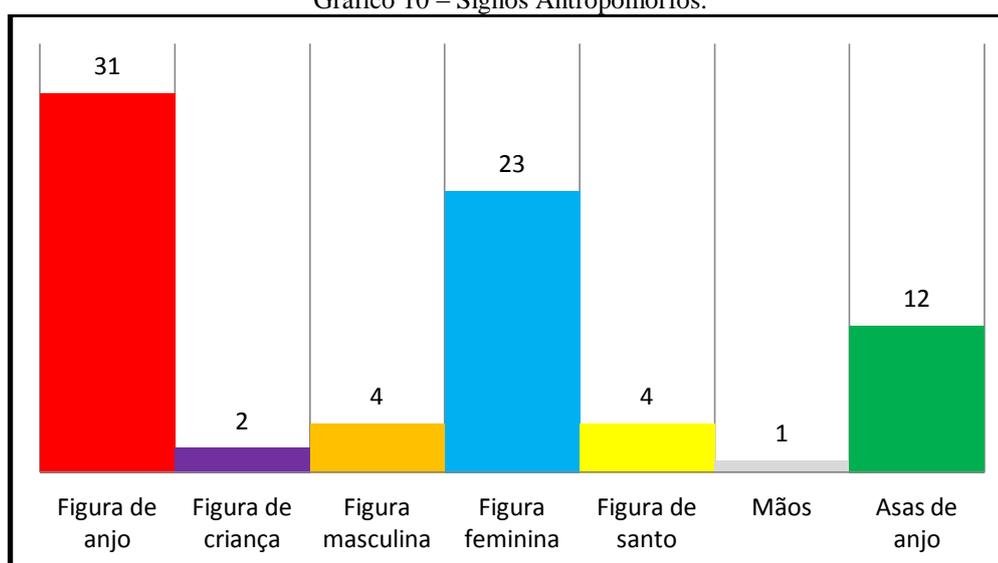
Outra consideração que deve ser feita diz respeito ao fato de que apesar de tantas profissões estarem citadas no rol das encontradas no cemitério, várias outras não estão. O que é um fator interessante já que profissões como professor, bacharel em direito, juiz, e engenheiro, que eram destacadas na sociedade Oitocentista não são referenciadas nos jazigos do cemitério de Santo Amaro. Além de profissões ligadas, diretamente, a política, já que apenas um senador teve seu nome citado no interior do cemitério.

¹⁸ Segundo Costa (2014, p. 188) de 1831 a 1918, a ordem interna foi mantida no Brasil pela Guarda Nacional, que absorveu as guardas municipais e os antigos corpos de milícias e ordenanças (tropas auxiliares do Exército de 2ª e 3ª classes). Era formada por cidadãos com certa renda mínima (sitiantes e pequenos comerciantes, no mínimo), convocados a servir sem dedicação exclusiva, e dirigida por juizes municipais e oficiais designados.

4.1.7.3 Dos signos antropomorfos

No cemitério de Santo Amaro foram identificados os seguintes signos Antropomorfos: figuras de anjos, figuras de crianças, figuras masculinas, figuras femininas, figuras de santos, mãos e asas de anjo. A distribuição destes signos nos jazigos do período em estudo pode ser demarcada e sua representação pode ser observada no gráfico abaixo:

Gráfico 10 – Signos Antropomorfos.



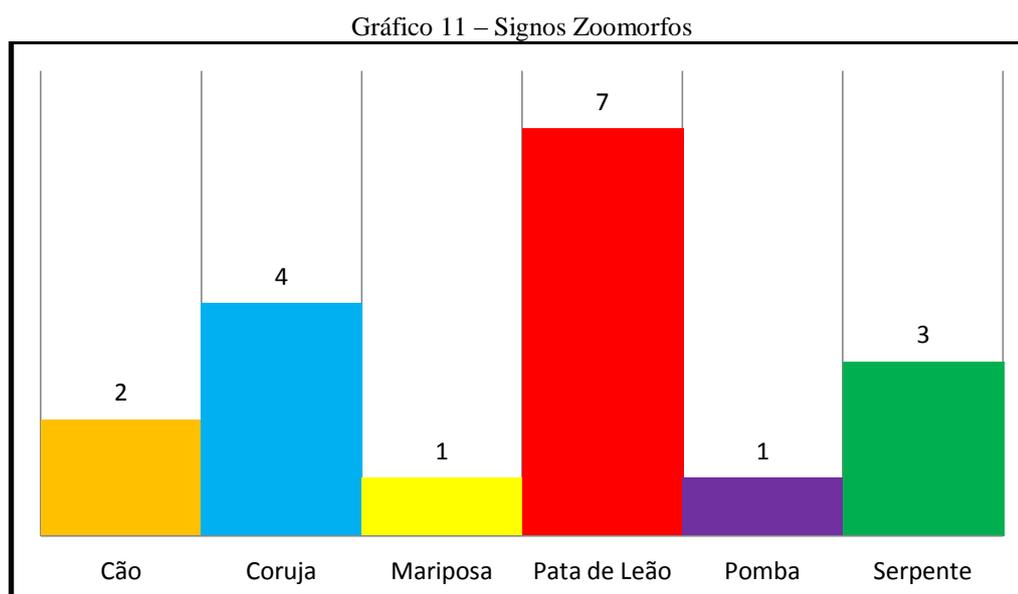
As figuras de anjos e figuras femininas são predominantes sendo encontrados, respectivamente, em 32 e 28 jazigos. As demais representações de signos foram menos utilizadas, incluindo as figuras de santos. Outro fator a se destacar é que pode haver jazigos com todas as representações, com três ou apenas com uma representação antropomorfa. Também, podem existir outros signos distintos dos antropomorfos associados no mesmo jazigo.

A figura de Anjo, a mais encontrada, deve ser entendida como elementos “... guardiões dos túmulos.” (MOTTA, 2009, p. 85). Ainda neste sentido, Steyer afirma que a existência de uma figura de anjo na sepultura está relacionada aos aspectos ligados a aceitação da morte (STEYER, 2008, p. 67-68). Já a figura feminina, a segunda mais encontrada, está associada, segundo Motta (2009, p. 86) a mudança de concepções do período que possibilitou a alteração das obras tumulares de anjos para mulheres e essas tinham como função

primordial estarem ao lado de seus esposos falecidos. Ele destaca ainda que essa representação foi mais bem caracterizada do período da virada do século XIX para o XX. Destaca-se, ainda, o fato de que as figuras femininas possuem uma representação bastante variada, contemplando sentimentos que vão de tristeza e melancolia ao de esperança. Por fim, há ainda outra forma de compreender a figura feminina que é a percepção maternal, enquanto elemento que une os filhos de uma família, e como mãe atua junto a esses filhos (Motta, 2009, p. 156).

4.1.7.4 Dos signos zoomorfos

Outros signos utilizados no cemitério de Santo Amaro são os Zoomorfos, porém em menor quantidade se comparados com os outros signos (nobreza e distinção social, antropomorfos, fitomorfos, ligados ao fogo e representação de objetos).



Entretanto, é possível observar no gráfico 11, acima, que dentre os signos zoomorfos existe uma predominância pelas patas de leão, seguido pela coruja e pela serpente, respectivamente encontrados em 7, 4 e 3 jazigos do cemitério e Santo Amaro.

O signo Pata de Leão se apresenta por analogia ao elemento Leão que enquanto símbolo, cristão ou não, era cercado por elementos mitológicos, históricos e religiosos. Mitológicos porque deuses e heróis os enfrentavam como demonstração de força; histórico porque é sabido que os romanos os utilizavam como elemento ameaçador nas arenas; e religioso por que para os cristãos, o leão simbolizava a força da tribo de Judá e, também, o terror pelo que ocorria com os primeiros cristãos devorados nas arenas romanas (SILVA, 2008, p. 165).

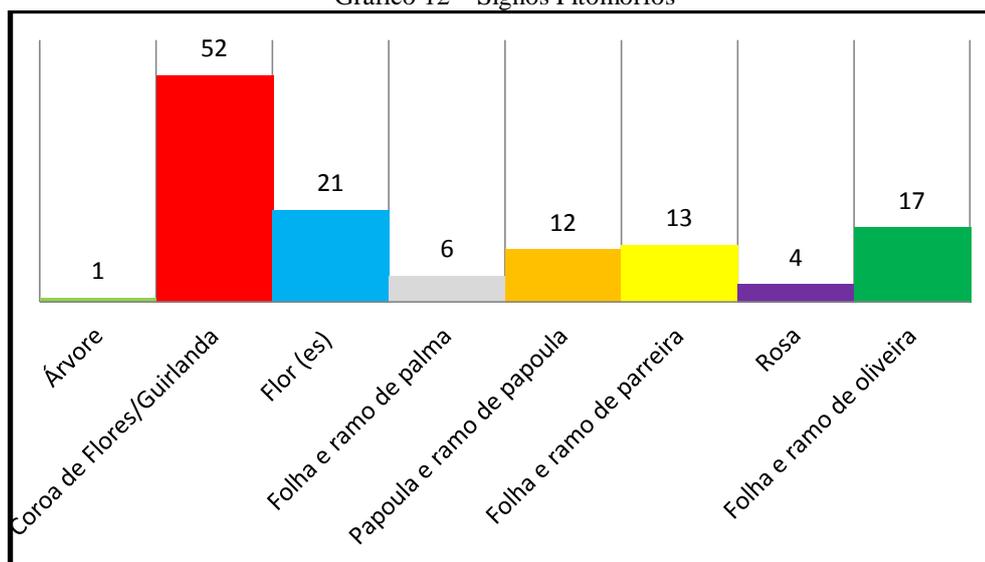
Enquanto que a coruja está caracterizada como elemento zoomorfo que representa a sabedoria (LEITE, 2008, p. 232-233), a serpente possui a condição de elemento de ligação entre a vida e a morte, já que ela se entranha no interior da terra e seu movimento estaria configurado na natureza como as ondas das águas, por exemplo. Contudo, é interessante pensá-la, enquanto símbolo funerário, como elemento mítico ligado a própria ideia cristã do pecado original. No que diz respeito à serpente que engole a própria cauda, estaria ligada à “... dialética da vida e da morte.” Fato que remete a ideia de eternidade e de continuidade (FERREIRA, 2013, p. 178).

Ainda no mesmo gráfico observa-se que os demais possuem representação em apenas um ou dois jazigos. Motta (2009) destaca que as alegorias existentes no cemitério de Santo Amaro não são tão numerosas quanto às dos cemitérios cariocas e paulistas.

4.1.7.5 Dos signos fitomorfos

Os fitomorfos estão representados no intramuros do cemitério de Santo Amaro de forma bastante variada.

Gráfico 12 – Signos Fitomorfos



Quando se analisa o gráfico 12, acima, é possível observar a distribuição dos signos fitomorfos que fazem a decoração da arte tumular dos jazigos do cemitério de Santo Amaro. Fica evidente o grande número de guirlandas/coróa de flores (52) que são encontrados distribuídos pelos jazigos. Seu número supera mais que 2 vezes a quantidade de alegorias fitomorfas que aparecem em segundo lugar, a flor com (21).

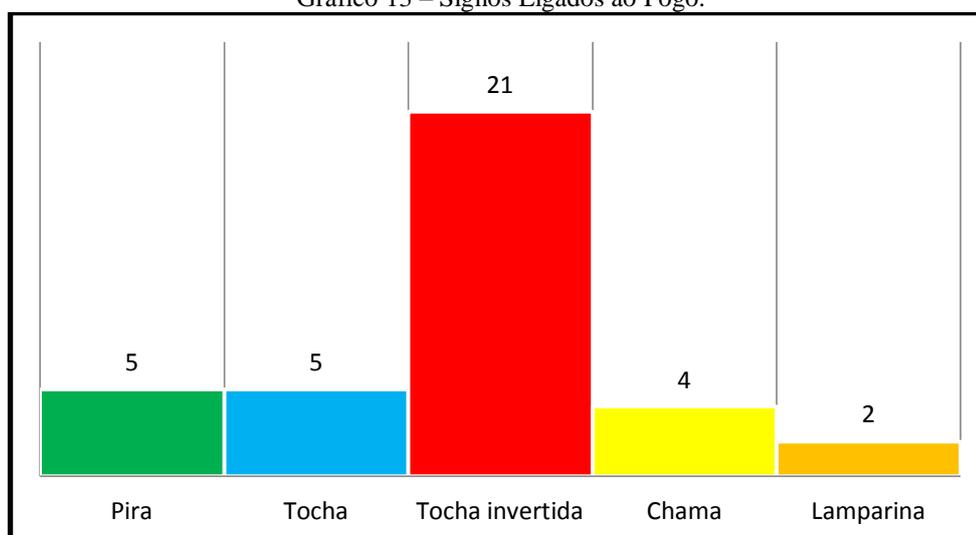
O mesmo gráfico, evidencia, também, que se observarmos apenas as alegorias fitomorfas mais encontradas no interior do cemitério de Santo Amaro é possível observar que, afora as guirlandas/coróa de fores, o ramo de oliveira e a flor, os demais – papoula e folha de parreira são pouco utilizadas.

4.1.7.6 Dos signos ligados ao fogo

Os signos ligados ao fogo encontrados na decoração tumular do cemitério de Santo Amaro são divididos, conforme se verifica no gráfico abaixo de 5 tipos: pira, tocha, tocha invertida, chama e lamparina. Ainda, segundo o mesmo gráfico podemos dizer que o signo mais utilizado no cemitério é a tocha invertida que tem a intenção de demonstrar “... que a chama da vida se apagou” (LEITE, 2008, p. 119).

Os dois próximos signos que aparecem são a pira cujo significado gira em torno dos aspectos ligados à cremação do corpo humano depois de morto, sendo parte do ritual fúnebre e a própria tocha, também denominado de archote, e que a partir da simbologia grega passou a significar o símbolo da vida (BELLOMO, 2008, p. 40). Seguindo vem a chama que significa a chama de vida que se encontra dentro de cada indivíduo (LEITE, 2008, p. 119). Ariès complementa afirmando que “... o fogo da vida está latente sob as cinzas.” (AIRÈS, 2013, p. 708) e por último a lamparina caracterizada pela unidade dos “... incontáveis fios.” que sua chama forma quando acesa. Algo que representa a unidade da existência humana que supera a individualidade (JUNG, 1977, p. 200).

Gráfico 13 – Signos Ligados ao Fogo.

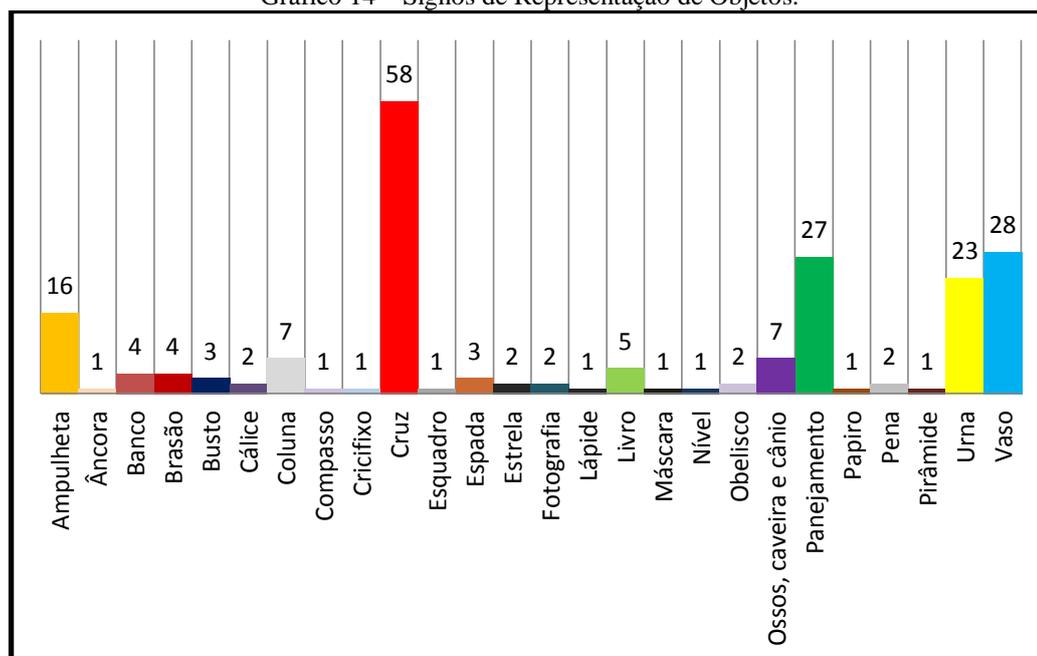


4.1.7.7 Dos signos de representação de objetos

Ao longo do tempo os objetos passaram a ornar os túmulos e a representar situações específicas da vida do falecido. Passaram, também, a ganhar significados próprios e como tal se tornaram particulares na identificação e na decoração de cada um dos jazigos em que se localizavam. Desta forma esses objetos tomaram significados que podem ser compreendidos dentro da tipologia cristã, alegórica ou cívico-celebrativa.

No gráfico 14, abaixo estão listados todos os objetos encontrados:

Gráfico 14 – Signos de Representação de Objetos.

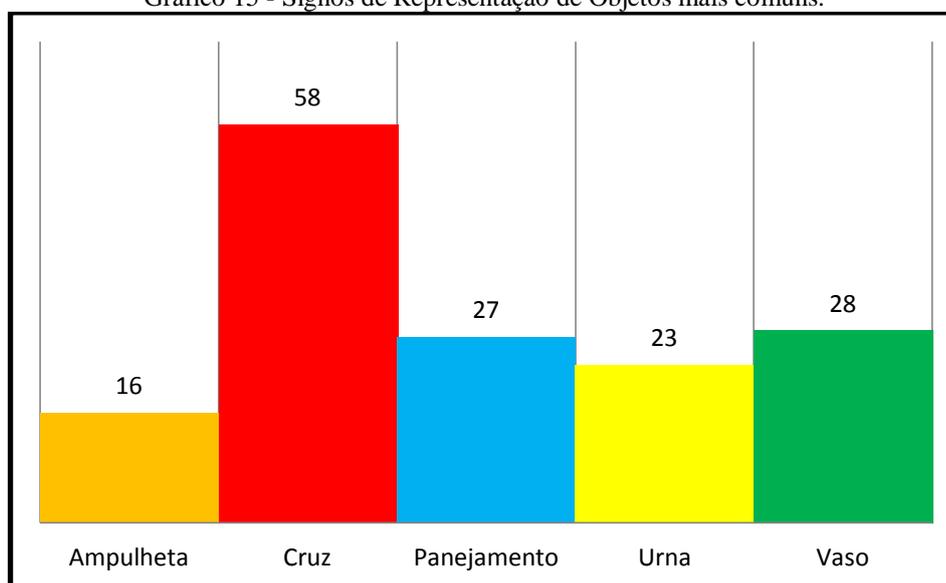


O gráfico evidencia os signos de representação de objetos mais encontrados na arte dos túmulos do cemitério de Santo Amaro. O que se observa é que entre os mais utilizados encontram-se a cruz. Em 58 jazigos este signo é encontrado e seu significado traz a concepção da morte e ressurreição de Cristo, sendo entendida como um passo que supera a dor da morte para alcançar o triunfo da vida eterna (DALMÁZ, 2008, 101). Esse mesmo autor destaca que na simbologia cristã, a cruz, está caracterizada por algumas singularidades como, por exemplo, o fato de que a parte enterrada na terra representa as fundações da fé cristã, a parte acima representa a esperança nos céus e a parte horizontal à caridade que deve atender a todos (DALMÁZ, 2008, 101-102).

O vaso, outro elemento que possui um caráter decorativo para receber ornamentos como flores e plantas, etc. é o segundo mais encontrado nos jazigos, em número de 28. Em alguns jazigos estão presentes através de representações gráficas e em outros é o próprio vaso que se encontra. Seguido, pode-se citar o panejamento enquanto elemento relacionado com as cobertas e os tecidos que encobrem certos jazigos no todo ou certas peças da arte funerária que os compõe, contudo o objetivo está em revelar ou não os “... detalhes relacionados com a vida animal, para fazer sobressair o lado espiritual.” (BELLOMO, 2008, p 57). O panejamento aparece em 27 jazigos.

Os dois últimos, mais utilizados são as urnas e a ampulheta. Aquelas, aparece nos jazigos como receptáculo para os restos mortais de um indivíduo falecido e estão presentes em 23 unidades fúnebres. Já a ampulheta, presente em 16 jazigos pode estar presente como símbolo da passagem do tempo (ARAÚJO, 2008, p. 245), mas, também, como símbolo envolto em aspectos maçons (WAGNER, 2008, p. 181).

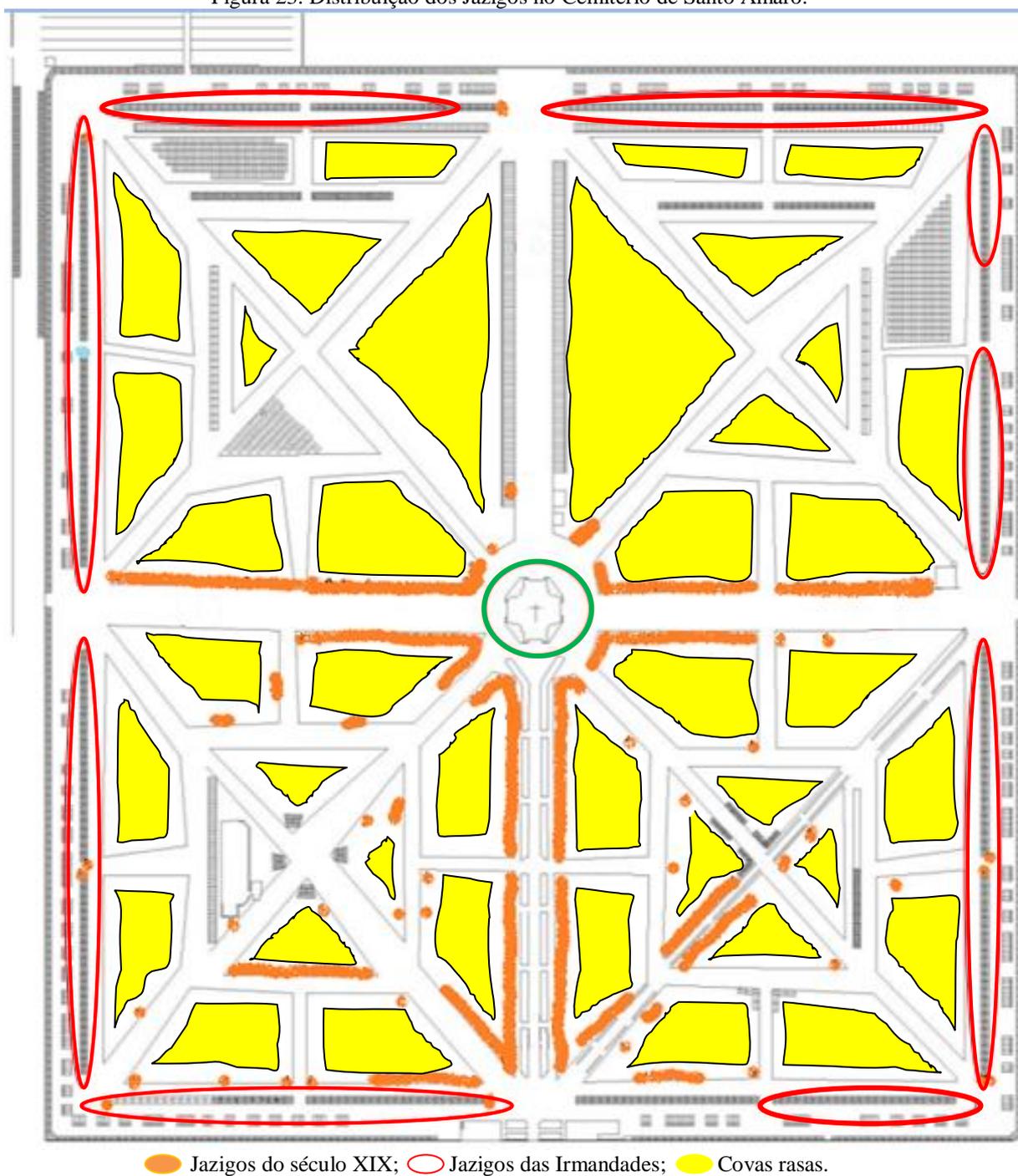
Gráfico 15 - Signos de Representação de Objetos mais comuns.



4.1.8 Distribuição espacial dos jazigos

Além da tipologia e dos signos, a distribuição espacial é outro elemento que pode demonstrar aspectos significativos na distribuição social do cemitério de Santo Amaro. A planta abaixo destaca na cor laranja a distribuição dos jazigos – túmulos, mausoléus, ossuários e túmulos e ossuários – dentro do cemitério. Algo que fica evidente, quando se observa essa imagem é a predominância dos jazigos distribuídos nas alamedas (ruas) principais do cemitério e na entrada principal, bem como próximo a capela central. Além disso, demarca-se que a distribuição desses jazigos se dá nas duas primeiras quadras do cemitério.

Figura 23. Distribuição dos Jazigos no Cemitério de Santo Amaro.



Fonte: EMLURB – Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (modificado).

Outra característica que pode ser visível na observação da figura 23, acima são os jazigos das irmandades. O interessante é que na ação de sepultar nas igrejas obedecia a uma dinâmica que respeitava a certo ordenamento onde quanto mais próximo do altar mor maior era a importância do sepultado. Mas em contrapartida a esse fator havia a ação das

irmandades que atuavam desempenhando papel destacado na ação de enterrar seus membros em igrejas de suas congregações ou ordens. Reis (2012) já destaca o fato deste negócio.

Assim, neste novo cemitério, um local era destinado para as irmandades. Todavia, assim como o que ocorria nas igrejas onde os locais mais importantes eram destinados aos membros de maior destaque social, em Santo Amaro, a localização dos jazigos das irmandades se encontra situados nas extremidades. Por outro lado, mesmo estando em local de menor destaque no interior do cemitério a inclusão delas no projeto acabou atendendo a um pleito de caráter social, econômico e religioso. Na figura acima é possível observar os jazigos das irmandades circulos com a cor vermelha.

Desta forma, o Recife Oitocentista vivenciava um período de mudanças nos aspectos cemiteriais, como também era observado em outras partes do mundo. Das igrejas para os novos cemitérios e com isso se alterava os locais, mas talvez não se alterasse a mercantilização da morte, bem como os seus vários aspectos sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

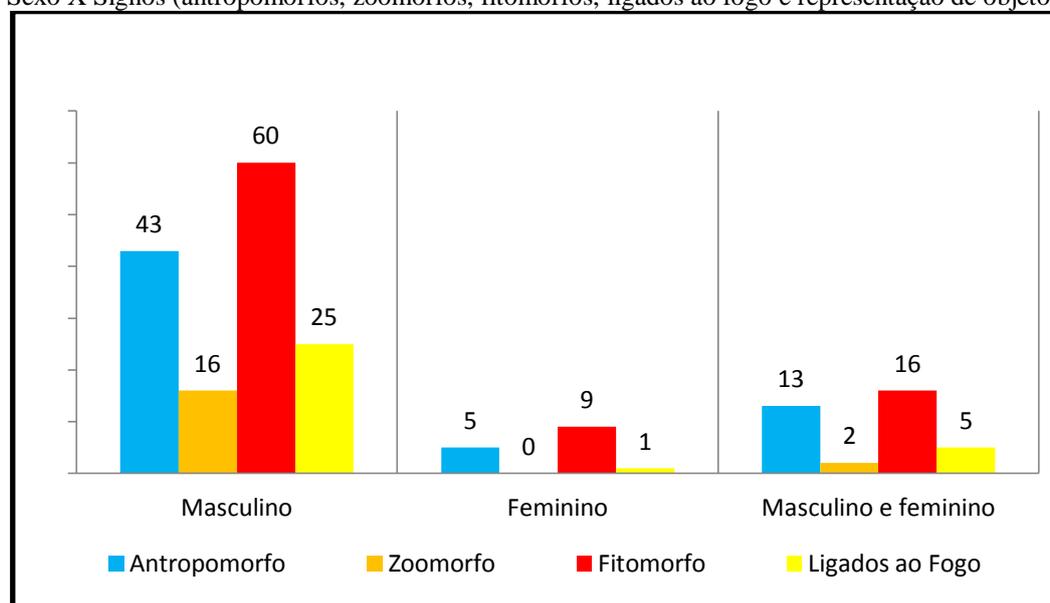
A discussão será apresentada com o objetivo de demonstrar a hipótese de que os jazigos representam na sua maioria, grupos da elite recifense do século XIX. Portanto, algumas variáveis serão correlacionadas para que se alcancem esses resultados.

Ademais, alguns pontos tratados anteriormente serão retomados, discutidos e ampliados de forma que, a discussão possa torná-los mais evidentes diante de suas características e condições.

3.2.1 Sexo X signos (antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, ligados ao fogo e representação de objetos)

Para iniciarmos as discussões a respeito das inter-relações advindas da pesquisa é possível ter o seguinte gráfico entre o sexo e os signos (antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, ligados ao fogo e representação de objetos).

Gráfico 16 – Sexo X Signos (antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, ligados ao fogo e representação de objetos).



Primeiramente, o que chama a atenção é o quantitativo, já que é perceptível, que os jazigos exclusivamente masculinos possuem todas as formas de representação e isso pode ser um fator demarcado tanto pela maior presença de sepultamentos masculinos do que femininos, quanto, pela menor importância da mulher naquela sociedade. E, este fato é destacado quando se observa os signos utilizados nos jazigos femininos que são em menor número, inclusive com a ausência dos signos zoomorfos.

Em segundo lugar, é possível discutir a própria questão do gênero. Será que não morriam mulheres naqueles tempos dos Oitocentos? Lógico que a resposta só pode ser negativa. Morriam sim, mulheres, mas então como elas não estão representadas da mesma forma que os indivíduos do sexo masculino? Naquela sociedade não havia valorização da mulher. O valor delas estava em suas “prendas” domésticas, em cuidar do marido, dos filhos, do lar e não nas ações políticas e sociais. Contudo, houveram exceções como o exemplo de uma mulher sepultada no jazigo sem identificação que se localiza na quadra 1 e no quarteirão 8, onde se encontram os restos mortais de D. Leonor Porto, que era membro da organização abolicionista Clube do Cupim.

As informações constantes no jazigo deste indivíduo do sexo feminino é um dos dois que se referem especificamente ao gênero feminino, sendo o outro o da Baronesa de Campo Alegre. Este último, diferente de todos os sepultamentos observados em jazigos que contêm identificação tumular de Nobreza e Distinção Social faz referência específica a um indivíduo do sexo feminino. Assim, é necessário perceber que em uma sociedade com características patriarcais esses dois indivíduos receberam um papel de destaque, mas no contexto dos números da pesquisa é pouco, o que demonstra as diferenças sociais. Cerqueira (2013) percebe as diferenças em seus estudos:

Faz-se necessário enxergar o cemitério, não como um lugar simples onde velamos nossos mortos, mas como espaço onde as relações de poder estão intrínsecas e fortemente enraizadas nas práticas mortuárias. Nele, a elite ostenta nos túmulos dos seus entes, luxo e poder, tornando-o um local onde visivelmente distinguimos os ricos dos pobres. (CERQUEIRA, 2013, p. 286).

Este trabalho, assim como o de Cerqueira, percebe que o cemitério atua como uma continuidade das práticas externas a ela. A sociedade que sepulta seus mortos no cemitério de Santo Amaro o faz embasado em suas concepções sociais e culturais, portanto marcado por preconceitos e obediência as práticas do dia a dia. E Motta (2009, p 18) vai além para afirmar que: “... as práticas de enterramentos, concebidas sob diferentes tipos de morfologias tumulares, quanto os epitáfios, os adornos e as representações estatutárias, consistem em elementos reveladores da organização social das representações do mundo e das pessoas”.

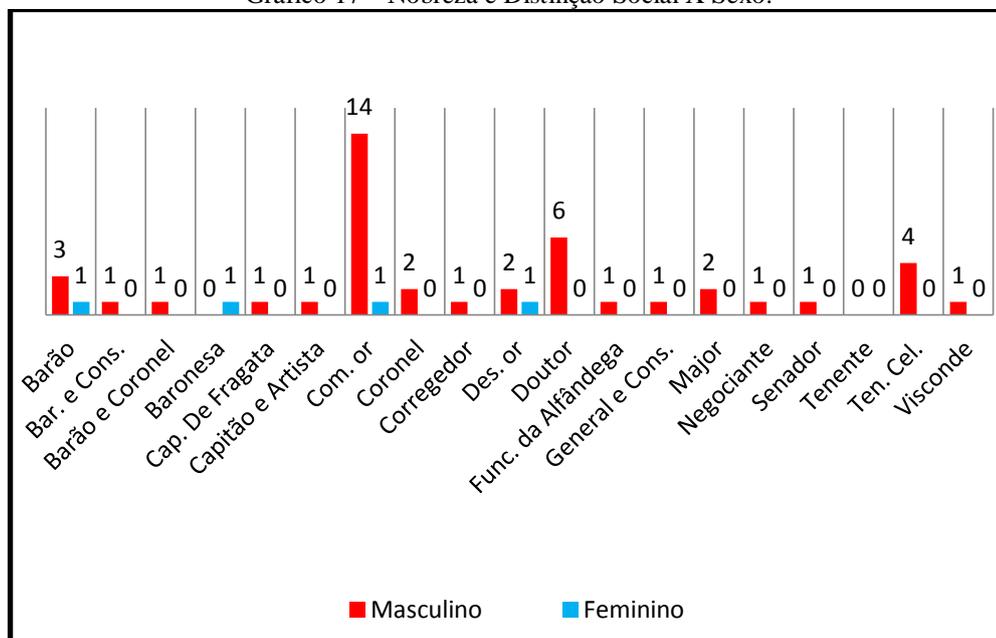
No que diz respeito aos jazigos que contêm sepultamentos de ambos aos sexos, isto é sepultamentos masculinos e femininos, é possível observar que neles se apresentam todos os signos, prevalecendo os fitomorfos. A percepção para essa ocorrência é a de que, apesar de serem jazigos mistos, predominam a figura masculina, lembre-se que a sociedade oitocentista era caracterizada pelo patriarcalismo, e por essa causa, o predomínio dos fitomorfos aparece, assim como nos sepultamentos exclusivamente masculinos. Esses elementos podem ser facilmente observados no gráfico 16, acima.

3.2.2 Nobreza e distinção social X sexo masculino

De logo se deve dizer que, diante da constatação dos números de sepultamentos femininos ligados a nobreza e distinção social, trabalharam-se apenas com os indivíduos do sexo masculino. Destacando que não se pretende, com este trabalho diminuir o papel feminino na sociedade recifense dos oitocentos, mas sim apresentar números que possam servir de elementos coesos para uma compreensão do período e de suas representações sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais daquele período histórico.

Essa correlação buscar relacionar signos de nobreza e distinção social com o sexo e pretende entender como esses elementos poderiam influenciar o indivíduo no processo de distinção social perante a morte.

Gráfico 17 – Nobreza e Distinção Social X Sexo.



A primeira condição que se apresenta neste aspecto é o fato de que em apenas 4 dos 55 jazigos que possui signos de Nobreza e Distinção Social estão sepultados indivíduos do sexo feminino. Entretanto, mesmo nestas sepulturas, apenas no o jazigo da baronesa, já citada anteriormente, uma mulher é reconhecida como nobre. Nos outros 3 jazigos, onde o indivíduo do sexo feminino aparece, não se faz nenhuma referência especial, apenas estão sepultadas em túmulo, ossuários, mausoléus ou túmulos e ossuários de elementos do sexo masculino que receberam valor e destaque social.

Constata-se que a sociedade Oitocentista recifense não se dava ao trabalho de destacar suas mulheres no espaço social, normalmente destinado aos homens. Então, o que se constatava na vida social do Recife, de certa maneira, transportava-se para o interior do cemitério de Santo Amaro, já que havia a necessidade de perpetuar a importância social do falecido, portanto quem possuía importância era o elemento masculino e isso foi levado para o cemitério.

Em seguida é importante destacar que dos 177 jazigos pesquisados os signos de Nobreza e Distinção Social aparecem em apenas 55 unidades, portanto, é necessário observar que nos 122 jazigos restantes não foram realizadas nenhuma ação por parte de seus familiares para destacar esses fatores. Por outro lado, essas 122 sepulturas possuíam características peculiares que em qualquer sociedade já mereciam destaque. O fato de serem jazigos perpétuos já demonstra o fato de que eram indivíduos que possuíam uma boa condição financeira, já que ficara estabelecido os preços que variavam de 25 mil reis até 50 mil Reis (CASTRO, 2007, p. 167). Eram assim, jazigos de pessoas da sociedade local e que buscaram perpetuar seus nomes e o de suas famílias.

Outro ponto importante diz respeito aos pobres que também eram enterrados no cemitério, todavia, em covas rasas e públicas. Covas que eram reutilizadas após um “... período de 2 anos...” (CASTRO, 2007, p. 167), as famílias eram obrigadas a retirarem seus restos mortais e esse espaço continua sendo utilizado até os dias atuais.

Neste sentido é necessário entender, a afirmação de Reis (2012) ao tratar do processo de transferência, dos sepultamentos, das igrejas para os cemitérios extramuros. Se quanto mais próximo ao altar o indivíduo fosse sepultado, maior seria a importância do falecido, agora esta distinção se daria pela localização no interior do cemitério. E essa distinção poderia ser de natureza política, social ou econômica e até mesmo da união de várias ou de todas elas.

A segunda condição é exatamente o papel do indivíduo na sociedade e suas representações da morte, por que quanto mais destacado fosse esse papel havia a necessidade, via de regra, de se perpetuar a sua importância social ou de sua família. Lima (1994) já destaca esse aspecto quanto trata do tema:

Considerando que os espaços destinados aos mortos em uma sociedade refletem especularmente o mundo dos vivos, sendo ambos regidos pela mesma lógica de organização, os cemitérios foram entendidos como um lugar de reprodução simbólica do universo social, e nessa condição, como um campo privilegiado para a análise do processo de implantação e consolidação dos valores burgueses na sociedade carioca do século passado (LIMA, 1994, p. 87).

Ao passo que havia a necessidade de que os mortos se representassem através de seus jazigos para a eternidade, existiam, também, as questões de simples representação social. Aspectos ritualísticos do dia a dia da cidade eram levados ao cemitério. Essa ideia coaduna-se com a de que a observação dos túmulos possibilita alcançar resposta sobre o processo social que se pretende entender. Desta maneira, torna-se importante a afirmação de Peirano (2003, p. 9) sobre o ritual que se desenvolve no sentido da realização dos sepultamentos já que podem ser percebidos como um sistema onde a cultura é uma forma simbólica e sequenciada que pode agir por vários meios e atua através de formalidade variada, diferentes tipos de rigidez, combinações e recorrências.

Portanto, os signos de nobreza e distinção estão representados, na maioria das vezes como uma maneira que perpetuação de um ritual existente na vida do indivíduo e que diante da morte termina sendo levado para as estruturas funerárias. Por isso, em um período como o do século XIX a ação do elemento feminino acabou sendo relegada à segundo plano, nestes aspectos sociais, culturais e econômicos. E isso se percebe na própria distribuição apresentada no gráfico 17 acima.

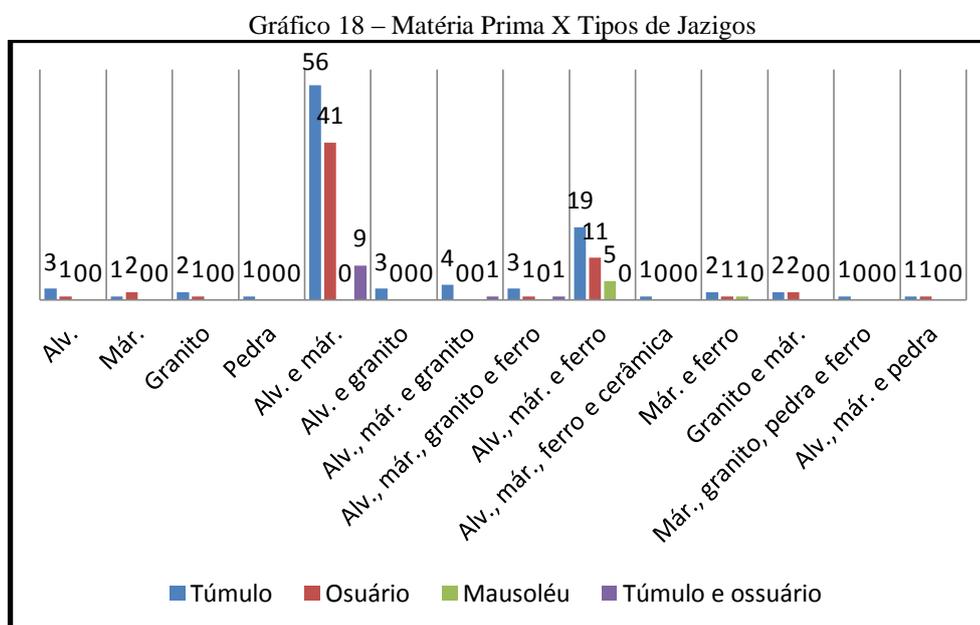
Outro aspecto é o que diz respeito à própria estrutura da cidade do Recife, que aglomerava dentro de seu único cemitério extramuros todas essas distinções sociais. Motta (2009) destaca que essa separação social, em algumas cidades aconteceu de acordo com o cemitério que se sepultava o indivíduo. Ele destaca que enquanto no Cemitério do Catumbi se sepultava a elite nobiliárquica do império, no cemitério do Botafogo (São João Batista) eram enterrados membros dos primórdios da República (MOTTA, 2009, p. 69-70). Tal fato não ocorreu no Recife, isto é, a construção de vários cemitérios em pequeno espaço temporal, com exceção para o cemitério dos Ingleses que, como destacado por Castro (apud CASTRO, 2007, p. 100), fora inaugurado em 1814.

No Recife o que este trabalho demonstra é que as elites locais eram sepultadas no mesmo cemitério dos menos favorecidos, mas a distinção social ocorria através da forma

como aquelas elites utilizavam-se dos seus títulos de nobreza e distinção social, e de fatores financeiros para se diferenciarem.

4.2.3 Matéria prima X tipos de jazigos

Esta ligação entre matéria prima e os tipos de jazigos, gráfico 18 abaixo, possibilita entender que os 177 jazigos, todos perpétuos, eram de responsabilidade de seus proprietários e que por isso acabavam sendo utilizados como um diferencial social de cada família ou de cada morto ali sepultado.



Quando correlacionamos verificamos que alguns materiais são utilizados na maioria das combinações, é o caso da alvenaria e do mármore. Outros, ao contrário, são uma exceção como a cerâmica e a pedra – do tipo folheta –, encontrados, respectivamente, em 1 e 3 jazigos. A utilização do mármore se explica pela pelo valor simbólico que esse material possui tanto com relação ao preço do mármore como em relação ao trabalho necessário para realização das obras, já que era um diferencial que demonstrava riqueza. Riqueza essa que vinha atrelada a ideia de poder, por isso quando se utilizava esse material estava

demonstrando a importância do falecido sepultado naquele jazigo ou do grupo familiar que o possuía.

Essa ideia de poder também poderia ser estendida para outros materiais como o granito o ferro ou a junção desses materiais com o mármore. Desta maneira a elite local tornava as sepulturas uma extensão de seus espaços em vida.

A alvenaria, largamente utilizada e, a mais comum dos materiais se explica pelo fato de que era facilmente encontrada e de longa durabilidade, além do fato de que caso fosse danificado, o jazigo, poderia ser reformado sem maiores problemas. Ainda que de valor menor do que o mármore e o granito, os jazigos que empregavam a alvenaria não deixavam de ser devidamente ornados com signos que representavam suas famílias, ocupações, etc. Outro ponto era o fato de que apesar de realizados com material mais simples eram unidades que possuíam diferenciais ou pelo tamanho ou pelo acabamento da obra. Mas o fato de a alvenaria ser bastante utilizada não desqualifica ou diminui a importância da sepultura, apenas ressalta o fato de que há a união de materiais, o mais comum era a união da alvenaria com o mármore, presente em 106 dos 177 jazigos.

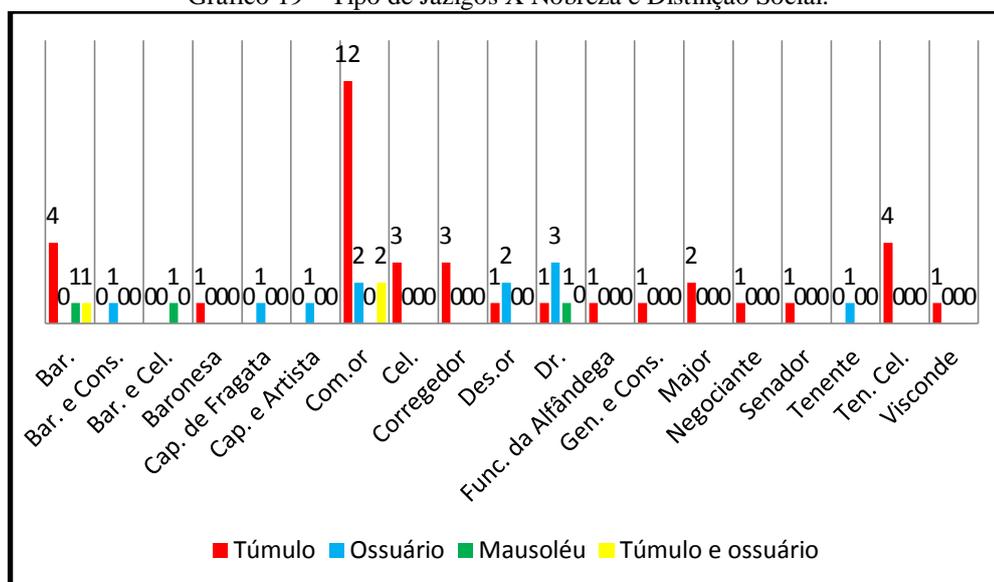
No total das 14 possibilidades de combinação do cemitério de Santo Amaro a alvenaria foi usada em 8 delas. Alguns desses jazigos permanecem até os dias de hoje sem muita modificação; em outros é possível verificar a interferência de mudanças com materiais modernas.

Quanto ao tipo de jazigo relacionado é interessante notar que foram escolhidos como elementos de variáveis os: túmulo, ossuário, mausoléu e túmulo e ossuário. Desta forma, dos 177 jazigos do cemitério o que se pôde notar é que independente de qual tipo seja, todos buscavam uma representação de seus falecidos ou de suas famílias. Assim, a elite recifense se fazia representar no intramuros do cemitério através dos seus jazigos. Bellomo (2008, p 44) afirma que as “... classes dominantes impõem sua imagem de morte e criam uma pompa fúnebre em que se representam os valores de sua classe...”.

O que se constata nos jazigos do Recife é exatamente a representação da elite que podiam arcar com os custos de jazigos perpétuos e caros, construídos com material muitas vezes trazido da Europa.

4.2.4 Tipo de jazigo X nobreza e distinção social

Gráfico 19 – Tipo de Jazigos X Nobreza e Distinção Social.



Mais uma vez se utiliza os Tipos de Jazigo e os títulos de Nobreza e Distinção Social, mas desta feita serão analisados de forma que se mantenha uma correlação entre eles. Assim, desde a proibição dos sepultamentos nas igrejas e a obrigatoriedade dos novos enterros no cemitério de Santo Amaro o processo de diferenciação social foi alterado. Contudo, alterado não no sentido de modificar as relações, mas no sentido de transferir essa divisão social para o novo espaço.

O Tipo de Jazigo é uma maneira de tratar a importância de certos indivíduos diante dos preparativos e dos cuidados com a morte. E mesmo com ressalvas por parte da igreja, as sepulturas de Santo Amaro, principalmente as perpétuas, eram objeto de elevados investimentos das famílias mais abastadas da cidade. Além do detalhamento cada vez maior das informações constantes nas lápides (CASTRO, 2007, p. 170-171). É exatamente aí que entra esta diferenciação social cada vez mais marcante entre a elite e a população menos favorecida.

Ao observar o gráfico 19 acima, se percebe que os jazigos mais comuns são os túmulos, correspondendo a maioria das sepulturas com esse tipo de signos. Em seguida aparecem os ossuários com cerca de 10 jazigos com membros da elite recifense que possuíam títulos e patentes militares. Os mausoléus e os túmulos e ossuários aparecem com 3 jazigos

cada um. Embora seja possível demonstrar através desses títulos de nobreza e distinção social e a presença da elite no interior do cemitério é certo que esses jazigos representam apenas uma parcela, já que somam apenas 55 unidades.

Portanto, cabe mais uma vez dizer que a elite despossuída de títulos, também, foi contemplada através das suas obras tumulares. Como já citado, era necessário possuir uma soma considerável de recursos financeiros para adquirir tais jazigos. Neste aspecto, a afirmação de Bellomo (2008) de que a arte funerária é um elemento de distinção para caracterizar os túmulos. Ele vai além, afirmando que a ação de explicação classificatória dos elementos que compõem o túmulo podem representar os elementos sociais e econômicos para representar tanto o falecido quanto a satisfação dos que buscam redefini-lo no “post-mortem”.

O certo é que a sociedade recifense se fazia representar através da arte tumular. E mais ainda, se representava e apresentava a sociedade suas condições sociais. Leite (2008, p. 223) destaca que “Por serem pessoas que exercem expressivo papel na comunidade, também apresentam em seus túmulos e mausoléus ornamentos que denotavam sua riqueza e tradição.”.

Por sua vez Lima (1994) reforça essas afirmações quando diz que a arte tumular sofre influências externas e condições particulares. Ela se refere ao Rio de Janeiro, mas nada obsta o fato de aproximarmos essa discussão para terras recifenses.

As sepulturas desse momento, que em grande parte apresentam apuro artesanal e qualidade artística, expressam claramente os valores desses segmentos dominantes. Ao importarem mimeticamente o modo de vida assumido pela burguesia florescente da Europa ocidental, transplantam para os cemitérios do Rio de Janeiro os modelos vigentes nos espaços funerários europeus. (LIMA, 1994, p. 102).

Para exemplificar isso podemos apresentar a figura 23 abaixo, representação do Barão e da Baronesa de Macejana que deixa evidente a preocupação com aspectos estéticos bem definidos, vez que se evidenciam as imagens de ambos – barão e baronesa – com postura religiosa de penitência. Além do fato de que se percebe, a sua posição social. Tanto pelas vestes, quanto pelo material utilizado para a construção do mausoléu.

E ainda com relação a esta figura 23 Mota (2009) já fazia referência ao fato de que, apesar de toda a obra do mausoléu reverenciar ao Barão e a sua esposa, “... fora construído pelo casal de barões para abrigar os despojos mortais do genro, Irineu Brasileiro de Carvalho

e Silva, falecido em 1867, e da filha, Maria Christina Antunes de Carvalho e Silva, falecida em 1878.” (MOTTA, 2009, p. 148). Percebe-se uma autopromoção, pela projeção da imagem social dos vivos sobre a obra fúnebre pertencente a família e que fora erguida para acomodar seus descendentes. Observa-se que, a estrutura do jazigo, ultrapassa, com certeza, as possibilidades simplesmente funerárias de sua base epistemológica, e Motta (2009) deixa isso bastante claro em sua obra.

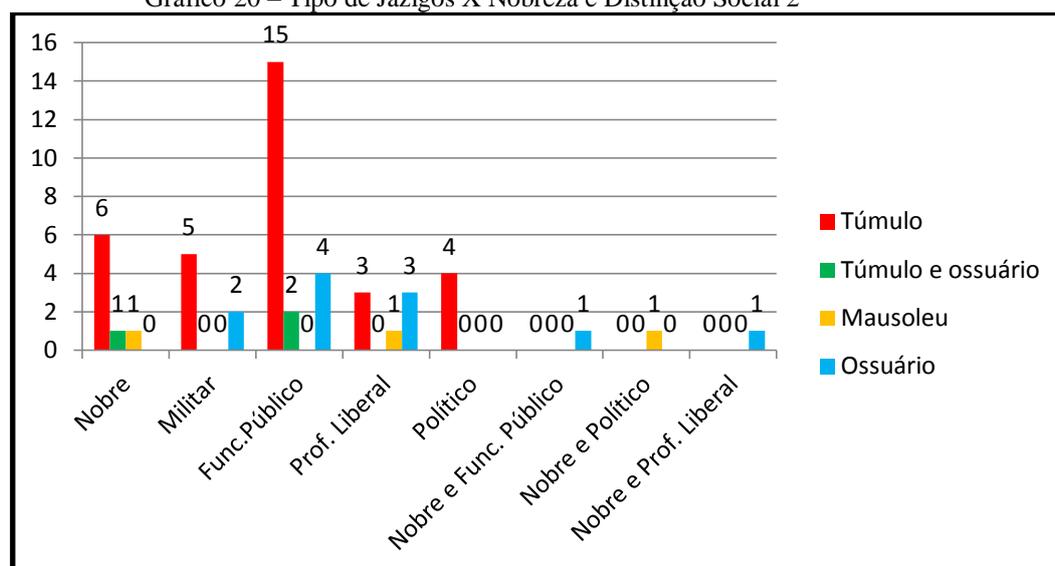
Figura 24. Jazigo número F59 da quadra 2, do quarteirão 13. Cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.



Fonte: Filipe Machado, 2017.

Entretanto, é possível ainda, correlacionar uma divisão mais sistemática no que diz respeito a nobreza e distinção social e o tipo de jazigo, tratando de separá-los em categorias mais abrangentes, como as que envolvem os nobres, os militares, os funcionários públicos, os políticos (colocando os coronéis nesta categoria de políticos) e ainda os nobres e funcionários Públicos, os nobres e os políticos, os militares e os profissionais liberais e os militares e funcionários públicos. Assim, o gráfico 20, abaixo, demonstra essas correlações.

Gráfico 20 – Tipo de Jazigos X Nobreza e Distinção Social 2



Neste sentido, observa-se que há uma predominância dos jazigos tipo túmulo para depósito final dos restos mortais dos membros da elite recifense no período oitocentista. Totalizando 33 dos 55 jazigos compostos por indivíduos da referida camada social. Ainda nesta mesma linha de raciocínio, é possível depreender que a sociedade estabelecida na cidade do Recife na segunda metade do século XIX, já não possuía o mesmo poderio econômico financeiro que havia alcançado outrora, mas continuava a preocupar-se com a perpetuação de seu nome e de sua memória.

4.2.5 Da verificação de existência de regularidades ou diferenças que possam representar a sociedade dos vivos

Interessante essa análise porque discute a tentativa de sobrevivência após a morte do indivíduo, através de suas posições na sociedade. Não importa o *status* social, mas sim a sua condição de elemento presente na sociedade. Diante destas constatações, é possível observar que regularidades e distinções podem ser descritas através dos jazigos do cemitério de Santo Amaro da segunda metade do século XIX. No que se perfaz pelas regularidades, e entendendo-as como elemento de coesão, podem ser apresentados a preocupação de trazer para as lápides e jazigos dos falecidos, uma espécie de continuidade. Continuidade essa, que

só tem sentido, buscando este mesmo indivíduo enquanto pessoa ainda com vida. Isso está presente, por exemplo, nos epitáfios, com destaque especial para as designações de nobreza e de distinção social como nos de: Doutor, Barão ou Capitão. Entretanto, aos não nobres, ainda existia a possibilidade de serem sepultados e lembrados como em vida, através das diversas irmandades que se encarregavam de sepultar seus “irmãos” associados.

Percebe-se, por conseguinte, que há certa necessidade em se manter, mesmo com a morte daquele indivíduo, suas qualificações. Mas, isso também é vislumbrado através da própria estrutura construtiva dos jazigos, já que, em vários casos, a opulência arquitetônica buscava, de alguma maneira, demonstrar seu status perante aquela sociedade.

4.2.6 Da espacialidade dos jazigos no interior do cemitério

A espacialidade, isto é a posição do jazigo no interior do cemitério é uma das condições para discutir aspectos ligados a situação social do indivíduo. Como abordado anteriormente, com a mudança dos sepultamentos das igrejas para o cemitério extramuros algumas ações do indivíduo perante a morte sofreram mudanças. Se quando o sepultamento ocorria nos templos a distinção social ocorria pela localização do corpo na igreja ou no adro, agora o que ocorreu é que os indivíduos de melhor condição socioeconômica ocuparam determinado espaço dentro do novo cemitério extramuros.

Esse fato ocorreu no Recife, mas não exclusivamente, Reis (2012, p. 173) afirma que algumas sepulturas, mesmo no interior das igrejas eram adquiridas por altos valores, sob o consentimento e autorização do arcebispado baiano. E Castro (2007, p. 163-164) diz que esses espaços no interior das igrejas eram delineadores da hierarquia social que existia na cidade do Recife e que essa distinção social apenas aumentou quando da inauguração do cemitério de Santo Amaro.

Portanto, a criação do cemitério possibilitou que a classe social mais abastada e socialmente dominante, se distanciasse ainda mais da camada menos favorecida, isso apoiado pela ocupação espacial no interior do cemitério. Agora a porção social mais alta, além de ocupar o melhor espaço podia diferenciar-se pela construção e decoração tumular. É o que

ocorreu em Santo Amaro, a elite ocupou as melhores áreas do cemitério, as áreas mais vistosas e, por conseguinte mais visíveis.

Assim, nesta nova estrutura que surgiu no Recife Oitocentista, as diferenças sociais se tornaram presentes de forma evidente. Bellomo (2008, p. 13) escreve que os “... cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existem as áreas dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais.” O próprio desenho interno do cemitério de Santo Amaro, em suas quadras e quarteirões, alamedas e ruas, representa uma configuração, sócio espacial, determinada por interesses socioeconômicos que pode ser vislumbrada e distinguida em uma análise dos jazigos.

Ao passo que as elites sociais ocupavam o espaço seletivo no interior do cemitério, à classe pobre era destinado as covas rasas. Localizadas no interior dos quarteirões, isto é, atrás dos jazigos perpétuos havia um espaço especificado para que se fossem sepultadas as pessoas que não podiam arcar com o numerário necessário para se destacar socialmente após a morte. Na figura 22 está demarcada, em amarelo, a área do cemitério onde poderia haver sepultamentos de pobres.

Seguindo essa linha de raciocínio outro aspecto importante diz respeito ao papel das irmandades religiosas. Essas instituições atuavam nesta ação funerária e com isso mantinham uma arrecadação financeira constante. O desempenho dessas irmandades estava ligado diretamente no atendimento aos membros mais pobres da sociedade, mas que, assim como a elite, queriam que seus funerais fossem seguidos de todos os rituais e pompas necessárias a um sepultamento cristão.

Reflete assim, um elemento de congregação entre os elementos sincréticos dos menos favorecidos, adequando-os aos elementos de uma cultura que cultuava os mortos e que necessitava de investimentos significativos para essa ação. Além disso, as irmandades refletiam de forma a que seus indivíduos, majoritariamente pobres, fossem recebidos em um local destinado, dentro do cemitério, aos mais bem estabelecidos financeiramente.

O papel dessas agremiações católicas era muito importante já que através delas era possível tornar a prática da morte uma ação corriqueira e possível a todos. Bastava ao pobre ou menos favorecido que se associasse a uma das várias que existia no Recife. Inclusive havia

quem fosse afiliado a mais de uma delas. As irmandades exerciam papel primordial nos assuntos fúnebres.

Assim, as irmandades atuaram de forma a minimizar as diferenças sociais existentes entre o cidadão comum e pobre e os membros das classes mais elevadas da sociedade, os que possuíam algum status de distinção social ou de nobreza. Neste sentido, os jazigos das irmandades ocuparam, inclusive, como pode ser observado na figura 23 anteriormente posta, local de certo prestígio no interior do cemitério de Santo Amaro se comparados aos jazigos das pessoas de menor poder aquisitivo.

Conforme destaca Castro (2007, p. 168), a própria lei que regulamentava o funcionamento do cemitério de Santo Amaro, foi alterada em 1852 para contemplar as irmandades no interior do cemitério. Com espaço predeterminado e seguindo as regras no que dizia respeito aos membros. Na figura 22, já citado acima, se destacam os jazigos das irmandades circulos em vermelho.

A delimitação interna do cemitério de Santo Amaro demarca de maneira clara a divisão social. É possível observar pela figura 22 que a concentração de jazigos da elite recifense do século XIX se concentrava nas duas primeiras quadras do cemitério – quadra 1 e 2. O ponto de maior relevância era a alameda principal entre o portão de entrada do cemitério e a capela. Estas áreas estão demarcadas na cor laranja.

5 Considerações Finais

A proposta desta dissertação foi apresentar como a sociedade recifense estava representada, diante da morte, na segunda metade do século XIX. A busca por essas respostas seriam alcançadas pela interpretação dos jazigos, sua decoração tumular e pela localização dos mesmos no interior do cemitério. Levado, em consideração o aspecto social, econômico, político, cultural e religioso que poderiam se evidenciadas nas representações tumulares.

Deste modo, buscaram-se nos símbolos daquela arte funerária os detalhes que pudessem envolver o processo de sepultamento e as condições para a memória do morto. Bellomo (2008, p. 13-15) demarca que a importância da genealogia, e da própria memória e lembrança familiar, religiosas e artísticas destacando a importância de se interpretar o cemitério e sua tipologia funerária.

Para isso, tínhamos como problema: que grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos do Cemitério de Santo Amaro na segunda metade do século XIX. Diante disso, o trabalho desenvolveu-se através da análise dos 177 jazigos que datavam da segunda metade do século XIX, apesar desta preocupação com a demarcação do tempo, sepultamentos anteriores a essa data, também, fizeram parte dos levantamentos e entraram na pesquisa como sepultamentos secundários.

Esse questionamento encontra arcabouço ideológico nas ideias de Pearson (1982) quando descreve as experiências advindas da análise do cemitério de Cambridge, Inglaterra, onde discutiu os princípios que interferem e que atuam como elemento de ligação entre a cultura material à prática funerária bem como as suas relações sociais, já abordados anteriormente.

Como o trabalho de Pearson (1982), a nossa pesquisa buscou o elemento de ligação daquela sociedade oitocentista do Recife com as concepções da morte. Quais relações eram visíveis e como o elemento humano se representava, através dos signos, para vencer a morte e perpetuar seu nome ou o de sua família e mais ainda a sua própria memória. Então, através da compreensão da arte tumular e da localização dos jazigos podemos afirmar que a elite recifense utilizou-se de características ligada à prática funerária para perpetuar suas lembranças.

Ainda nesta mesma linha de raciocínio podem ser acrescentadas as ideias de que não se pode abrir mão dos pormenores de uma análise social (LIMA, 1994). Neste sentido, ainda, destaca-se Leite (2008, p. 235) ao afirmar que dentro de classes sociais mais abastadas, como a burguesia e a nobreza gaúcha do final do século XIX e início do XX os túmulos poderiam representar-se distintamente.

Diante da pergunta, chegou-se ao entendimento da hipótese de que os jazigos representam na sua maioria, grupos da elite recifense do século XIX. Dentre os quais, podem ser encontrados grupos representantes das elites agrárias e da burguesia, das elites políticas e da nobreza; além de comerciantes e profissionais liberais.

Contudo, outros grupos, também, eram sepultados no cemitério de Santo Amaro, nos espaços internos disponibilizados nos quarteirões para o enterramento de indivíduos em covas rasas, além dos jazigos pertencentes as irmandades religiosas. Essas áreas eram utilizadas pelas famílias e pelos indivíduos menos favorecidos socioeconomicamente.

Portanto, buscou-se encontrar as características dos jazigos, identificando os aspectos e condições individuais dos mesmos dentro do Cemitério estabelecendo os padrões que poderiam representar a “sociedade dos vivos”, isto é, os grupos sociais presentes na cidade do Recife na metade final do século XIX (1851-1900).

Os jazigos devem ser percebidos então como elementos possibilitadores de análise, que ao final, podem proporcionar uma compreensão dos sepultamentos do período e do próprio cemitério. Desta forma, o objetivo principal foi compreender quais grupos socioeconômicos estão representados nos jazigos do cemitério de Santo Amaro na metade final do século XIX – 1851-1900.

Assim, para alcançar este objetivo foram elencados objetivos específicos, como: 1. Estabelecer as características dos jazigos, identificando os aspectos e condições individuais dos mesmos dentro do Cemitério de Santo Amaro. Portanto, ao se estabelecer essas distinções, o que se observou, é que desde sua inauguração, em 1851, o cemitério atuou como elemento de segregação social. E, mesmo com a atuação das irmandades que buscaram minimizar essas diferenças, era perceptível tal separação entre os mais e os menos abastados no contexto social do Recife na segunda metade do século XIX; 2. Identificar a decoração tumular/signo (matéria prima, nobreza e distinção social, antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo, ligados ao fogo, e representação de objetos), esses elementos embasaram os estudos e

tornaram evidentes as condições existentes no processo de distinção social no interior do cemitério. Tanto pela estrutura construtiva, passando pela forma de decoração tumular, quanto pela própria localização dos jazigos no interior do cemitério. 3. Verificar a existência das regularidades ou diferenças que possam representar a “sociedade dos vivos”, neste sentido foram perceptíveis as necessidades de buscar uma análise que alcançasse a todos dos jazigos, de forma que pudessem tornar essa compreensão mais realista. Assim, quando se buscam as semelhanças, se alcança como elemento primordial a busca pela distinção dos mortos perante a sociedade a que sobreveio e, no mesmo sentido, quando se falam das diferenças, se observam que essas estão condicionadas, em muito, pelas diferenças existentes quando o defunto ainda vivia. Portanto, muitas das diferenças e regularidades são perpetuadas após a morte; e 4. Analisar a distribuição espacial dos jazigos no interior do cemitério. Neste ponto, a preocupação esteve na configuração dos jazigos no interior do cemitério, seu desenho arquitetônico já demonstra a separação entre os ricos e os pobres. E, apesar da atuação das irmandades, como citado anteriormente, essa distinção separava as pessoas falecidas de acordo com sua condição na sociedade dos vivos. Esta separação trazia para o mundo dos mortos um reflexo da vida que cada indivíduo possuía durante sua vida.

Assim, quando passamos a buscar um entendimento para o questionamento principal deste trabalho, chegamos ao entendimento de que, por diversas razões, isso é verdadeiro. Percebemos que a elite, ao transferir os sepultamentos das igrejas para o cemitério não se rebelou como ocorreu em Salvador – cemiterada -, mas sim, acabou por fazer-se representar nos jazigos de forma mais exuberante e opulenta economicamente. Essa opulência, por vezes, era mais significativa do que havia sido em vida. Pearson (1982) destaca esse acontecimento ao tratar a figura dos “papeis”¹⁹ em seu trabalho sobre os sepultamentos da época vitoriana em Cambridge, Inglaterra.

Essas condições construtivas aliadas à distribuição e localização dos jazigos demonstram uma necessidade, clara, das elites do Recife em ocuparem o novo espaço como uma garantia da perpetuação de seus nomes de família e de suas lembranças. Portanto, para

¹⁹ Relations between living groups must be seen as relations of influence and inequality where deceased individuals may be manipulated for purposes of status aggrandisement between those groups. Ideology as manifested in mortuary practices may mystify or naturalise those relations of inequality between groups or classes through the use of the past to legitimise the present. (PEARSON, 1982, p. 113)

As relações entre grupos que vivem devem ser visto como relações de influência e da desigualdade onde os indivíduos falecidos podem ser manipulados para fins de engrandecimento de status entre esses grupos. A ideologia que se manifesta em práticas mortuárias podem mistificar ou naturalizar essas relações de desigualdade entre grupos ou classes através do uso do passado para legitimar o presente.

alcançar os resultados, foi necessário entender as alegorias que compunham o processo de decoração dos jazigos e, assim, após interpretá-los, entender a representação desta sociedade para o interior do cemitério.

Algumas questões, entretanto apresentam-se conflitantes durante esta pesquisa. Primeiro a figura feminina e seu papel enquanto elemento inserido socialmente naquela Recife Oitocentista. As discussões de gênero são uma questão a ser ressaltada, já que alguns jazigos apesar de possuírem sepultamentos de indivíduos do sexo feminino muito pouco ou quase nada dizem a esse respeito. Algumas estruturas tumulares, onde se encontram sepultamentos femininos sequer reproduzem os nomes das mulheres lá sepultadas. Esses jazigos fazem referências e destacam, apenas, a ideia da mulher enquanto membro de uma família e vários exemplos contêm termos como: “esposa de...”; em outras, mesmo constando o nome da falecida a ênfase principal está na figura masculina. A figura 25, abaixo, evidencia em seu detalhe, esse fato. É possível, ainda, observar que a sociedade recifense, caracterizada pela figura masculina, dificultava a interação e a integração da mulher no seio social, mesmo as mulheres oriundas das famílias da elite.

Figura 25. Detalhe da ausência do nome da mulher no mausoléu no qual foi sepultada. Jazigo F 58 da Quadra 2 do Quarteirão 13.



Fonte: Filipe Machado, 2017.

A segunda discordância é no que se refere a questão dos aspectos da má conservação e a segurança do espaço público do cemitério de Santo Amaro. No que se refere a má conservação, a deterioração dos jazigos é perceptível e salvo algumas exceções a grande maioria dos jazigos encontram-se degradados. As poucas exceções são exatamente aquelas mantidas pelos seus proprietários.

Desta feita, o que se pode constatar é que a aparência do cemitério é no todo bem desgastada, causando certo desconforto aos seus visitantes. Por isso, é possível encontrar jazigos sem numeração, com as estruturas danificadas, ou mesmo sem nenhuma estrutura. E, quanto mais afastados da entrada principal e da capela mais danificados e mal cuidados esses jazigos se apresentam. Soma-se a isso, a falta de segurança do espaço onde é possível observar a entrada de qualquer pessoa para fazer outras atividades que não a de contemplação do próprio cemitério ou para culto aos falecidos.

Com relação as inovações a que mais se destaca é, sem dúvida, a interpretação da elite recifense através de sua representação da morte. Essa análise transcorreu sob a perspectiva do entendimento do artefato material, desta feita, a utilização dos jazigos e de sua localização. Embora Lima (1994) já tenha realizado trabalho onde discutia questões de caráter social, econômico e cultural no Rio de Janeiro Oitocentista e também, Castro (2007) e Motta (2009) tratem de tema ligado ao cemitério de Santo Amaro, seus trabalhos possuem uma abordagem distinta.

Contudo, várias questões tratadas nesta dissertação necessitam ser aprofundadas por pesquisas posteriores. Uma dessas, diz respeito aos problemas ligados a falta de cuidados que resultou em um ambiente degradado, além das questões de gênero. Outro ponto, diz respeito à administração, assunto que merece ser melhor abordado em outras pesquisas que busquem apresentar uma dinâmica mais adequada as releituras da atualidade e que podem ser designadas a um espaço tão importante para a cidade do Recife quanto o Cemitério de Santo Amaro.

Apesar de todas essas colocações anteriores, se faz necessário destacar que a realização deste trabalho desenvolveu-se de forma a atender todas as exigências acadêmicas para que, ao final, possibilitasse um entendimento mais aprofundado e com uma visão mais dinâmica do processo de implementação e desenvolvimento do cemitério de Santo Amaro. E, além disso, chegar, também, ao entendimento de como esse aparelho urbano e social

modificou a maneira de representação daquela sociedade recifense em suas representações para com a morte.

A nova prática social da veneração aos mortos, agora saía do interior das igrejas para os cemitérios extramuros, o que significou uma alteração também nos padrões dos próprios sepultamentos e na forma na qual a partir dele a individualização de cada indivíduo ou de cada uma das famílias ganhou um significado aparente e diverso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Erika Audet. “**A Articulação dos espaços públicos na paisagem do Recife através da evolução urbana**”. PONTUAL, Virgínia; CARNEIRO, Ana Rita Sá. (Orgs.). História e Paisagem Ensaio Urbanísticos do Recife e de São Luís Recife, Edições Bagaço, 2005.
- ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Arte cemiterial: uma análise dos elementos da arte antiga encontrados nos cemitérios do Rio Grande do Sul**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- _____. **Cemitérios como fonte de preservação histórico-cultural do Brasil: a presença do Egito antigo nos cemitérios**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- ARAÚJO, Rogério Bianchi de. **A Mercantilização da Morte na Sociedade de Consumo**. Habitus, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 341 – 353, Jul./Dez. 2012.
- ARÏES, Philippe. **O Homem Diante da Morte**. São Paulo, Editora Unesp, 2013.
- BELL, Catherine. **Ritual Theory, Ritual Practice**. New York, Oxford University Press, 2009.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia**. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005.
- CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade e NAPPI, Sérgio Castello Branco. **Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST Museologia e Patrimônio, v. 2 n. 2 – Jul./Dez. 2009.
- CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **Os Cemitérios como Índice de Modernidade Urbana**. Habitus, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 39 – 51, Jul./Dez. 2012.
- CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade Rotinas e Rupturas do Escravismo no Recife 1822-1850**. Recife, Editora Universitária UFPE, 2010.
- CASÉ, George. **Formação urbanística do Bairro de Santo Amaro: forma urbana e imagem**. PONTUAL, Virgínia; CARNEIRO, Ana Rita Sá. (Orgs.). História e Paisagem Ensaio Urbanísticos do Recife e de São Luís. Recife: Edições Bagaço, 2005.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC. 1962 – 2008)**. 210 f. Dissertação (Mestrado), Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-CIDADE, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. **Para Cada Morto, a sua Cova: Algumas Restrições para o Sepultamento de Protestantes no Brasil, Século XIX**. Revista Inter-Legere, Florianópolis, Jan./Jun., p. 157 – 172, 2013.

CASTRO, Vanessa Viviane de. **Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. Recife: Fundação da Cultura Cidade do Recife, 2007.

CARDOSO, Airton André Gandon; BARCELOS, Diego Vargas; CARRION, Fábio Aurélio Seco; RIBAS, Juliana Herte. **Cemitérios judaicos de Porto Alegre: uma leitura sociocultural**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

CERQUEIRA, Rafael S. R. **Entre Jazigos e Estratificação Social: Um estudo da Arqueologia Histórica sobre o Cemitério Santa Isabel no Período Oitocentista**. ALLEN, Scott; LOPES, M. Conceição; ETCHEVARNE, Carlos. Arqueologia a Serviço da Cidade. Anais do III Fórum Luso Brasileiro de Arqueologia Urbana. Recife: Editora Universitária, 2013.

Conceitos.com. Neoclássico conceitos, o que é, significado. Disponível em: <http://conceitos.com/neoclassico/>. Acesso em 21 Abr. 2017.

COSTA, Diogo M. **Estudo Mortuários em Arqueologia Pré-histórica e Histórica: de Espelho Etnográfico à Mascara Social**. Goiânia, Habitus, v. 10, n. 1, p. 105-114, Jul./Dez., 2012.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a República**. São Paulo, Editora Unesp, 2010.

COVALEV, S.; DIACOV, V.. **História da Antiguidade**. Terceiro Volume. Roma. São Paulo, Editora Fulgor, 1965.

CROWELL, Elizabeth A. **"Philadelphia Gravestones 1760 – 1820"**. Filadélfia, v. 10, Issue 1, Artigo 3, 1981.

DALMÁZ, Mateus. **Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

- DEAGAN, Kathleen. **Líneas de Investigación en Arqueología Histórica**. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 2, n. 1, p. 63-93, Jan./Jun., 2008.
- DEETZ, James F. e DETHLEFSON Edwin S. **Death's Head, Cherub, Urn and Willow**. Cambridge e Santa Barbara, p. 83 – 89, Originally published in Natural History, v. 76 (3), p. 29 – 37, 1967.
- DULLIUS, Fábio; WAGNER, Gustavo Peretti. **A Maçonaria na arte funerária do Rio Grande do Sul**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- _____. **A arte dos vitrais nos cemitérios cristãos: uma abordagem histórica e temática**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- DUARTE, José Lins. **Recife no Tempo da Maxambomba (1867-1889) O primeiro Trem Urbano do Brasil**. Dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para o Título de Mestre em História, 2005.
- FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de Imagens, Símbolos, Mitos, Termos e Conceitos Bachelardianos**. Londrina, Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013.
- FREITAS, Rosilene Gomes. **Epidemia e poder no Recife imperial**. Recife, CLIO: Revista de Pesquisa Histórica, n. 34.1, p. 185 a 206, 2016.
- FOGELIN, Lars. **Inference to the Best Explanation: A Common and Effective Form of Archaeological Reasoning**. v. 72, n. 4, p. 603 – 625, Fev. 2007.
- FUNARI, P. P. A.. **A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial**. **Arqueologia da Sociedade na America do Sul, Cultura Material, Discurso e Práticas**. ZARANKIN, Adrés e SENADORES, Maria X. (orgs), Buenos Aires, p. 107 – 116, Ediciones Del Trindade, 2002.
- _____. **Teoria e a Arqueologia Histórica: a América Latina e o Mundo**. Vestígios, Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. v. 1, n. 1, p. 19 – 58, Jan./Jun. 2007.
- HALLEY, Bruno Maia. **Dos Moinhos de Açúcar aos Sítios de Arrabaldes: A Formação dos Bairros Continentais na Cidade do Recife**. Recife, Revista de Geografia (UFPE) v. 30, n. 3, p. 58-81, 2013.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- JUNG, Cari G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977.

- KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos das origens ao século XXI*. São Paulo, Editora Contexto, 2011.
- LEITE, Daniel T. Meirelles. **Alegorias nos cemitérios do Rio Grande do Sul**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia*. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- _____. **Nobreza e morte**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia*. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- LIMA, Tânia Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)**. São Paulo, *Anais do Museu Paulista*, v.2, p. 87 – 150, 1994.
- MOTTA, Antônio. **À Flor da Pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. **Funerais entre os Bororós. Imagens da refiguração do mundo**. *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, v. 49 n. 1. p. 283 – 315, 2005.
- ORSER, Charles E. Jr. **Rumo a Uma Arqueologia Histórica Global: Um Exemplo do Brasil**. *Vestígios, Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. v. 6. n. 2. Jul./Dez., p. 185-215, 2012.
- PEARSON, M. Parker. **Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study. Symbolic and Structural Archaeology (New Directions in Archaeology)**. Cambridge, University Press, p. 99 – 114, 1982.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- PONTUAL, Virgínia. **“Experiências urbanísticas e representações de cidade: o Recife civilizado”**. PONTUAL, Virgínia; CARNEIRO, Ana Rita Sá. (Orgs.). *História e Paisagem Ensaio Urbanísticos do Recife e de São Luís*. Recife, Edições Bagaço, 2005.
- RIBEIRO, Darcy. **“Gilberto Freyre: uma introdução à Casa Grande e Senzala”** Freyre, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil-1*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2001.
- RIGO, Kate Fabiani. **Fotografias Cemiteriais**. BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia*. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- REIS, João José. **A Morte é uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Dês)encantos Modernos. Histórias da cidade do Recife na década de 1920.** Recife, Editora UFPE, 2016.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das Práticas Funerárias Uma Abordagem Historiográfica.** São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos Vivos. Tradição e transformação fúnebre no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura. Rio de Janeiro. 1995.

_____. **Lugares dos mortos na cidade dos Vivos. Tradição e transformação fúnebre no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura. Rio de Janeiro. 1997.

RODRIGUES, Cláudia; BRAVO, Milra. **Morte. Cemitério e Hierarquia no Brasil Escravista (Séculos XVIII e XIX).** Goiânia, Habitus, v. 10, n. 1, p. 3-19, Jul./Dez., 2012.

SCHWARCZ, Lilia M.; ATARLING, Heloisa M. **Brasil Uma Biografia.** São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

SEED, Patricia. **Cerimônia de Posse na Conquista Europeia do Novo Mundo (1492-1640).** São Paulo, Editora UNESP, 1997.

SILVA, Deuzair J. A **(Re)Invenção do Fim: Lugares, Ritos e Secularização da Morte em Goiais no Século XIX.** Natal, Revistainter-legere, p. 249-273, Jan./Jun., 2013.

SILVA, S.F.S.M.. **Arqueologia Funerária: Corpo, Cultura e Sociedade. Ensaio sobre a interdisciplinaridade arqueológica no estudo das práticas mortuárias.** Recife, Editora Universitária – UFPE, 2014.

_____. **Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões.** São Paulo, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 15-16: 113-138, 2005-2006.

SILVA, Sergio Roberto Rocha da. **Matteo Tonietti e a tipologia zoomórfica em Rio Grande.** BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial.** Tese apresentada no programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para o Grau de Doutor em História, 2002.

STEYER, Fábio Augusto. **Representações e manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul.** BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

TRIGGER, Bruce G. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo. Odysseus Editora. 2011.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle**. Paris: A. Morel Éditions, 1867-1870. CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade e NAPPI, Sérgio Castello Branco. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo, 2009.

Casa de Osvaldo Cruz. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/3x7tj>. Acesso em 22 mai. 2017. **Santa Casa de Misericórdia**. Disponível em: <http://www.santacasarecife.org.br/unidades/hospital-santo-amaro/>. Acesso em 22 mai. 2017.

1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2
F6	F3	F51	F24	F14	F12	F11	F8			
1864	1888	1863	1876	1880	1876	1887/1889	1864			
Secundário	Primário	Secundário	Primário	Primário	Primário	Primário	Primário			
Ossuário	Túmulo	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo			
Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Coletivo (2)	Individual			
Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino			
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo			
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore, pedra.	Alvenaria, granito, mármore e ferro.	Granito, mármore, pedra e ferro	Alvenaria e mármore			
Texto/Doutor	Texto/Comendador	-	Texto/Comendador	Texto/Barão	-	-	Texto/Coronel			
Figura de anjo	Figura feminina	-	-	-	Figura feminina	-	-			
-	-	-	-	-	-	-	-			
Folha e ramo de papoula, Folha e ramo de oliveira e guirlanda/coroa de flores.	Folha e ramo de oliveira e folha e ramo de palma	-	-	Guirlanda/Coroa de Flores e flores	Guirlanda/Coroa de Flores e flores	Guirlanda/Coroa de Flores e flores	-			
Tocha invertida	-	-	Tocha invertida	-	-	-	-			
-	Cruz e panejamento	Cruz	-	Panejamento	Urna/panejamento	Cruz e pirâmides	-			
-	Em baixo relevo	Cruz em baixo relevo / Má conservação.	Má conservação.	Barão de Benfica	-	-	Coronel			

1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
F24	F22	F20	F18	F16	F12	F10	F8		
1886	1861/1862/1870	18??	1863/1893	1856	1859	1862/1866	1856		
Primário	Primário	Secundário	Primário	Primário	Secundário	Secundário	Secundário		
Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Ossuário	Ossuário		
Individual	Coletivo (3)	Individual	Coletivo (2)	Individual	Individual	Coletivo (2)	Individual		
Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino		
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo		
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e pedra.	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria e mármore		
Texto/Coronel	-	-	-	-	-	-	-		
-	Figura feminina e asas	Figura de anjo	Asas	-	Figura de anjo	Figura de anjo	-		
Pata de leão	-	-	-	-	-	-	-		
Folha e ramo de papoula, Folha e ramo de parreira e Guirlanda/corça de flores.	Guirlanda/Corça de Flores	Folha e ramo de oliveira	-	Guirlanda/Corça de Flores	Guirlanda/Corça de Flores	Guirlanda/Corça de Flores	-		
-	Pira	-	-	-	-	Pira e tocha invertida	Chamas		
Urna, ampulheta e Brasão.	Ampulheta e panejamento	-	Ampulheta	Panejamento	Panejamento	-	Cruz		
Coronel	-	-	-	-	Obra realizada pelo Hospital português em homenagem ao falecido.	Estrutura de metal, quadrada no topo com uma guirlanda em cada lado.	Criança.		

1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
F77	F75	F73	F67	F63	F63	F50	F39	F28	F28
1865	1866/1842/1850/1870/1872	1869/1881/1883	1880	1898	1898	1899	1857/1871	1855/1893	1855/1893
Secundário	Primário e secundário	Secundário	Secundário	Primário	Primário	Secundário	Primário	Primário	Primário
Ossuário	Túmulo e ossuário	Ossuário	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo
Individual	Coletivo (5)	Coletivo (3)	Individual	Individual	Individual	Individual	Coletivo (2)	Coletivo (2)	Coletivo (2)
Feminino	Masculino e feminino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino e feminino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.
-	-	-	Texto/Capitão de Fragata	-	-	-	-	-	-
-	Figura de anjo	Figura de anjo	-	Figura feminina	Figura feminina	-	-	Figura de anjo	Figura de anjo
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	Folha e ramo de oliveira	Guirlanda/Coroa de Flores e flores	-	Guirlanda/Coroa de Flores e ramo de oliveira	Guirlanda/Coroa de Flores e ramo de oliveira	-	-	-	-
-	-	Tocha invertida	-	Pira	Pira	-	-	-	-
-	Cruz	Cruz	Cruz	Busto e Vaso	Busto e Vaso	-	-	-	-
-	Flores e cruz em baixo relevo	Flores e cruz em baixo relevo	Capitão de Fragata	Túmulo de José Mariano	Túmulo de José Mariano	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	Possui detalhes no topo do túmulo semelhante a um objeto fitomorfo.

1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
F1	F68	F25	F23	F22	F21	F19	F17			
1895	1867	1866/1867/1899	1867	1856	1855/1866/1839	1855/1869/1872	1855/1854			
Primário	Primária	Primário	Primário	Secundário	Primário e secundário	Primário	Primário e secundário			
Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Túmulo e ossuário	Túmulo	Túmulo e ossuário			
Individual	Individual	Coletivo (3)	Individual	Individual	Coletivo (3)	Coletivo (3)	Coletivo (2)			
Masculino	Feminino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino e feminino			
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo			
Alvenaria e mármore	Alvenaria e granito	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore			
Texto/Doutor	-	-	Texto/Comendador	Texto/Comendador	Texto/Barão	-	-			
-	-	Figura de anjo	Figura de anjo	-	-	-	-			
-	-	-	-	Patas de leão	-	-	-			
-	-	-	Guirlanda/Coroa de flores	-	Guirlanda/Coroa de flores	-	-			
-	-	Tocha invertida	-	-	-	-	-			
Busto	-	Caveira	Vaso, panejamento e Urna	Urna	Vaso e Cruz	Cruz	-			
-	-	-	Comendador / Urna funerária	Comendador	Túmulo do Barão de Beberibe / mulher nascida em Portugal e falecida em Paris em 1939 e transladada / Sarcófago	Cruz em baixo relevo.	-			

1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
6	6	6	5	5	5	5	5	5	5
F49	F12	F4	F3	F47	F22	F9	F4		
1859	1852	1987	1863	1855	1857/1878	1856	1897/1894		
Primário	Primário	Secundário	Secundário	Primário	Primário	Primário	Primário e secundário		
Túmulo	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo e ossuário		
Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Coletivo (2)	Individual	Coletivo (2)		
Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino		
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo		
Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria	Mármore e granito	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria e mármore		
Texto/ Negociante	-	-	-	-	Texto/Comendador	Texto/Tenente Coronel	-		
-	-	-	Figuras de santos	-	-	Asas	-		
Patas de leão	-	-	-	-	-	Serpentes	-		
-	-	-	-	-	-	Guirlanda/Coroa de Flores	-		
Urna e crânio	Cruz	Cruz	Vasos	-	-	Urna, Arpúlhetta	Vaso		
Negociante	Nascido em Paris	Nascido em Paris	Má conservação / Imagem de Jesus e Maria	-	Comendador	Tenente Coronel	Vaso no topo		

1	1	1	1	1	1	1	1	1
12	12	11	11	11	11	9	8	
F6	F3	F55	F53	F30	F56			
1873/1871	1867/1890	1894	1899	1894	1871		1855/1888	
Secundário	Secundário	Primário	Primário	Primário	Primário		Primário	
Ossuário	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo		Túmulo	
Coletivo (2)	Coletivo (2)	Individual	Individual	Individual	Individual		Coletivo (2)	
Masculino e feminino	Masculino e feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino		Masculino	
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo		Perpétuo	
Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore		Alvenaria e mármore	
-	Texto/Tenente	-	Texto/Baronesa	-	-		-	
Asas	-	-	-	-	-		-	
-	-	-	-	-	-		-	
Folha e ramo de oliveira, Folha e ramo de pereira e Folha e ramo de palmeira.	-	-	Guirlanda/Coroa de Flores e flores	Guirlanda/Coroa de flores	Guirlanda/Coroa de flores		Guirlanda/Coroa de flores	
-	-	-	-	-	-		-	
Ampulheta	Livro, Cruz, Ancora e espada.	-	Cruz e brasão	-	Panejamento		Cruz	
-	Tenente / Militar morto na Guerra do Paraguai	-	Barão de Campo Alegre / sepultamento da Baronesa de Campo Alegre	-	Restaurado pela prefeitura do Recife.		Sem Identificação Neste túmulo encontra-se os restos mortais de D. Leonor Porto, membro do Clube do Cupim.	

1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
12	12	12	12	12	12	12	12	12	12
F62	F42	F21	F18	F16	F13	F10	F9		
1846	1871	1871/1881	1871	1871	1870/1875/1886	1869/1881	1969		
Secundário	Primário	Primário	Primário	Primário	Secundário	Primário	Secundário		
Ossuário	Túmulo	Mausoléu	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Túmulo	Ossuário		
Individual	Individual	Coletivo (2)	Coletivo (2)	Individual	Coletivo (3)	Coletivo (2)	Individual		
Feminino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino		
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo		
Alvenaria e mármore	Alvenaria	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e granito	Mármore		
-	-	Texto/Barão e Coronel	-	-	-	Texto/Corregedor	Texto/Conselheiro e Barão		
-	-	Figura feminina	Figura de anjo	-	-	-	Figuras de anjos (5)		
-	-	-	-	-	-	-	-		
-	-	Guirlanda/Coroa de Flores	-	-	-	-	Flores		
-	-	-	-	-	-	-	-		
-	-	Cruz e crânio	Estrela e Cruz	Urna	-	-	Cruzes e panejamento		
-	-	Barão de Serinhaem / Coronel / Estilo Gótico.	Barão de Serinhaem / Coronel / Estilo Gótico.	-	-	Corregedor da Santa Casa de Misericórdia.	Barão de Itamaracá / Nascido em Recife e falecido em Lisboa.		

2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1
13	13	13	13	13	13	13	13	13	12	12
F14	F10	F9	F6	F2	F1	F64	F66	F64	F66	F64
1859	1861	1864	1864/1861/1865/1866	1860	1854	1824/1840/1884	1849	1824/1840/1884	1849	1824/1840/1884
Primário	Secundário	Primário	Primário e secundário	Primário	Primário	Primário e secundário	Secundário	Primário e secundário	Secundário	Primário e secundário
Túmulo	Ossuário	Túmulo	Túmulo e ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo e ossuário	Ossuário	Túmulo e ossuário	Ossuário	Túmulo e ossuário
Individual	Individual	Individual	Coletivo (4)	Individual	Individual	Coletivo (3)	Individual	Coletivo (3)	Individual	Coletivo (3)
Masculino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino e feminino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria, mármore e granito.	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e granito.	Granito	Alvenaria, mármore e granito.	Alvenaria, mármore e granito.	Granito	Alvenaria e mármore	Granito	Alvenaria e mármore
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Texto/Comendador
-	Figura feminina	Figura feminina	Figura de anjo	-	Figura de Santo	-	-	-	-	-
-	-	Cão	-	-	-	-	-	-	-	Patas de leão
-	-	Flores	Folha e ramo de oliveira	-	-	-	Guirlanda/Coroa de flores	Folha e ramo de ramo de oliveira	-	Folha e ramo de ramo de oliveira
-	Tochas invertidas	Tocha invertida e tocha	-	-	-	-	Chama	-	Chama	-
Urna e panejamento	Urna	Banco e livro	Cruz, ossos e crânio	-	Coluna	-	Panejamento	Cruz e obeliscos	Panejamento	Cruz e obeliscos
Sem identificação	-	Sem identificação	-	Criança.	Santa Terezinha.	-	Urna.	Comendador.	Urna.	Comendador.

2	2	2	2	2	2	2
I3	I3	I3	I3	I3	I3	I3
F59	F58	F25	F23	F20	F18	
1877/1879	1900	1856	1862	1864/1867	1880/1884/1887	
Primário	Primário	Primário	Primário	Secundário	Secundário	
Mausoléu	Mausoléu	Túmulo	Túmulo	Osuário	Osuário	
Coletivo (2)	Coletivo (2)	Individual	Individual	Coletivo (2)	Coletivo (3)	
Masculino e feminino	Masculino e feminino	Masculino	Feminino	Masculino e feminino	Feminino	
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	
Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore, granito e ferro.	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	
Texto/Barão	-	-	Texto/Comendador	Texto/Desembargador	-	
Figura feminina, figura masculina e mãos.	Figura de anjo	-	Figura de anjo	Figura de anjo e asas	-	
-	-	-	-	-	-	
Guirlanda/Coroa de Flores e flores	Flor de lótus	Guirlanda/Coroa de Flores, ramo de oliveira	Folha e ramo de oliveira	Guirlanda/Coroa de Flores	Guirlanda/Coroa de flores e ramo de papoula	
Tocha invertida	-	Tocha invertida	-	-	Tocha invertida	
Cruz	Livro, vaso, cruz e coluna.	Urna	Livro e uma	Ampulheta, cruz e Lápide.	-	
Sem identificação Barão de Mecciana	-	-	Comendador	Desembargador.	-	

2	2	2	2	2	2	2	2
14	14	14	14	13	13	13	13
F9	F7	F5	F1	F63	F62	F60	F60
1864	18??	1858	1855/1880/1892	1887/1884	1895/1899	1899	1899
Secundário	Primário	Primário	Primário	Primário e secundário	Primário	Primário	Primário
Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo e ossuário	Túmulo	Mausoléu	Mausoléu
Individual	Não Identificado	Individual	Coletivo (2)	Coletivo (2)	Coletivo (2)	Individual	Individual
Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria e mármore	Alvenaria e granito	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria, mármore e granito.	Alvenaria, mármore, granito e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.
-	-	Texto/Comendador	-	-	Texto/Coronel	-	-
Figura de santo	Figura de santo	Figura feminina e asas	-	-	-	-	-
-	-	Serpente	-	-	-	-	-
-	-	Guirlanda/Coroa de flores	Flores	Guirlanda/Coroa de Flores e flores	Guirlanda/Coroa de Flores e Folha e ramo de oliveira	Flores, Folha e ramo de parreira e flor de lótus.	Flores, Folha e ramo de parreira e flor de lótus.
-	-	-	-	-	-	-	-
Ampulheta e vaso	-	Ampulheta	Vaso e cruz	-	Cruz e vaso	Cruz e entefe	Cruz e entefe
-	Sem identificação Congregação das Irmãs Dorotéias do Brasil	Sem identificação	-	-	Sem identificação	-	-

2	2	2	2	2	2	2	2
14	14	14	14	14	14	14	14
F36	F22	F21	F20	F19	F15	F11	
1885	1866	1842	1856/1870	1852	1863/1869/1873	1862	
Primário	Primário	Secundário	Secundário	Primário	Primário	Primário	
Túmulo	Túmulo	Ossuário	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	
Individual	Individual	Individual	Coletivo (2)	Individual	Coletivo (3)	Individual	
Masculino	Masculino	Feminino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	
Pedra	Alvenaria e mármore	Alvenaria	Alvenaria, mármore, granito e ferro.	Mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	
-	-	-	-	-	-	-	
-	-	-	-	Figura masculina, figura feminina, figura de criança e asas	-	-	
-	-	-	Pata de leão	Mariposa	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	
-	-	-	Tochas invertidas	Tocha	-	-	
Fotografia	-	-	-	Busto, banco, coluna, ampulheta e panejamento.	Cruz	-	
-	-	Sem identificação Em forma de pirâmide	Família estrangeira	Sem identificação	-	-	

2	2	2	2	2	2	2	2
17	15	15	15	15	15	15	15
F38	F40	F29	F12	F6	F3	F2	F2
1835	1883/1898	1861	1896	1888	1858	1849	1849
Primário	Primário	Secundário	Primário	Primário	Primário	Secundário	Secundário
Mausoléu	Túmulo	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Ossuário
Individual	Coletivo (2)	Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Individual
Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria, mármore e ferro.	Granito	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria e mármore	Mármore e ferro	Alvenaria, mármore e ferro	Alvenaria, mármore e ferro
-	-	-	Texto/Barão de Petrolina	Texto/Barão	-	Texto/Desembargador	Texto/Desembargador
Asas	-	Figura de anjo	Figura de anjo e figura feminina	Figura feminina	-	-	-
-	-	Conuja	-	Cão	-	-	-
-	-	Guirlanda/Coroa de flores e rosa	Folha e ramo de palma	Folha e ramo de palma	-	-	-
-	-	Tocha invertida	-	Tocha	-	-	-
Cruz e ampulheta	-	Cruz, vaso e panejamento.	Cruz	Livro, banco e cruz	Cruz	Coluna, vaso, panejamento, pena e papiro	Coluna, vaso, panejamento, pena e papiro
-	Encoberto pela vegetação	-	Barão de Petrolina	Barão de Taquaritinga	Túmulo quebrado	Desembargador	Desembargador

2	2	2	2	2	2	2	2
18	18	18	18	18	18	18	17
F74	F39	F20	F14	F8	F5	F40	F40
1853	1854	1869	1872/1890	1872	1868/1886	1872	1872
Secundário	Primário	Primário	Primário	Primário	Primário e secundário	Primário	Primário
Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Mausoléu	Túmulo e ossuário	Túmulo	Túmulo
Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Coletivo (2)	Individual	Individual
Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria, mármore, granito e ferro.	Mármore e ferro	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore
-	-	-	-	Texto/Doutor	-	-	-
-	Figura de anjo	Figura feminina	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-
-	Flores, Folha e ramo de oliveira e Folha e ramo de parreira.	Arvore, flor e guirlanda/Coroa de Flores	-	Guirlanda/Coroa de Flores	-	-	-
-	Tocha invertida	Tocha invertida	-	-	-	-	-
-	Enfeite	Vaso, Cruz, urna e panejamento.	Urna	Brasão	Vaso e panejamento	Cruz	Cruz
-	-	-	-	-	-	-	-

2	2	2	2	2	2	2	2	2
23	23	F13	23	21	21	20	18	
F46	F14	F11	F16	F22	F50	F76		
1867	1889	1890	1854	1900	1888	1866		
Secundário	Primário	Secundário	Secundário	Secundário	Primário	Primário		
Ossuário	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Ossuário	Túmulo	Túmulo		
Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Individual		
Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino		
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo		
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.		
-	-	-	-	-	-	-		
-	-	-	Figura de anjo	-	-	-		
-	-	-	-	-	-	-		
Folha e ramo de papoula	-	Guirlanda/Coroa de Flores	Folha e ramo de papoula	Folha e ramo de parreira e flores	-	-		
-	-	Chama	-	-	-	-		
-	-	Espada, pena, estrela	Caveira	Cruz	Cruz	Anpuilheia e cruz		
-	-	Sem identificação	-	-	-	Comendador		

3	3	3	3	3	3	
26	26	26	26	26	25	25
F9	F5	F2	F1	F20	F16	F16
1861/1877	1862	18??	1900	1863	1867	1867
Secundário	Secundário	Primário	Primário	Primário	Primário	Primário
Ostário	Ostário	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo	Túmulo
Coletivo (2)	Individual	Coletivo	Individual	Individual	Individual	Individual
Masculino e feminino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Mármore e granito
-	-	-	-	Texto/Comendador	-	-
Figura de anjo, figura feminina.	Asas	-	Figura masculina, figura feminina e asas.	Figura de anjo, figura feminina e figura de criança.	Figura de anjo	Figura de anjo
-	-	-	-	-	Comija	Comija
Folha e ramo de oliveira, Folha e ramo de papoula, Folha e ramo de palma e Guirlanda/Coroa de Flores.	Flores	-	Folha e ramo de parreira, flores e Guirlanda/Coroa de flores	Folha e ramo de papoulas e Folha e ramo de parreira	Guirlanda/Coroa de Flores	Guirlanda/Coroa de Flores
-	-	-	-	-	Tochas invertidas	Tochas invertidas
Cruz	Ampulheta	-	Cruz, coluna e ampulheta.	Cruz, Coluna, Vaso e Brasião.	Cruz e vaso	Cruz e vaso
-	-	Túmulo com várias inscrições, mas sem datação definida, mas é claro que é do século XIX	-	Sem identificação	-	-

3	3	3	3	3	3	3	3
27	26	26	26	26	26	26	26
F2	F21	F20	F19	F15	F13	F11	F11
1855	1881	1856	1866/1861	1856	1860/1896	1861	1861
Primário	Secundário	Primário	Secundário	Secundário	Primário	Primário	Primário
Túmulo	Ossuário	Túmulo	Ossuário	Ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo
Individual	Individual	Individual	Coletivo (2)	Individual	Coletivo (2)	Individual	Individual
Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria, mármore, ferro e cerâmica.	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore
-	-	Texto/Comendador	-	-	-	Texto/Comendador	Texto/Comendador
-	-	Figura feminina	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	Flores e rosa	Flores e rosa
-	-	-	-	-	-	Tochas e tochas invertidas	Tochas e tochas invertidas
-	Vaso e panejamento	-	-	Urna e panejamento	Cruz	Cruz, cálice, vaso e panejamento.	Cruz, cálice, vaso e panejamento.
-	-	Comendador	-	Especifica o depósito das cinzas do falecido	-	Comendador	Comendador

4	4	4	4	4	4	3
40	40	40	35	35	35	27
F17	F13	F1	F128	F126	F1	F3
1859	1874	1863	1899	1899	1855/1868/1870	1851
Primário	Primário	Primário	Secundário	Secundário	Primário	Primário
Túmulo	Túmulo	Túmulo	Ossuário	Ossuário	Túmulo	Túmulo
Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Coletivo (3)	Individual
Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria e mármore	Alvenaria, mármore e ferro.	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore
Texto/Tenente Coronel	-	-	-	-	-	-
-	Figura de anjo, figura feminina	Figura feminina e asas	-	-	-	-
Pomba	-	Serpente	-	-	-	-
Folha e ramo de oliveira e guirlanda/Coroa de Flores	Folha e ramo de parreira	Rosas e Folha e ramo de parreira	Folha e ramo de parreira	Guirlanda/Coroa de Flores	-	-
-	-	Tochas invertidas	-	-	-	-
-	Urna, vaso, panejamento e colunas.	Cruz e ampulheta	-	Cruz	Cruz	-
Tenente Coronel	-	-	Jazigo em forma de gaveta	Jazigo em forma de gaveta	-	-

4	4	4	4	4	4	4	4	4
41	41	41	41	41	41	41	41	40
F12	F9	F7	F5	F3	F1	F19		
1858	1863	1886/1858/1880/1884	1846	1860	1860	1860		1860
Secundário	Primário	Primário e secundário	Primário e secundário	Primário	Primário	Primário		Primário
Ossuário	Túmulo	Túmulo e ossuário	Túmulo e ossuário	Túmulo	Túmulo	Túmulo		Túmulo
Individual	Coletivo (2)	Coletivo (4)	Individual	Individual	Individual	Individual		Individual
Masculino	Masculino	Masculino e feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino		Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo		Perpétuo
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore		Alvenaria, mármore e ferro.
-	Texto/Tenente Coronel e Major	-	Texto/Comendador	Texto/Visconde	Texto/Major	Texto/Tenente Coronel		
Figura de anjo	-	-	-	-	-	-		-
-	-	-	Patas de leão	Patas de leão	-	-		-
Folha e ramo de papoulas	Folha e ramo de oliveira e Guirlandas/Coroa de Flores	Folha e ramo de parreira	Guirlanda/Coroa de Flores	Folha e ramo de papoulas, Folha e ramo de parreiras e Guirlandas/Coroa de Flores.	-	-		-
Tochas invertidas	-	-	-	-	-	-		-
Vaso	Vaso	Cruz	Urna	Urna	Urna	Urna		Urna
-	Tenente Coronel e Major	-	Comendador	Visconde do Livramento	Major	Tenente Coronel		

Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade	4	4	4
Sacramento da Boa Vista	Ordem 3ª de São Francisco	Ordem 3ª de São Francisco	Ordem 3ª de São Francisco	Passo	Passo	41	41	41
						F18	F17	F14
1859	1860	1862	1850	1850	1850	1857/1872	1860/1869	1858
Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	Primário	Primário
Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário	Túmulo	Túmulo
Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Coletivo (2)	Coletivo (2)	Individual
Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore
Texto/Comendador								Texto/Senador
-	Figura de anjo	Figura de anjo						
-		Conjua						
-		Folha e ramo de oliveira						
-	Tocha invertida, chama, pira e lamparina	Pira						
-	Cruz e vaso	Cruz, panejamento e vaso.				Cruz		Urna e panejamento
Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Sacramento da Boa Vista / Comendador	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade da Ordem 3ª de São Francisco	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade da Ordem 3ª de São Francisco	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Passo	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Passo	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Passo			Sem identificação Senador da República

Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade
Carmo	Conceição dos Militares	Município do Recife	Santa Rita	Sacramento da Boa Vista	Sacramento da Boa Vista	
1891	1879	1887	1877	1860	1860	
Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	Secundário	
Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário	
Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	Individual	
Masculino	Masculino	Não Identificado	Masculino	Masculino	Masculino	
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	
-	-	-	-	-	-	
-	-	-	-	Figura de anjo	Figura de anjo	
-	-	-	-	-	-	
Guirlanda/Coroa de Flores	-	-	Guirlanda/Coroa de Flores	Guirlanda/Coroa de Flores	-	
-	-	-	-	-	Lamparina	
-	-	-	Cruz	-	-	
Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Carmo	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade Conceição dos Militares	Sem identificação Município do Recife	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade de Santa Rita	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Sacramento da Boa Vista	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Sacramento da Boa Vista	

Irmandade	Irmandade	Irmandade	Irmandade
Esprito Santo	Soledade	Soledade	Soledade
1898	1894	1894	1894
Secundário	Secundário	Secundário	Secundário
Ossuário	Ossuário	Ossuário	Ossuário
Individual	Individual	Individual	Individual
Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo	Perpétuo
Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore	Alvenaria e mármore
-	-	-	-
-	-	-	-
-	-	-	-
Folha e ramo de papoulas	Guirlanda/Coroa de Flores	Guirlanda/Coroa de Flores	Guirlanda/Coroa de Flores
-	-	-	-
Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade do Espírito Santo	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade da Congregação	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade da Soledade uma das datas esta com o ultimo número ilegível	Sem identificação Túmulo das Irmandades - Irmandade da Soledade